

**Nilton E. Herbes  
Iuri Andréas Reblin  
Marcelo Ramos Saldanha**

# **TEOLOGIA PRÁTICA**

**O PENSAR TEOLÓGICO EM  
TEMPOS SOMBRIOS**



Nilton Eliseu Herbes  
Iuri Andréas Reblin  
Marcelo Ramos Saldanha

# Teologia Prática

O pensar teológico em tempos sombrios

São Leopoldo

2020

© 2020 Faculdades EST

Faculdades EST

Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho

93.010-050 – São Leopoldo – RS – Brasil

Tel.: +55 51 2111 1400

Fax: +55 51 2111 1411

www.est.edu.br | est@est.edu.br



Esta obra foi licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial- Sem Derivados 3.0 Não Adaptada.

#### Reitor

Wilhelm Wachholz

#### Conselho Editorial ad hoc

Euler Renato Westphal (Univille) |

Simone Loureiro Brum Imperatore

(ULBRA) | Lori Altmann (UFPel) |

Georgina Helena Lima Nunes (UFPel) |

Roberto Ervino Zwetsch (Faculdades

EST) | David Mesquiati de Oliveira

(Faculdade Unida de Vitória) | Edla

Eggert (PUCRS) | Dion A. Forster

(Stellenbosch University) | Oneide

Bobsin (Faculdades EST) | Kathleen

Luana de Oliveira (IFRS).

**Capa e diagramação:** Marcelo Ramos Saldanha.

**Revisão:** das pessoas autoras.

Esta é uma publicação sem fins lucrativos, disponibilizada gratuitamente no Portal de Livros Digitais da Faculdades EST, bem como outros espaços.

Os textos publicados neste livro são de responsabilidade de seu autor, tanto em relação ao respeito às normas técnicas e ortográficas vigentes e à idoneidade intelectual (respeito às fontes) quanto acerca do copyright. Qualquer parte pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314h Teologia prática : o pensar teológico em tempos sombrios / Nilton E. Herbes, Iuri Andréas Reblin, Marcelo Ramos Saldanha [orgs.] – São Leopoldo: Faculdades EST, 2020.

152 p. : il.

ISBN 978-65-88074-0-6

E-book, PDF.

1. Teologia prática. 2. Igreja e o mundo. I. Herbes, Nilton E. II. Reblin, Iuri Andréas. III. Saldanha, Marcelo Ramos. IV. Faculdades EST. V. Título.

CDD 230

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## Sumário

Apresentação da série .....	7
<i>Juri Andréas Reblin; Marcelo Ramos Saldanha</i>	
Apresentação .....	11
<i>Nilton Eliseu Herbes</i>	
A base teológica e doutrinal da Cartilha de Orientação Política da CNBB 2018.....	16
<i>Ludinei Marcos Vian</i>	
A importância da utilização das ferramentas de gestão para as igrejas protestantes .....	34
<i>Francys Resstel del Hoiyo</i>	
A utilização do coaching como tecnologia para o desenvolvimento da inteligência espiritual em lideranças empresariais:.....	46
<i>Ricardo de Castro Gonçalves</i>	
Pedagogia Social e Mimetismo Teológico.....	96
<i>Beatriz Alice Kullmann de Souza</i>	
O encontro com o sagrado gera uma dinâmica de amor .....	108
<i>Assunta Romio</i>	
A importância da relação da espiritualidade com a saúde.....	128
<i>Hiranara Freitas dos Santos; Nilton Eliseu Herbes</i>	
Índice onomástico .....	149





## Apresentação da série

O pensar teológico em tempos sombrios

### Política

A política se refere a nossas ações de **coletividade**, à **convivência** com a diferença e a **ações estratégicas** em prol do bem comum. A política tem a ver com como nós nos relacionamos uns com os outros apesar de nossas diferenças e em respeito a nossas **diferenças**. Pensar sobre política envolve o debate sobre como modos de ação, organização, decisões humanas possibilitam a liberdade ou a exploração, a autonomia ou a dependência. É mais do que compreender processos e **sistemas de governabilidade** existentes.

O contexto político nacional e internacional tem refletido dificuldades políticas. Ações políticas têm sido fortalecidas por situações de **opressão e violência**. Mesmo em contextos democráticos são perceptíveis limitações e violências semelhantes a contextos **ditatoriais e totalitários**. Os modos de organização e gestão políticas têm se mostrado frágeis quando se trata de perguntar pela **vida** de inúmeras pessoas. Assim, pensar política é pensar o quanto nós estamos nos aniquilando e o quanto nós não estamos conseguindo **conciliar e dialogar** com as diferenças. Política tem a ver com **democracia**, com repensar constantemente processos democráticos e suas limitações, com revisitar histórias ditatoriais.

**Religião e política** sempre se envolveram ao longo da história, mediadas pelo discurso do **poder**. O entrelaçamento

religião-política demonstra-se complexo e não isento de violências e violações. De uma forma ou outra, religiões são ou sujeitos ou objetos de acontecimentos políticos, seja quando religiões impõem ações coletivas, seja quando motivam pensamentos e preconceitos contra a diferença, seja quando promovem a reflexão sobre a **vida pública** e a **luta por direitos**. Religiões não estão fora de ações e decisões políticas. Nesse sentido, a política demanda uma reflexão como parte do mundo, como **responsabilização pelo mundo**. Se política é convivência com as diferenças, uma teologia crítica e autocrítica também assume **comprometimentos políticos**. É imperativo que política e, nela, democracia se tornem pauta de reflexão teológica.

## ESTÉTICA

Em sua compreensão histórica, estética não é mera aparência, forma ou obras belas para a contemplação. A **experiência estética** não pode ser compreendida, se houver separação entre racionalidade e sensibilidade. Estética refere-se a **experiências, relações, significações, expressões, interpretações**. Pela experiência estética, há uma relação entre quem experimenta/interpreta e o que é experimentado/interpretado. Trata-se de convertermos nosso olhar sobre a **realidade**. Estética tem a ver com provocar o nosso olhar para um convite a permanecemos juntos às coisas, num **reencontro com o mundo**. Pela experiência estética, é possível rompermos com a condição de descartabilidade da vida. A experiência estética envolve **arte** em todas as suas expressões: **música, poesia, teatro, dança, escultura, arquitetura, literatura, cinema, quadrinhos**.

A obra de arte **testemunha o mundo**, desvela-o. Ela permite um **voltar ao mundo**, afirmando a **temporalidade** e a **fragilidade** do acontecer do ser. A relação com a obra de arte é sempre um **acontecimento** gestado e em **gestação**, pleno, significativo, comprometido, único, acabado e aberto. Assim, é possível perceber que as tentativas de generalizar a experiência estética destroem justamente a **liberdade**, a **autenticidade**, a **criatividade**; tentam prender o **mistério**, padronizar a experiência numa única lógica, categorizar **modos de pensar e sentir**, enquadrar o olhar. As diversas formas de arte constituem em uma



reorientação ao habitar o mundo. Por isso, estética é conjugada com ética = ESTÉTICA.

As experiências estéticas constituem parte indelével das **histórias das religiões** (as músicas, os ritos, os mitos, os vitrais, as peças teatrais, as artes). Por meio de um olhar teológico às expressões artísticas e às experiências estéticas, há a possibilidade de um **questionamento crítico** dos modelos de racionalidade e de ciência existentes. Como **discurso humano** acerca da **esperança**, como denúncia de violências e violações que ferem a convivência e anúncio de **símbolos de beleza** e de uma realidade ausente, o saber teológico se conjuga com ética e estética.

## Direito

Pensar sobre direito remete à preocupação com as **condições da vida** e com a **qualidade das relações** existentes no **espaço público**. O direito vai além dos **sistemas jurídicos**. No cenário político, temos testemunhado inúmeras violências e violações. Logo, pensar sobre direito traz o enfoque nos **direitos humanos**, nas **lutas sociais**, no clamor por justiça, na percepção das **desigualdades**, na desconstrução de lógicas de exploração e opressão. No amplo contexto dos direitos humanos, precisamos nominar as lutas contra o **sexismo**, o **racismo**, a **homofobia**, a **exploração ambiental** e outras formas de degradação do mundo.

Infelizmente, as religiões são **violadoras de direito**, assumindo frequentemente posturas violentas em relação à alteridade e à convivência com as diferenças. Assim, os direitos humanos emergem como “sinais dos tempos”, como afirma Norberto Bobbio, sendo reflexo das contradições humanas, visto que os seres humanos não são definidos “[...] apenas do ponto de vista da sua miséria, mas também do ponto de vista da sua grandeza em potencial”.<sup>1</sup> Dessa forma, a teologia torna-se um saber que ouve “os gemidos dos que sofrem”, assumindo a postura de um saber de resistência, de participação na construção dos direitos humanos.

---

<sup>1</sup> BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. 4. reimpr. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 223.

Nessa direção, entre os dias 10 a 13 de setembro de 2018 foi realizado o IV Congresso Internacional da Faculdades EST, que convidou a debater sobre política, em especial, a democracia, o papel político da teologia, as relações entre religião e Estado e as ações das religiões na vida pública, sobretudo, quando a convivência com as diferenças se torna cenário de violência; sobre a experiência estética e as expressões artísticas como testemunhas do mundo, como possibilidade de **reflexão crítica** de **reorientação** à ação teológica; sobre direito, em especial, direitos humanos, e a pensar o papel da teologia na construção crítica das relações entre as pessoas e com o mundo, num compromisso político, estético e ético – em esperança e em oração – com a liberdade, a dignidade, a igualdade e a convivência das diferenças.

Os textos que compõem esse livro foram submetidos no eixo temático “Teologia Prática” e fazem parte de uma coleção de livros oriundos desse evento. Cada livro é fruto dos debates ocorridos dentro dos grupos de pesquisa, nos encontros entre as pessoas pesquisadoras, nos quais se firmou o compromisso político, estético e ético – em esperança e em oração – com a liberdade, a dignidade, a igualdade e a convivência das diferenças.

Iuri Andréas Reblin

Marcelo Ramos Saldanha



## Apresentação

A presente obra se mostra como um pequeno mosaico de pedras preciosas, cada uma com seu matiz e cor, que juntadas umas às outras nos proporcionam uma bela imagem de reflexão no campo da Teologia Prática. Mesmo em tempos sombrios e nos lugares mais escondidos, podemos encontrar a beleza, a arte da montagem, a dedicação de artistas (teólogos e teólogas), na confecção de seus mosaicos, na tentativa de mostrar que sempre há esperança e a beleza está nos olhos de quem admira com o coração. Mosaicos ousados são mais belos e nos proporcionam maior gama de interpretações. Assim, essa obra ousa misturar temas diversos e deixa-nos compor um mosaico ousado de Teologia Prática.

O início da montagem desse mosaico se dá com a discussão sobre questões políticas na realidade da eleição de 2018, assentando assim as primeiras pedras dessa obra. A partir de um posicionamento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o lançamento de uma Cartilha de Orientação Política onde se demonstra que posicionamentos pastorais em questões sociais, econômicas e políticas são exigências do Evangelho. O artigo teve por finalidade descrever a fundamentação teológica e doutrinal para a existência de uma cartilha que trata de questões políticas. A Igreja não se encontra a parte da sociedade, mas se entende como parte dela, corresponsável para que a democracia seja mantida e que as pessoas tenham consciência de suas escolhas, com liberdade.

Seguimos nosso mosaico juntando as pedras da importância da utilização das ferramentas de gestão para as igrejas protestantes, importância essa devido a credibilidade, a transparência e a integridade das igrejas serem de fundamental

importância em sua constituição e sua forma de viver. Mesmo que não haja uma concordância geral sobre a atualização de ferramentas de gestão no ambiente eclesial, essas são imprescindíveis, como por exemplo, nos campos da contabilidade ou do direito. Parece razoável, compreender, que os conceitos de Igreja como organismo vivo e como organização podem caminhar juntos e a gestão deve ter seu espaço nesse contexto, para garantir a credibilidade da instituição eclesial. Sendo uma organização que também trabalha com finanças, ela não se exime da responsabilidade de prestação de contas sérias para o seu grupo de fiéis.

Uma nova cor, uma nova peça, é fundamental para dar os contornos ao nosso mosaico. Assim trazemos um tema atual como o *coaching* utilizado como tecnologia para o desenvolvimento da inteligência espiritual em lideranças empresariais, como uma possibilidade para políticas de linguagem em tempos difíceis, ou sombrios. Nestes tempos líquidos, como diz Bauman, surge o *coaching* que o autor interlaça com a questão da espiritualidade numa dança entre racional e espiritual. O perguntar no processo de comunicação, a linguagem e sua importância são novas pedras inseridas nesse mosaico que vai se montando entre Teologia, Psicologia, Filosofia, Administração, Gestão. Para nos aproximarmos mais do tema o autor apresenta as 12 competências de uma pessoa considerada inteligente espiritualmente, dando pistas para se perceber como é possível juntar os temas espiritualidade e empresas. Sendo estas competências: consciência de interioridade e exterioridade; o autoconhecimento; devoção a uma causa maior; viver a vida alinhada com valores profundos; consciência de interdependência, impermanência e integratividade; amor à vida e exercitar a gratidão; escutar sem julgamento e falar objetivando construir conciliação e amizades; senso crítico que permite ir além da materialidade sem desprezá-la e mantendo a dúvida viva; reconhecer e buscar o prazer sem culpa e reconhecer que dor e frustração lecionam crescimento; viver a vida como ela é de forma espontânea; focar em resultados ecológicos e sustentáveis e o foco na solução.

A beleza de todo mosaico depende das pedras e cores escolhidas. Para continuar nossa obra de arte agora escolhemos a cor e a forma da Pedagogia Social e mimetismo teológico. A Pedagogia Social busca mediar o diálogo entre a sociedade e as

necessidades das pessoas oprimidas, com intuito de possibilitar a formação cidadã efetiva da população menos favorecida. Promover o pleno desenvolvimento da cidadania pressupõe princípios teológicos, tais como: respeito, solidariedade, fraternidade, sentimento de pertença. O não reconhecimento desses princípios como teológicos, caracteriza o processo denominado pela pesquisadora de mimetismo teológico. A pesquisadora faz uso do Movimento pelos Direitos da Criança e do Adolescente (ONG MDCA), situada em Porto Alegre – RS, que possui como princípios norteadores: Cultura de paz; Cultura de solidariedade; Respeito às diferenças e Cuidado com o planeta; fazendo assim, através de seu cunho teológico, a ponte com a Teologia.

Aos poucos o mosaico toma forma, porém mais peças são necessárias para que o colorido ganhe brilho, assim, juntamos a pedra do amor com o artigo: O encontro com o sagrado gera uma dinâmica de amor. Teresa de Jesus relata em seus escritos as experiências de vida e de encontro com o sagrado. Para iniciar, a autora apresenta o contexto e parte da biografia de Teresa de Jesus. O relato da relação do amor da Santa para com Deus pede lugar para passagem neste texto, rico em sentimentos e adoração. Nas experiências com o sagrado, com a Trindade, Teresa percebe que Deus vem ao seu encontro, ao encontro das pessoas, porque Ele as ama como suas criaturas. Esse amor e entrega gera comunicação direta entre ela e Deus, a qual é descrita nos manuscritos Relações. Nestes manuscritos Teresa dá a conhecer o processo vivido e indica pistas de um possível caminho para a busca de sentido do ser humano atual: A primeira indicação de Teresa aponta para a importância de buscar uma pessoa experiente para partilhar a vida. O segundo aspecto é a ênfase que dá ao autoconhecimento. Em terceiro lugar, incentiva o registro das experiências vividas na oração. A quarta dica é acolher a realidade pessoal como dom e graça. A quinta é orientar e ensinar mais por obras do que por palavras.

Já passamos por várias pedras preciosas, várias cores foram compondo essa obra, agora chegamos a última peça que comporá o nosso mosaico e o encerará. O tema da importância da relação da espiritualidade no campo da saúde encerra o nosso trabalho. A autora e o autor se propõem a analisar a práxis do fator da espiritualidade no campo da saúde, baseado, principalmente, na produção acadêmica da área da saúde. A análise demonstra, num

primeiro momento, o conceito de espiritualidade e a sua interface com a religiosidade, temas em alta em nosso tempo. Num segundo momento, realiza-se a junção da espiritualidade ao campo do cuidado na área da saúde e a sua importância no cuidado integral do ser humano, demonstrando o quanto esses dois campos de cuidado possuem uma ligação fundamental no cuidado holístico de pessoas enfermas.

Assim chegamos ao final do nosso mosaico/livro com várias nuances e cores, com diferentes temas e abordagens que tornam a diversidade que compõe a Teologia Prática tão colorida e rica.

Nilton Eliseu Herbes





# A base teológica e doutrinal da Cartilha de Orientação Política da CNBB 2018

Ludinei Marcos Vian

## Introdução

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o intuito de conscientizar os fiéis sobre as eleições do ano de 2018, lançou uma cartilha de orientação política. Foi de responsabilidade do setor regional sul 2, que corresponde ao estado do Paraná, a elaboração dessa cartilha. Dom Mario Spaki, bispo de Paranaíba, Paraná, foi quem coordenou os trabalhos assessorado por um grupo de peritos e estudiosos sobre o tema.<sup>2</sup>

Por ser uma cartilha o principal objetivo é conscientizar e informar as pessoas sobre as eleições de 2018. Diante de um número cada vez mais crescente de fiéis que contestam a participação da Igreja em questões sociais,<sup>3</sup> o presente artigo irá

---

<sup>2</sup> Esse grupo é formado por: Rogério Carlos Born, mestre em direito constitucional na linha de Direitos Fundamentais e Democracia; Zaqueu Luis Bobato, doutor em Geografia pela UFPR. Contou também com a colaboração do Pe. Paulo Renato Campos, assessor político da CNBB; Célia Marquesini, membro do Movimento Político pela Unidade do Movimento dos Focolares; Márcia Corrêa, teóloga e mestrandia em bioética, com experiência no âmbito político e assessora do Regional Sul 2 da CNBB; Odair José da Rosa, teólogo e coordenador da dimensão missionária da Igreja do Paraná; Oscar Fürstenberger, membro do Conselho Nacional do Laicato; Talles Falleiros Lemos, assessor do Centro Nacional de Fé e Política “Dom Hélder Câmara”.

<sup>3</sup> O Papa Francisco afirma o dever do cristão de participar em questões políticas, o que reascende o sinal de alerta de que muitas vezes ser cristão é sinônimo de estar afastado do mundo, quando ao contrário, ser cristão é estar atento aos anseios da sociedade. Cf.: PAPA FRANCISCO. *Respostas do santo padre Francisco às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*. Roma, 2013. Disponível em:



analisar qual a base teológica e doutrinal para que a Igreja possa desenvolver um tema social como o das eleições, que resulta na apresentação de uma cartilha de orientações sobre o processo eleitoral.

Além do que já foi elencado, o tema proposto é relevante, pois demonstra a preocupação da Igreja em conscientizar os fiéis sobre o processo eleitoral, bem como, propor a reflexão sobre as eleições, envolver as comunidades no processo eleitoral; apresentar uma fé preocupada com a sociedade e as questões sociais e demonstrar o papel da Igreja na sociedade. A metodologia utilizada é de pesquisa bibliográfica. O artigo está dividido em três pontos. O primeiro apresenta a forma de como está organizada a cartilha, o segundo descreve qual a noção de política que a cartilha apresenta e, por fim, a fundamentação bíblica, teológica e doutrinal que demonstra a necessidade de a Igreja auxiliar seus fiéis na reflexão de questões sociais, inclusive referentes à política.

## A Cartilha de Orientação Política 2018

A Cartilha de Orientação Política da CNBB 2018 tem como título: Os cristãos e as Eleições 2018. Sugere o texto de Rm 12, 12 para inspirar a leitura: “Alegre por causa da esperança”. A cartilha está dividida em quatro partes. A primeira, elenca quais são as preocupações que a realidade nos apresenta, a segunda, de que forma a Igreja se manifesta em relação à política, a terceira, esclarece sobre as eleições 2018 e quais foram as alterações na lei eleitoral, por fim, a quarta, conscientiza sobre a responsabilidade do voto. Ao longo dessa primeira parte, serão descritos esses quatro pontos da cartilha.

A cartilha inicia com uma premissa onde fala que a missão da Igreja é evangelizar.<sup>4</sup> Essa evangelização tem implicações sociais, por isso, a necessidade da cartilha. A premissa relembra que a cartilha é um subsídio destinado aos eleitores, candidatos, grupos e meios de comunicação social. Cita também a mensagem da

---

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco\\_20130607\\_scuole-gesuiti.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html). Acesso em: 02 de outubro de 2018.

<sup>4</sup> Cf.: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 2

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ao povo de Deus na 56ª Assembleia Geral de 19 de abril de 2018, onde se afirma que: “A CNBB não se identifica com nenhuma ideologia ou partido político (...) Ao assumir posicionamentos pastorais em questões sociais, econômicas e políticas, a CNBB o faz por exigência do Evangelho.”<sup>5</sup>

A primeira parte da cartilha elenca cinco preocupações que a realidade nos apresenta e, por fim, indica um sinal de esperança. A primeira preocupação é a crise ética. A cartilha apresenta-a como uma busca pelo bem comum de todos para depois relatar a intensa crise ética vivida pelo Brasil. A corrupção, apresentada diariamente nos noticiários, revela a face dessa crise ética, que criou raízes profundas na sociedade.

A segunda, são as ameaças à democracia. Novamente a cartilha lembra que a democracia deve visar o bem comum, e qualquer interesse particular dentro de uma democracia fere o bem comum. Entre eles são elencados alguns:

O loteamento do Congresso Nacional em algumas bancadas que aglutinam parlamentares em vista de reivindicações específicas é antidemocrático! Quando o Poder Executivo se serve da máquina administrativa ou negocia a liberação de emendas parlamentares em vista de interesses particulares (...) Também a compra de votos é uma ameaça à democracia.<sup>6</sup>

A terceira, que fere também o bem comum é a corrupção como o grande responsável por gerar ameaças à democracia e à ética. A quarta preocupação é o descrédito na política e nos políticos, resultado do distanciamento dos políticos da vida do povo. A quinta, é o acirramento da polarização que gera discursos de ódio e intolerância. Segundo a cartilha, a internet potencializa esse aspecto, pois os resultados de pesquisas na internet são resultados de interesses do perfil de quem pesquisa, estimulando o pensamento único.<sup>7</sup> Por fim, elenca-se os sinais de esperança, entre

---

<sup>5</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Mensagem da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ao Povo de Deus*, Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.cnb.org.br/bispos-reunidos-em-sua-56a-assembleia-geral-enviam-mensagem-ao-povo-de-deus/> Acesso em: 02 de outubro de 2018.

<sup>6</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 4.

<sup>7</sup> Cf.: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 7.

eles pode-se destacar uma maior conscientização referente à necessidade de acompanhar os rumos da política e dos políticos, a organização da sociedade civil com a criação de grupos autônomos, ONGs, observatórios sociais etc. Criação de leis que combatem a corrupção como a lei da ficha limpa, a lei da transparência. São sinais de esperança diante de um contexto de insegurança política.

A segunda parte da cartilha descreve os pronunciamentos da Igreja referentes à política e às eleições. São citados o Documento de Aparecida, o pronunciamento do Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* - sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Também trechos de um vídeo mensagem do Papa Francisco aos participantes do encontro de políticos católicos em Bogotá em dezembro de 2017. Além desses pronunciamentos são apresentados os esforços da Igreja no Brasil de conscientizar as pessoas sobre a participação na política que visa o bem comum. Entre esses esforços, podem-se citar as cartilhas de orientações políticas da CNBB, o apoio da mesma para aprovação da lei contra a corrupção eleitoral e a lei da ficha limpa, bem como, o incentivo à participação dos leigos e leigas na vida pública. Por fim, lança um desafio feito tanto pelo Papa Bento como pelo Papa Francisco de uma maior participação católica na política.

Como é uma cartilha de orientações sobre as eleições 2018, a terceira parte esclarecerá as alterações na lei eleitoral. Primeiro esclarece quais são as principais funções do presidente da república, do governador, do senador, do deputado federal, do deputado estadual e distrital. Fala também do significado de foro privilegiado e para quem se aplica, do significado da palavra candidato, quociente eleitoral e voto em legenda. Esclarece que os votos nulos ou brancos não anulam a eleição. Segundo a cartilha, votar nulo ou branco é como a atitude de Pilatos que lavou as mãos.<sup>8</sup> Por fim, a terceira parte da cartilha responde de onde sairá o dinheiro para as campanhas eleitorais que pode ser de financiamento público ou privado.

A quarta e última parte da cartilha é um convite para que todo cidadão seja corresponsável pelo Brasil: “O cristão precisa

---

<sup>8</sup> Cf.: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 20.

deixar de responsabilizar os outros pela situação atual do Brasil. Além disso, cada um pode perguntar a si mesmo: o que posso fazer para concretizar a mudança que desejo?”<sup>9</sup> Antes das eleições, sugere que o cidadão tenha interesse pela política, conheça o candidato para que possa escolher o que tem boa índole, conheça o estatuto do partido ao qual pensa votar, procure conhecer a história e o programa de governo dos seus candidatos. Se for candidato à reeleição: “o que eu sei sobre o seu mandato anterior? Quais pontos positivos? O que ele publicou sobre a sua atuação é verdade...”<sup>10</sup> Alerta também para o cuidado com notícias falsas ou comumente conhecidas como “*Fake News*”. Durante a eleição, a cartilha orienta que o cidadão deva: “votar com consciência, pensando no bem de todos. Não vote só por obrigação, mas para exercer a cidadania. Apoie o bom candidato.”<sup>11</sup> Além dessas sugestões, a cartilha elenca uma série de itens descrevendo em quem votar e em quem não votar, como identificar o bom político e quais os sete pecados capitais do eleitor. Incentiva que se denuncie a compra de votos e apresenta um modelo de como fazer uma denúncia de compras de votos. Depois das eleições, a cartilha orienta que é necessário:

Estimular a participação dos cristãos leigos e leigas na política. Impulsionar os cristãos a construir mecanismo de participação popular. Incentivar e preparar os cristãos leigos e leigas a participar de partidos políticos e serem candidatos para o Executivo e o Legislativos. Mostrar aos membros das comunidades e à população em geral que há várias maneiras de tomar parte na política: nos Conselhos Partidários de Políticas Públicas (...). Animar e incentivar a criação de Escolas de Fé e Política nas dioceses e Regionais da CNBB. Acompanhar os que exercem mandatos políticos...<sup>12</sup>

Após apresentar os assuntos discutidos na cartilha, é necessário analisar qual a noção de política refletida na teologia e na doutrina da Igreja Católica e de que forma ela aparece na cartilha de orientação política da CNBB do ano de 2018. Cabe lembrar que a noção de política e a forma de fazer política é uma discussão que

---

<sup>9</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 22.

<sup>10</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 23.

<sup>11</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 25.

<sup>12</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 31.

envolve outros campos da ciência como as ciências sociais, a filosofia, além da economia e administração. Por isso é indispensável dedicar um ponto no artigo para esclarecer a forma como essa é apresentada.

## Noção de Política apresentada pela cartilha

Política é um termo bastante amplo, por isso a necessidade de analisar qual a noção de política que a cartilha da CNBB apresenta. Nas primeiras páginas, aparece a seguinte definição: “A Igreja é comprometida com a política no sentido amplo do termo, pois a política tem a ver com a paz, a justiça e cuida da vida de uma cidade, de um povo inteiro e da humanidade.”<sup>13</sup> Cabe lembrar que política deriva do termo grego *polis* que serve para designar, “o campo da atividade humana que se refere à cidade, ao Estado e às coisas de interesse público.”<sup>14</sup> Para que possa haver política é necessária uma organização social, um grupo de pessoas. Podemos chamar a organização desse grupo de pessoas de Estado. Essa organização pode se dar de várias formas, e, ao longo da história, verificaram-se esses modelos de organização de grupos de pessoas. Na sua grande maioria existe uma autoridade reconhecida, que deve pensar a organização do todo em benefício de todos que pertencem àquele Estado.

Sabidamente a Igreja não define como deva ser a forma de organização política. Ela não faz a opção por algum sistema político, mas, sim, defende e relembra que o fim da política é o bem comum e ela só existe para que haja uma melhor organização social das pessoas e estas possam ser beneficiadas.

No livro *Introdução à Filosofia* das autoras Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, a política é apresentada como tendo uma íntima ligação com o poder e a força.

---

<sup>13</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2018, p. 2.

<sup>14</sup> COTRIN, 1993, p. 228.

A política se refere às relações de poder. Embora haja inúmeras definições e interpretações a respeito do conceito de poder, vamos considerá-lo aqui, genericamente, como capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos desejados sobre indivíduos ou grupos humanos. O poder supõe dois pólos: o de quem exerce o poder e o daquele para o qual o poder é exercido (...). Para que alguém exerça o poder, é preciso que tenha força, entendida como instrumento para o exercício do poder.<sup>15</sup>

Acrescenta-se a partir dessa definição dois novos termos: poder e força. Junto da política caminham o exercício do poder e a força para exercer esse poder, essa última hoje é medida pelos níveis de confiança e rejeição da população nos líderes que conduzem o governo de uma nação. Surgem algumas reflexões a partir da definição dos termos expostos acima. Entre elas podemos elencar: o exercício da política está de acordo com a sua definição inicial de *polis*? Está de acordo com o cuidado com o grupo de pessoas que está na *polis*? De que maneira é exercido o poder na política? Os governantes têm a representativa, ou a força necessária para exercer a política e o poder que esta lhes confere? A cartilha de orientação política organizada pela CNBB não dá respostas a essas questões, mas auxilia a refletir sobre as mesmas. Quando, na terceira parte, a cartilha elenca as principais funções dos futuros eleitos, ela está conscientizando as pessoas da responsabilidade que esses eleitos terão no exercício do poder e a força deles que emana da maioria dos votos que esses terão.

A primeira e quarta parte da cartilha refletem sobre o bom exercício da democracia e os riscos que a atual conjuntura social brasileira oferece para a democracia. Ainda aproveitando as reflexões trazidas pela filosofia cabe lembrar que:

A palavra democracia é formada etimologicamente por dois termos gregos, *demos* e *kratia*. O termo *demos*, no sentido mais primitivo, designava os diversos distritos que constituíam as dez tribos em que a cidade de Atenas fora dividida por ocasião das reformas de Clístenes (século VI a.C.), procedimento que pôs fim à tirania. Com o tempo, *demos* passou a significar genericamente “povo” ou “comunidade de cidadãos”. O termo *kratia* deriva de *kratos*, que significa “governo”, “poder”, “autoridade”. Hoje em dia

---

<sup>15</sup> ARRUDA ARANHA, PIRES MARTINS, 2004, p. 214.

entendemos democracia como “governo do povo, “governo de todos os cidadãos”<sup>16</sup>

Relembrar a origem dos termos é fundamental para compreender a noção de política trazida pela cartilha da CNBB. Ela não tem por objetivo indicar um sistema de governo ou algum candidato, mas, sim, de fazer uma reflexão sobre a política, seu exercício e a democracia, indicando os riscos que o mau uso da política pode acarretar. Muitas pessoas encontram semelhança das orientações dadas pela cartilha com planos de governo de alguns candidatos, não porque a CNBB apoie algum candidato, mas porque as ideias do candidato se assemelham às propostas de reflexão da CNBB.

Sendo assim, as noções de política que a cartilha traz, entendem o exercício da política no sentido amplo, onde se busca, na origem do conceito, a definição e forma do exercício da mesma.

Outros documentos da Igreja tem a mesma forma de abordagem utilizada pela cartilha da CNBB. Entre eles podemos citar o Compêndio de Doutrina Social da Igreja que no número 384 afirma que “A pessoa humana é o fundamento e o fim da convivência política. (...) A convivência política procede, portanto, da natureza das pessoas.”<sup>17</sup> Da pessoa humana brota a necessidade da política e para o bem da pessoa humana que a política deve se dirigir.

Também a Conferência dos bispos da América Latina e do Caribe quando se reuniu em Puebla utilizou termos bem parecidos aos da cartilha para especificar qual a sua concepção de política.

a política em seu sentido mais amplo que visa o bem comum, no âmbito nacional e no âmbito internacional. Corresponde-lhe precisar os valores fundamentais de toda a comunidade – a concórdia interna e a segurança externa – conciliando a igualdade com a liberdade, a autoridade pública com a legítima autonomia e participação das pessoas e grupos, a soberania nacional com a convivência e solidariedade internacional. Define também os meios e a ética das relações sociais. Nesse sentido amplo, a política

---

<sup>16</sup> ARRUDA ARANHA, PIRES MARTINS, 2004, p. 215-216.

<sup>17</sup> COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja, 2005, n. 384.

interessa à Igreja e, portanto, a seus pastores, ministros da unidade.<sup>18</sup>

A conferência aprofunda o que entende por política no sentido amplo, mas afirma que ela deve se preocupar com o bem comum nos diversos âmbitos da sociedade, incentivando para que se cultive os valores da concórdia, segurança, liberdade, participação, mútua colaboração, resultando no bom exercício da política.

A CNBB, além das cartilhas de orientações políticas que a cada ano de eleição são produzidas, constantemente apresenta a sua análise de conjuntura social, bem como tem vários documentos que falam do compromisso social que a Igreja deve ser testemunha. Sobre política um dos documentos da CNBB afirma que:

A sociedade humana tem uma dimensão política enquanto se organiza e se dota dos meios necessários para que a vontade dos membros possa se expressar e alcançar fins coletivos. Do ponto de vista ético ou dos valores, a política é o conjunto de ações pelas quais os homens buscam uma forma de convivência entre os indivíduos, grupos, nações que ofereça condições de realização do bem comum. Do ponto de vista dos meios ou das organizações, a política é o exercício do poder e a luta para conquistá-lo.<sup>19</sup>

É importante lembrar alguns documentos da Igreja para perceber a consonância da cartilha política com os demais documentos. A Igreja, acima de tudo, busca a dignidade da pessoa humana e o bem comum como fins para o qual a sociedade deve caminhar. Entende que a política deve ser a instância que favoreça o alcance desse fim.

Após apresentar nesse ponto a visão política passamos para o próximo ponto onde se irá explanar o porquê a Igreja deve se manifestar em questões políticas. Quais são as bases bíblicas que aparecem na cartilha e quais as bases doutrinárias e teológicas para que a Igreja se manifeste em questões sociais.

---

<sup>18</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 1979, n. 521.

<sup>19</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1988, n. 184.



## Base bíblica, teológica e doutrinal da Cartilha de Orientação Política da CNBB

A Cartilha de Orientação Política organizada pela CNBB faz uma leitura da realidade e apresenta orientações referentes às eleições de 2018. Essas orientações têm por base os ensinamentos da Igreja, a reflexão teológica e fundamentação bíblica. Mesmo assim, muitos contestam o envolvimento da fé em questões sociais e políticas. Qual é a justificativa para que a Igreja continue se manifestando sobre esses temas, mesmo diante de tais contestações?

O ponto 2 da cartilha apresenta a relação entre Igreja e eleições, nele aparece um trecho da mensagem de vídeo do Papa Francisco aos participantes do encontro de políticos católicos que aconteceu em Bogotá em dezembro de 2017. Por que a Igreja faz esse tipo de pronunciamento? O Concílio Vaticano II que ocorreu dos anos de 1962 a 1965 foi essencialmente um concílio eclesiológico. Para respondermos a essa questão, é importante compreendermos primeiro qual a noção de Igreja que fundamenta tal atitude.

O Concílio Vaticano II afirma na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* que a Igreja é mistério.<sup>20</sup> O que isso significa? Ao mesmo tempo ela é uma realidade visível e espiritual.<sup>21</sup> Ela está no mundo com os seres humanos, acompanha e vive sua vida, ela está também com Deus. Através da Igreja Deus se faz presente na história e a história se faz presente em Deus. Se existe essa íntima ligação entre Deus e história, as questões vividas pela história são também questões referentes a Deus. Deus cria e não abandona a obra criada, ao contrário, está no centro da história conduzindo-a à salvação. Nada mais humano e histórico do que o exercício da política, as eleições. Como a Igreja é sinal e mistério, sinal visível da presença de Deus na história, nada mais coerente do que ela se pronunciar em um momento tão importante para a vida das pessoas de uma sociedade. O critério desse pronunciamento será o

---

<sup>20</sup> Cf.: *Lumen Gentium*, n. 1-8.

<sup>21</sup> Cf. HACKMANN, 2013, p. 138–141.

que foi revelado por Deus através da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério. Muitos ainda poderão se perguntar que é muito abstrato tal afirmação, para compreender melhor, cabe trazer como exemplo o ponto 1 da cartilha onde são elencadas 5 preocupações referentes às eleições 2018. Elas são preocupações porque estão prejudicando a sociedade e por consequência o fim último da salvação que é o ser humano. Elas são também preocupações porque não estão de acordo com o que foi revelado por Deus. Uma das preocupações é a corrupção. Pela corrupção milhares de pessoas acabam sendo desatendidas na educação, na saúde, na segurança, não se está favorecendo a dignidade humana tão querida por Deus. Por isso, é necessário que a Igreja como sinal visível da presença de Deus possa se pronunciar em questões sociais e políticas.

Na mesma linha de pensamento vai o Compêndio de Doutrina Social da Igreja quando fundamenta a necessidade de a Igreja se pronunciar em questões sociais. Afirma que:

A Doutrina Social da Igreja não foi pensada desde o princípio como um sistema orgânico; mas foi se formando pouco a pouco. Com progressivos pronunciamentos do Magistério sobre temas sociais. (...) Ela não é definível segundo parâmetros socioeconômicos. Não é um sistema ideológico ou pragmático, que visa definir e compor as relações econômicas, políticas e sociais, mas uma categoria a se. (...) A sua finalidade principal é interpretar estas realidades, examinando a sua conformidade ou desconformidade com as linhas do ensinamento do Evangelho sobre o homem e sobre a sua vocação terrena e ao mesmo tempo transcendente; visa, pois, orientar o comportamento cristão.<sup>22</sup>

Uma das funções da Doutrina Social da Igreja é analisar o convívio social de acordo com o evangelho, denunciando quando não existe conformidade. A necessidade da Doutrina Social da Igreja vai ao encontro do que já foi afirmado anteriormente a concepção de uma Igreja que está no mundo e não fora dele. Essas afirmações até aqui feitas fazem parte da base teológica doutrinal da cartilha, justificando a necessidade da Igreja se manifestar em momentos importantes da sociedade, como, por exemplo, as eleições. Além do que já foi elencado, podemos ainda destacar o que os bispos da

---

<sup>22</sup> COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja, 2005, n. 72.

América Latina e Caribe, reunidos em Puebla, falam a respeito da necessidade de se pronunciar frente às realidades sociais.

A Igreja sente como seu dever e direito estar presente neste campo da realidade: porque o cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive a dimensão política. Por isso ela critica aqueles que tendem a reduzir o espaço da fé à vida pessoal ou familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem importância aí.<sup>23</sup>

A peculiaridade da afirmação de Puebla é de que a Igreja não deve somente se manifestar em questões sociais porque estas podem ou não ferir o que foi ensinado no evangelho. Puebla afirma que a Igreja tem o direito e o dever de se manifestar em tudo o que envolve o ser humano, inclusive a política, pois esse envolvimento é sinal de evangelização. Devemos ocupar os espaços também na política para evangelizar. A cartilha da CNBB cita o Papa Francisco que usa discurso semelhante ao da conferência de Puebla, diz o Papa:

É necessário que os leigos católicos não permaneçam indiferentes à vida pública nem fechados nos seus templos, nem sequer esperem as diretrizes e as recomendações eclesiais para lutar a favor da justiça e de formas de vida mais humanas para todos.<sup>24</sup>

Ou seja, além de se manifestar pela coerência ao evangelho, a Igreja deve se manifestar por ser evangelizador e as pessoas que praticam a fé devem se manifestar porque a busca do bem comum está acima de tudo.

O estudo da Doutrina Social da Igreja é um dos ramos da teologia moral. Nela justificamos o envolvimento da Igreja em questões sociais e políticas. O artigo não tem por objetivo esgotar o assunto, mas apresentar algumas linhas referentes ao estudo político-social dentro da teologia moral. Segundo Marciano Vidal em seu livro *Moral de Atitudes* a pergunta que a teologia moral tem a fazer em relação à teologia política é a seguinte: “qual seria o ideal

---

<sup>23</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 1979, n. 515.

<sup>24</sup> PAPA FRANCISCO, 2017, disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20171201\\_videomessaggio-cattolici-inpolitica.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20171201_videomessaggio-cattolici-inpolitica.html). Acessado em 16/10/2018.

ético da comunidade política para que se possa realizar nela plenamente a convivência humana?”<sup>25</sup> Ele responde a partir de quatro fontes: bíblica, sociológica, histórica e sistemática.

Vamos nos ater nas respostas por ele dadas nas fontes bíblicas e sistemáticas. Dessa forma, iremos concluir o que foi proposto apresentar nesse ponto que é além da fundamentação dada pela doutrina da Igreja, também a fundamentação bíblica e teológica da cartilha de orientação política da CNBB.

O texto de Marciano Vidal mostra a fundamentação bíblica a partir do Novo Testamento. Mas, tem uma passagem do Antigo Testamento que deve ser mencionada, pois demonstra a preocupação e o envolvimento de Deus com a sociedade. A passagem do Êxodo que afirma: “Eu vi a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa dos seus opressores” (Ex 3,7). Faz parte da passagem onde Deus revela a Moisés sua missão de libertar o povo da escravidão do Egito. Deus vê a opressão política pela qual o povo passa e interfere enviando Moisés para libertar o povo. Se no Antigo Testamento Deus atua dessa forma, hoje a Igreja não pode ficar indiferente às questões sociais.

No Novo Testamento podemos perceber várias vezes Jesus que dialoga com os chefes e autoridades, quando ele questiona o cumprimento cego da lei: “Vós fariseus, limpais o copo e o prato por fora, mas o vosso interior está cheio de roubos e maldades” (Lc 11,39); quando ele questiona a autoridade de Pilatos: “Não terias poder nenhum sobre mim, se este não fosse concedido do alto” (Jo 19,11); quando em Mc 12, 13-17 Jesus fala para dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. Também quando denuncia opressões: “Ai de vós também, mestres da Lei, porque colocais sobre os homens cargas insuportáveis, e vós mesmos não tocais nessas cargas, nem com um só dedo” (Lc 11, 46). Assim também foi nas primeiras comunidades onde Paulo relata as orientações sobre o cumprimento da lei e sobre a importância da participação daquele que se diz cristão nas atividades referentes ao Estado: “Todos devem ser submetidos aos poderes que tenham autoridade” (Rom

---

<sup>25</sup> VIDAL, 1986, p. 456.

13,1-7). Não entendamos submissão no sentido de deixar-se oprimir, mas sim no sentido de envolver-se com questões sociais e políticas.

Ao apresentar rapidamente alguns textos bíblicos sobre a necessidade do envolvimento das pessoas de fé em questões de política quer-se justificar a importância da Igreja de continuar a publicar cartilhas de orientação política, assim como essa que foi publicada pela CNBB, cartilha que, além de dar orientações, apresenta sinais de esperança e recomenda para que as pessoas não desanimem da política, com o risco de fecharem-se ao convívio social.

Quanto à fundamentação sistemática apresentada por Marciano Vidal, convém destacar dois temas principais, “a fundamentação da dimensão moral da política e a exposição de seu conteúdo.”<sup>26</sup> Quanto à fundamentação da dimensão moral da política, ele destaca que existem três grupos de reflexão.

O integrismo ético, segundo o qual ética e política são duas realidades radicalmente opostas e, ao ter que escolher uma delas, a escolha deve recair na ética; o realismo político, segundo o qual, em caso de oposição entre moral e política, a escolha deve recair na política com sacrifício dos princípios éticos; a síntese, sempre dramática e provisória, entre as duas realidades.<sup>27</sup>

Quanto ao conteúdo da moral política desde a dimensão cristã este é mais amplo e reflete toda a preocupação da Igreja na questão moral. Ele abrange desde a reflexão teológica nos manuais de moral, até a ética política na Doutrina Social da Igreja, passando pelos documentos do magistério que refletem sobre a questão política. A Igreja tem uma preocupação com as questões sociais, porque está no mundo criado e querido por Deus, por fazer parte de sua missão evangelizadora e para conformar o anúncio do Reino à realidade vivida pelas pessoas. Sendo assim é indispensável que a Igreja crie instrumentos que viabilizem a sua missão junto da sociedade.

---

<sup>26</sup> VIDAL, 1986, p. 512.

<sup>27</sup> VIDAL, 1986, p. 513.

Com esse ponto conclui-se a exposição sobre a base teológica e doutrinal da Cartilha de Orientação Política organizada pela CNBB para eleição 2018. Não foi a intenção esgotar o assunto, mas sim fundamentar o porquê a Igreja se preocupa com questões sociais sendo a cartilha um instrumento tão importante para alcançar esse fim.

## Conclusão

O ano de 2018 foi marcado por inúmeros acontecimentos, mas certamente um deles de extrema importância para a nação que é a eleição presidencial. Junto com o presidente elege-se o governador de cada estado e do Distrito Federal, os deputados federais, os deputados estaduais e distrital, bem como, os senadores. Um processo amplo que consolida a democracia como sistema de governo. A democracia é um processo dinâmico que necessita estar em constante crescimento, para que possa alcançar o respeito e a liberdade para todos.

A Igreja não está a parte desse importante processo em nosso país, ao contrário, está preocupada para que ele possa ocorrer de tal forma que possa valorizar ainda mais os processos democráticos existentes. Na Cartilha de Orientação Política para as eleições de 2018, a Igreja reafirma seu compromisso com a sociedade e a democracia.

Esse artigo teve por finalidade descrever a fundamentação teológica e doutrinal para a existência de uma cartilha. A partir do que foi pesquisado conclui-se que mais instrumentos como este devam ser elaborados para que a Igreja continue cumprindo com sua missão. Percebe-se também que é necessário conscientizar as pessoas que a Igreja tem a responsabilidade de orientar seus fiéis nas questões sociais, sem fazer propaganda partidária ou ideológica. Havendo essa conscientização, mais pessoas e grupos sentir-se-iam motivados a ler e refletir esse instrumento.

Em reportagem vinculada ao site de notícias Terra do dia 04 de julho de 2018, da conta de que, até aquele momento, mais de

350 mil cartilhas já haviam sido distribuídas em todo Brasil.<sup>28</sup> Para auxiliar na reflexão do tema, foi criada uma série de vídeos facilitando a divulgação do material apresentado na cartilha. Muitas dioceses reuniram suas lideranças, políticos, grupos e movimentos comunitários para refletir sobre a cartilha. Como foi o caso da Diocese de Jacarezinho no Paraná que reuniu lideranças comunitárias e apresentou a cartilha.<sup>29</sup> Isso nos leva a concluir que o trabalho de conscientização e reflexão existe e que a Igreja cumpre sua responsabilidade. Esse trabalho deve constantemente ser valorizado e fundamentado para que possa repercutir cada vez nas comunidades e junto das pessoas. Por isso essa pesquisa auxilia nesse processo de divulgação, estudo, conscientização e reflexão da política de forma especial em nosso país.

## Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando. Introdução à Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição ver. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*. In: REGINATTO, Flávio (direção geral) *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 185-247.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979. (Conclusões da III Conferência, Puebla)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da

---

<sup>28</sup> Cf.: LAÍNY, 2018, disponível em: <https://catve.com/lais-lainy/221609/eleicoes-2018-cnbb-lanca-cartilha-e-pede-a-feis-que-nao-votem-nulo>, acessado em 18/10/2018.

<sup>29</sup> Cf.: MARTINSKI, 2018, disponível em: <https://diocesejacarezinho.org/2018/09/desligar-a-piloto-automatizado-e-assumir-nossas-responsabilidade-crista-na-vida-e-na-politica/>, acessado em 18/10/2018.

política e da cultura. São Paulo: Paulinas, 1988. (Documentos da CNBB, 40)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Mensagem da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ao Povo de Deus*, Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/bispos-reunidos-em-sua-56a-assembleia-geral-enviam-mensagem-ao-povo-de-deus/> Acesso em: 02 de outubro de 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, REGIONAL SUL 2. *Os cristãos e as eleições 2018*. Cartilha de Orientação Política. [ S.l.: s.n.], 2018.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia. Ser, saber e fazer*. Elementos da História do pensamento ocidental. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo*. Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

LACOSTE, Jean- Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014.

LAÍNY, Laís. *Eleições 2018: CNBB lança cartilha e pede a fiéis que não votem nulo*. disponível em: <https://catve.com/lais-lainy/221609/eleicoes-2018-cnbb-lanca-cartilha-e-pede-a-fieis-que-nao-votem-nulo>, acessado em 18/10/2018.

MARTINSKI, Rosângela da Graça. *Desligar o piloto automático e assumir nossa responsabilidade cristã na vida e na política*. Jacarezinho, 2018. Disponível em: <https://diocesejacarezinho.org/2018/09/desligar-a-piloto-automatico-e-assumir-nossas-responsabilidade-crista-na-vida-e-na-politica/>, acessado em 18/10/2018.

PAPA FRANCISCO. Mensagem vídeo do Papa Francisco aos participantes no encontro de políticos católicos organizado pelo Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) e pela Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL), Roma, 2017. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20171201\\_videomessaggio-cattolici-inpolitica.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20171201_videomessaggio-cattolici-inpolitica.html). Acessado em 16/10/2018.



PAPA FRANCISCO. *Respostas do santo padre Francisco às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*. Roma, 2013. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco\\_20130607\\_scuole-gesuiti.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html). Acesso em: 02 de outubro de 2018

VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes: moral social*. 3 ed. Aparecida: Santuário, 1986. v. 3.



# A importância da utilização das ferramentas de gestão para as igrejas protestantes

Francys Resstel del Hoiyo<sup>30</sup>

## Introdução

O trabalho proposto tem como objetivo principal abordar questões referentes ao tema sobre a importância da utilização das ferramentas de gestão para as Igrejas Protestantes. O tema tem como pano de fundo a realidade atual do cenário religioso, especificamente brasileiro, que parece sofrer com a crise da credibilidade.

Parece evidente que a transparência e a integridade das igrejas protestantes são cada vez mais imprescindíveis na contemporaneidade. Em função de uma falta de informação a respeito da utilização das ferramentas de gestão em igrejas, faz-se relevante tal tema tratado neste trabalho, para que possamos, então, com base bibliográfica, encontrar respostas ou mesmo orientações a respeito da gestão e sua importância nas igrejas protestantes em pleno século XXI, com todos os seus desafios e dificuldades.

---

<sup>30</sup> Graduado em Administração e em Teologia, Especialista MBA em Marketing e Estudante do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST, São Leopoldo-RS, francysdelhoiyo@gmail.com.

## Resultados e discussão

A utilização das ferramentas de gestão no ambiente eclesialístico pode parecer incoerente e sem sentido para muitos cristãos protestantes, inclusive para pastores, pastoras e líderes em geral. Vários questionamentos surgem no sentido de colocar em oposição dois conceitos referentes a Igreja, a saber, organismo e organização.

A pergunta central normalmente é: a igreja é um organismo ou uma organização? Surge, então, uma tentativa apologética dos dois extremos. Aqueles que defendem a igreja como um organismo, não aceitam “coisas do mundo”, neste caso seriam técnicas e ferramentas de gestão, dentro da igreja. Para este grupo, utilizar ferramentas de gestão dentro da igreja soa como uma profanação desta igreja, que é a noiva de Cristo (conforme o texto que se encontra em Efésios 5.25-27<sup>31</sup>), neste extremo, a igreja deve ser conduzida, dirigida, guiada pelo Espírito Santo e a partir da Palavra de Deus, sem que sofra nenhum tipo de “interferência”. A partir desta forma de ver e pensar a igreja, líderes e lideranças podem defender um extremo conservador e fundamentalista de espiritualização da instituição igreja; desconsiderando por completo qualquer técnica ou ferramenta de gestão que pudesse auxiliar na expansão da instituição igreja contribuindo assim para o cumprimento da missão deixada por Cristo em Mateus 28.19-20<sup>32</sup>. Do outro lado encontramos os que defendem a completa utilização da gestão e suas ferramentas, na igreja, sem levar em conta questões espirituais, por exemplo. Estes enxergam a igreja apenas como uma empresa. Talvez este extremo carregue com ele o perigo do racionalismo demasiado. No entanto, transitar em qualquer dos extremos os colocando em oposição constante e definitiva pode sugerir uma certa distorção no que tange a visão que se deveria ter

---

31 Texto bíblico extraído da versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida: <sup>25</sup> Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, <sup>26</sup> para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, <sup>27</sup> para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”.

32 Texto bíblico extraído da versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida: <sup>19</sup> Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; <sup>20</sup> ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

a respeito da Igreja. Parece razoável, compreender, que os conceitos de Igreja como organismo vivo e como organização podem caminhar juntos, inclusive se complementando, cada um em seu devido lugar. É evidente que ferramentas de gestão não devem ocupar o lugar do Espírito Santo nas Igrejas, não deve ser essa a tônica, quando da utilização destas ferramentas. No entanto, parece que existem situações e circunstâncias, nas quais, a utilização das ferramentas de gestão são imprescindíveis, como por exemplo, nos campos da contabilidade ou do direito.

## O contexto religioso brasileiro

Os líderes protestantes precisam observar a realidade do cenário religioso brasileiro. O Brasil oferece uma gama de possibilidades no campo religioso, são várias religiões, diversos credos e as mais variadas formas de experimentar o sobrenatural, o divino, o transcendente. Com isso, uma tensão natural é gerada entre as religiões, em um contexto de laicidade do Estado, e pluralismo religioso.

Do ponto de vista das instituições religiosas no Brasil, existe uma verdadeira competição entre os credos na busca pela aquisição de novos fieis (infelizmente muitas vezes tratados como clientes). Estes fieis, tem suas crenças e depositam sua fé em instituições que possuem cunho confessional, especialmente as igrejas. A partir do momento em que um escândalo religioso, por exemplo, é veiculado nas variadas mídias disponíveis, a fé, a confiança dos fieis pode sofrer abalos, pois máculas podem ser geradas na instituição outrora irretocável.

O resultado desse abalo na fé, pode ser a descrença nas instituições que perdem seus fieis, ou ainda pior que isso, perdem sua credibilidade perante a sociedade como um todo. Conforme Bernardes e Marcondes; *“Grupo pessoal é a coletividade na qual “eu sinto pertencer”, como a minha família, a minha igreja, a minha profissão e a minha classe social”*<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> BERNARDES, Cyro; MARCONDES, Reynaldo Cavalheiro. *Sociologia Aplicada à Administração*. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 63.

Com isso, para agravar esta situação, encontramos meios de comunicação, as mídias, que ultrapassam os limites na divulgação dos escândalos religiosos, muitas vezes com intencionalidade tendenciosa. No Brasil, a realidade do povo pode levar a uma fácil manipulação através dos meios de comunicação, especialmente a televisão, pois, esta consegue atingir a grande massa todos os dias.

Assim, dependendo da forma como uma notícia é veiculada, esta tem o poder de construir ou destruir valores e preceitos. As instituições confessionais passam, então, a necessitar de uma atenção especial com relação a sua gestão que deve gerar credibilidade, através da transparência e integridade.

A utilização de ferramentas de gestão na igreja, pode ser muito importante para a sustentabilidade e crescimento, além do desenvolvimento da igreja. Os “fieis” tem se tornado, cada vez mais, mercadorias disputadas com a utilização de toda e qualquer estratégia de marketing possível.

Os símbolos de fé se tornaram obsoletos e superficiais e deram lugar a cultura do volátil e do abstrato, como nos alertou o sociólogo Zygmunt Bauman. As instituições confessionais, especialmente as igrejas, tem trabalhado arduamente para reter seus “fieis, clientes” ou ainda para a aquisição de novos “fieis, clientes”, aumentando assim sua membresia, ou, infelizmente, “sua carteira de clientes”.

Conforme escreveu Pierre Bourdieu, em sua interpretação da teoria da religião de Max Weber:

A concorrência do feiticeiro, pequeno empresário independente, alugado em ocasiões oportunas por particulares, exercendo seu ofício fora de qualquer instituição comumente reconhecida e, a miúdo, de maneira clandestina, contribui para impor ao corpo sacerdotal a “ritualização” da prática religiosa e a anexação de crenças mágicas (por exemplo, culto de santos ou “marabutismo”)<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 97-98.

Esta realidade pode estar levando as igrejas protestantes a uma “disputa” pelos fiéis, que temos chamado de “clientes” para enfatizar a ideia mercantilista que parece ter envolvido as igrejas. Líderes religiosos, especialmente em nosso caso, pastores e pastoras das igrejas protestantes, parecem estar se “rendendo” a esta “disputa de mercado”, infelizmente, o mercado da fé. Vale ressaltar que existe um risco que as igrejas protestantes podem estar correndo, a saber, uma demasiada confiança que líderes tem a partir das pessoas. Conforme Romi Márcia Bencke:

Chama a atenção o alto grau de confiabilidade dessas organizações junto às pessoas, em especial em países pobres. Esse aspecto pode ser ilustrado pela pesquisa "Voices of the Poor", realizada pelo Banco Mundial no ano 2000, que apontou que, em países em desenvolvimento, pessoas com baixo poder aquisitivo tendem a confiar mais em organizações e líderes religiosos do que em instituições estatais ou líderes governamentais<sup>35</sup>.

O Brasil não deve ser considerado um país rico, em comparação aos países do norte, por exemplo. No entanto, o Brasil, é um país em desenvolvimento, se enquadrando, assim, na citação de Romi Marcia. Assim sendo, estamos inseridos em um contexto de confiança excessiva das pessoas para com os líderes religiosos, o que agrava a situação, pois, quando ocorrem escândalos religiosos, os impactos causados atingem dimensões maiores e mais desastrosas, com consequências muitas vezes sem reversão.

Conforme Luís Mauro Martino:

Cada religião, seita, culto, prática, doutrina ou qualquer outra espécie de prática simbólica depende exclusivamente de um contrato de confiança celebrado entre a instituição e a pessoa disposta a pertencer ao grupo. Essa relação seria simples caso a oferta de bens simbólicos não atingisse níveis de uma verdadeira

---

35 BENCKE, Romi Márcia. As organizações de base ecumênica e o fortalecimento das redes de parceria e de cooperação para o desenvolvimento transformador. In: BOCK, Carlos G.; GARCIA, Dezir; NÖRNBERG, Marilu Menezes (Orgs.). *Fé e relevância das organizações de base ecumênica*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016. p. 54-62.

economia de mercado, na qual conquistar o fiel é imprescindível para a sobrevivência física da instituição<sup>36</sup>.

Avaliando a confiança excessiva que as pessoas depositam em igrejas e seus líderes, torna-se necessário citar Max Weber que apresentou; *“o espírito do capitalismo consiste no modo como os protestantes viviam e na ética a partir da qual eles norteavam suas atitudes diárias”*<sup>37</sup>.

Um raciocínio lógico nos leva a algumas conclusões, tais como; elevada confiança nos líderes, somado a escândalos religiosos ocorrendo e a divulgação sensacionalista dos mesmos; acabam por provocar nos “fieis” um sentimento de descrença, ou decepção, para com as igrejas. É necessário ressaltar que a descrença e a decepção dos “fieis” não se dá pela divulgação midiática em si, mas sim pelos escândalos religiosos que fogem a ética e aos princípios da fé cristã. Muitos desses escândalos estão diretamente ligados a gestão das igrejas. Tem a ver com a gestão do dinheiro entregue pelos membros as suas igrejas através dos dízimos e das ofertas, por exemplo. Vale ressaltar que apesar de ser um organismo vivo, conduzido pelo Espírito Santo, do ponto de vista bíblico teológico, a igreja também é uma organização, possui natureza jurídica, tem obrigações legais no que tange a Pessoa Jurídica; possui CNPJ.

## A igreja como organismo organizado

Apesar desse contexto, a preocupação que chega a resistência por parte de algumas lideranças das igrejas protestantes, talvez seja compreendida pelas definições que encontramos nos livros, artigos e periódicos a respeito do que vem a ser uma empresa. Conforme Gladston Mamede, por exemplo;

A empresa é a organização de meios materiais e imateriais, incluindo pessoas e procedimentos, para a consecução de

---

<sup>36</sup> MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003. p.136.

<sup>37</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 41-69.

determinado objeto, com a finalidade de obter vantagens econômicas apropriáveis. (...) com a finalidade de otimizar a atuação econômica, produzindo riquezas<sup>38</sup>.

As igrejas são entidades sem fins lucrativos. Ou pelo menos deveriam ser, mas infelizmente não é esta realidade que temos visto no contexto religioso brasileiro, especificamente no “meio evangélico”. Fato é que as igrejas protestantes devem seguir a regra de ser uma empresa sem fins lucrativos. Outra abordagem que aparentemente chega em oposição ao argumento de que as igrejas são empresas, então, seria o que trata o direito comercial, no livro de Sergio Pinto Martins: “Prevê o artigo 6º da lei nº 4.137/62 que empresa é toda a organização de natureza civil ou mercantil destinada a exploração por pessoa física ou jurídica de qualquer atividade com fins lucrativos”<sup>39</sup>.

A partir desta definição, e lei, o discurso daqueles que se opõem veementemente a utilização das ferramentas de gestão nas igrejas protestantes ganha força e corpo. Sergio Pinto Martins escreve ainda em seu livro que *“o essencial em qualquer empresa, por natureza, é que ela é criada com a finalidade de se obter lucro na atividade”*<sup>40</sup>. A partir dessa visão, torna-se natural a dificuldade em aceitar a utilização da gestão de empresas em uma igreja protestante. No entanto, o mesmo autor, Martins, completa seu pensamento da seguinte forma; *“a exceção a regra são as associações beneficentes, as cooperativas, os clubes, etc”*<sup>41</sup>.

Com isso, pode-se notar que as igrejas podem ser consideradas, até porque são, empresas. As igrejas são empresas, organizações que não tem como finalidade o lucro. As igrejas protestantes podem ser geridas como empresas sem que seja necessário carregar o rótulo indesejado da instituição que se utiliza das ferramentas de gestão em benefício próprio visando lucro. Observando o código civil brasileiro podemos encontrar artigos e

---

<sup>38</sup> MAMEDE, Gladston. *Direito Empresarial Brasileiro: Empresas e Atuação Empresarial*. São Paulo: Atlas, 2012. v. 1. p. 30.

<sup>39</sup> MARTINS, Sérgio Pinto. *Instituições de direito público e privado*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 298.

<sup>40</sup> MARTINS, 2010, p. 298.

<sup>41</sup> MARTINS, 2010, p. 298.



leis que sustentam a definição de igrejas como empresas. O artigo 44 do código civil institui as organizações religiosas como sendo pessoas jurídicas de direito privado<sup>42</sup>.

Com isso, a utilização das ferramentas de gestão nas igrejas protestantes não é apenas possível, mas também uma ação necessária para que seja possível conduzir a instituição “igreja” de forma sustentável e gerando edificação a mesma, de forma segura e honesta. Conforme Murilo Carneiro:

Organizações são entidades sociais (ou agrupamentos humanos) deliberadamente criadas para atingir metas específicas. Corporações, exércitos, escolas, hospitais, igrejas e prisões incluem-se nessa definição; tribos, grupos étnicos e família estão excluídos<sup>43</sup>.

Toda igreja tem uma perspectiva identitária, ou seja, se utiliza de uma linguagem que gera uma comunidade social. Neste sentido, Bernardes e Marcondes afirmam que; *“Identificação é a adoção pela pessoa das características dos membros de determinado grupo, procurando comportar-se como supõe que o fariam nas mesmas circunstâncias”*<sup>44</sup>. No dia a dia das igrejas protestantes podemos encontrar também a perspectiva simbólica, a saber, toda uma simbologia retórica que “formata” o grupo, as pessoas que fazem parte do grupo. A perspectiva ideológica também faz parte da realidade das igrejas, o conjunto de valores que norteiam o grupo, as crenças desse grupo, ou seja, a ideologia a ser vivida. E por fim a perspectiva praxeológica, no cotidiano, praticar aquilo que está proposto na ideologia. As Igrejas Protestantes têm como base ideológica os ensinamentos de Jesus Cristo a partir do Evangelho.

Para Durkheim, em sua obra “As formas elementares da vida religiosa”, a religião é definida “como um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, a coisas colocadas a parte e proibidas, crenças e práticas que unem numa

---

<sup>42</sup> CC - Lei nº 10.406 de 10 de Janeiro de 2002 – ver artigo 44 do código civil.

<sup>43</sup> HALL, Richard H. apud CARNEIRO, Murilo. *Administração das Organizações*: teoria e lições práticas. São Paulo: Atlas, 2012. p. 1.

<sup>44</sup> BERNARDES, Cyro; MARCONDES, Reynaldo Cavalheiro, 2009, p. 84.

comunidade moral única todos os que a adotam”<sup>45</sup>. Este é mais um reforço que encontramos para tranquilizar aqueles que tem dificuldades em olhar para a igreja como uma empresa. Neste caso a definição se aplica a religião, que serve como pano de fundo as igrejas protestantes, reafirmo aqui, que são instituições religiosas, organizações religiosas compreendidas como pessoas jurídicas e de direito privado.

Com isso, as Igrejas Protestantes, passam a estar obrigadas a respeitar as leis referentes as empresas, e isto, como toda e qualquer organização ou empresa. Fato é que as igrejas protestantes, que são organismos vivos, mas também são organizações, precisam apresentar o evangelho de Cristo também através de suas atitudes no dia a dia perante a sociedade. Para tanto, torna-se necessário que cada igreja protestante seja cumpridora de suas obrigações enquanto empresa que possui CNPJ e que é enquadrada como pessoa jurídica.

## Considerações finais

Questionamentos surgem com certa naturalidade. As igrejas protestantes tem percebido este papel tão importante perante a sociedade? Líderes e lideranças precisam observar e avaliar se de fato, estão cumprindo o que Murad cita, por exemplo, “são confiáveis e fiéis ...”.

Deixo algumas inquietações para que incomodem nosso senso de valores. O objetivo tem sido demonstrar que as Igrejas Protestantes são sim organizações que precisam cuidar da sua gestão, e a proposta doravante será apresentar ferramentas práticas, em cada capítulo uma área da gestão, que venham auxiliar as igrejas nesta difícil tarefa de ser um organismo vivo, guiado, dirigido, conduzido pelo Espírito Santo, e ao mesmo tempo, ser uma organização, uma empresa, com suas obrigações legais e suas possibilidades de gestão com um horizonte de potencialidades para que esta igreja caminhe rumo ao cumprimento de sua missão com sustentabilidade e edificação.

---

<sup>45</sup> DIAS, Reinaldo. *Fundamentos de Sociologia Geral*. Campinas (SP): Alínea, 2009. p. 159-160.

De acordo com Afonso Murad:

Gestão é a arte e a competência de liderar pessoas e coordenar processos, em vista de realizar a missão de uma organização. Nesse sentido, toda instituição necessita desenvolver os princípios mínimos de gestão, visando a formação inicial e permanente de seus membros, a organização interna, a realização de projetos com seu público alvo. Falta de gestão significa o caos, voluntarismo, perda de energia, risco de dissolver os sonhos. Uma gestão inteligente, bem direcionada, com uma crescente participação de seus membros, é cada vez mais necessária. Gestão não é sinônimo de empresa nem de negócio, mas quer dizer: organizar da melhor forma para alcançar os fins desejados<sup>46</sup>.

Assim sendo, poderíamos concluir que a igreja protestante atual deve observar os conceitos e princípios da gestão para que consiga atingir seus objetivos, metas, ou melhor escrevendo, sua missão; cumprir a ordem de Deus e avançar na proclamação da Palavra com integridade, honestidade e transparência.

Com isso, teria a chance de retomar os valores iniciais e novamente contar com a simpatia da sociedade, que verá, nela, igreja, o reflexo do Reino de Deus e seus valores éticos na caminhada cristã.

## REFERÊNCIAS

ALVESSON, M. Organization as rhetoric: Knowledge-intensive firms and the struggle with ambiguity. *Journal of management studies*, v. 30. n. 6, p. 997-1015, 1993 apud PESQUEUX, Yvon. *Filosofia e organizações*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BERNARDES, Cyro; MARCONDES, Reynaldo Cavalheiro. *Sociologia Aplicada à Administração*. São Paulo: Saraiva, 2009.

BOCK, Carlos G.; GARCIA, Dezir; NÖRNBERG, Marilu Menezes (Orgs.). *Fé e relevância das organizações de base ecumênica*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2016.

---

<sup>46</sup> MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 91.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DIAS, Reinaldo. *Fundamentos de Sociologia Geral*. Campinas (SP): Alínea, 2009.
- CARNEIRO, Murilo. *Administração das Organizações: teoria e lições práticas*. São Paulo: Atlas, 2012.
- MAMEDE, Gladston. *Direito Empresarial Brasileiro: Empresas e Atuação Empresarial*. São Paulo: Atlas, 2012. v. 1.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARTINS, Sérgio Pinto. *Instituições de direito público e privado*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010
- MURAD, Afonso. *Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SANTOS, Vânia M. dos. *Sociologia da Administração*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.





# A utilização do *coaching* como tecnologia para o desenvolvimento da inteligência espiritual em lideranças empresariais:

uma possibilidade para a grande política da linguagem em tempos sombrios.

Ricardo de Castro Gonçalves<sup>47</sup>

## Introdução

É inegável que vivemos tempos sombrios. Ao anunciar a sociedade líquida, Bauman parece ter esquecido de dizer com que cores ela estava pintada. É bem verdade que os tons conceituais por ele expostos, não deixavam dúvidas de suas sombras.

A vida líquida é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquida-moderna. A sociedade líquida moderna é aquela em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação dos hábitos e rotinas, das formas de agir. A vida líquida, assim, como a sociedade, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. [...] a vida líquida é

---

<sup>47</sup> Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia/EST, bolsista da CAPES, Mestre em Teologia na área de Gestão e Ética/EST, Advogado membro da OAB/PR, MBA em *Coaching* e Gestão Empresarial/FESPSP, Analista de Perfil Comportamental, Competências e Inteligência Emocional, Master *Coach* Trainer com mais de 20 anos de experiência em Treinamento e Desenvolvimento Humano, Presidente da Academia Internacional de Líderes, *Trainer* do Programa *Game of Life* pela Academia Internacional de Inteligência Emocional, detentor de diferentes certificações internacional em *Coaching*, *Mentoring* e Programação Neurolinguística, menção honrosa pela *Pace University*/New York, co-autor de 3 livros na área de *Coaching* e Desenvolvimento humano.

uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante, é uma sucessão de reinícios. Nessa vida, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las. É uma vida de consumo, projeta o mundo e seus fragmentos como objetos de consumo, ou seja, que perdem a sua utilidade enquanto são usados.<sup>48</sup>

É bem verdade que sombra e luz andam juntas. O próprio Bauman, que trouxe alguma luz aos tempos modernos, diz em uma entrevista<sup>49</sup> que não sabe para aonde estamos indo, em que direção estamos seguindo enquanto sociedade ou quais resultados teremos. O que ele sabe é que, para onde quer que seja, ainda não chegamos! A ironia é que, justo em tempos sombrios, até os que nos trazem alguma luz, o fazem, também, com incertezas.

Numa sociedade repleta de contradições e insegurança, onde valores antes consolidados são relativizados a cada instante pela mídia do espetáculo, as ferramentas que surgem no intuito de ajudar o humano a trafegar pela vida precisam ser também flexíveis, maleáveis, adaptáveis. Foi nesse contexto que o *coaching* surgiu. Ao que tudo indica, não se sabia que em um futuro não muito distante da década de 1960, o mundo, a sociedade, a cultura e muitos valores seriam vistos e chamados de líquidos, exigindo ferramentas com essa natureza.

O *coaching* é um constructo, fruto de uma série de outros conhecimentos que, associados, reúnem o ‘melhor do melhor’ em termos de desenvolvimento humano.

[...] as técnicas de *Coaching* desenvolveram-se dentro de linha de pesquisa por grandes especialistas, estes buscaram na Psicologia, nos estudos empíricos como na Gestalt Terapia, no construtivismo de Jean Piaget, no estudo do comportamento e da cognição de Judith Becker e Aron Becker algumas ferramentas para compreensão das habilidades e inabilidades humanas. O estudo da Programação Neurolinguística (PNL) contribui de maneira profunda para a construção das técnicas do *coaching*. Ele responde à questão básica: “como posso melhorar?”. Esta é a mesma pergunta que iniciou a PNL. A sociologia e sua preocupação com o lugar que o ser humano deve ocupar, dessa forma cabendo a primeira célula societária a família, a gênese da formação do

---

48 BAUMANN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 07.

49 BAUMANN, Z. Nós hipotecamos o futuro. *YouTube*, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ccBqPcExNoM>>.

tornar-se pessoas desde o nascimento. A antropologia também deu sua contribuição, foi ela quem nos trouxe o conceito macro de Cultura, foi estudando as diferenças que surgiu a ética e o respeito pelo 'o diferente' de nós e além de nós, mas participante da nossa identidade. A filosofia, raiz de todas as anteriores citadas, preocupou-se com quem era o ser humano. O Olimpo e seus deuses já não davam conta para significar este ser. Começa a busca da identidade humana, agora dissociada de controle mitológico. Com as 'algemas' abertas o ser humano, portanto, é capaz de pensar, sentir e reproduzir suas emoções e ser responsável e corresponsável por suas escolhas.<sup>50</sup>

Na busca por uma contextualização elucidativa, o que estamos querendo apresentar aqui é justamente a força cultural, sociológica, antropológica e espiritual (como fruto do espírito humano), que se abandeirou já na década de 1960. Foi naquele contexto que fervilharam novos pensamentos e abordagens para se compreender nossa realidade existencial. Havia fortes movimentos de contestação e mudança naquela época. Os movimentos de contracultura, como eram chamados, eram protestos contra a ambição, a hipocrisia e a sordidez das elites dominantes da época. Se apresentavam como uma busca por realinhamentos de valores sociais arcaicos, busca pelo sonho do novo homem que vive mais livre das antigas amarras socioculturais e econômicas. Foi um momento histórico onde surgiram artistas e políticos de grande destaque, *Beatles, Rolling Stones, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Bob Marley, Martin Luther King, J. F. Kennedy*. Foi também, uma época de movimentos hippies, *Woodstock*, Vietnã, *LSD* e da chegada da *Apolo 11* na lua e de todos os movimentos gerados a favor e contra toda a efervescência artística, política e liberal. As pessoas queriam mudanças! Queriam mais liberdade, mais consciência de seus direitos, mais transparência no uso de recursos públicos (especialmente da indústria de armas) e queriam também uma ética mais voltada para a preservação da vida, respeito ao diferente e uma economia ecológica, preocupada com o planeta.<sup>51</sup> De alguma forma, aquela geração e as convulsões esquizofrênicas dos pacientes psiquiátricos que se empilhavam aos

---

<sup>50</sup> ROMA, Andréia. *Leader Coach - um guia prático para gestão de pessoas*. São Paulo: Ed. França, 2011. p. 15-16.

<sup>51</sup> DI BIASE, Francisco. *O Homem Holístico: a unidade mente-natureza*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.



montes (anos antes e até a década de 1970), pareciam ser um prenuncio do que viveríamos hoje.

Toda essa contestação ético-cultural trouxe profundas mudanças na forma como os seres humanos passaram a ver o mundo e a vida. A passividade e a conformidade social deram lugar a uma postura mais questionadora e proativa. Aconteceu que esses movimentos foram marcados ainda, por uma aproximação entre ocidente e oriente, trazendo uma “visão holística do homem e do universo e uma nova consciência ecológica.”<sup>52</sup> Isso tudo trouxe ganhos para os debates e desafios governamentais sobre direitos humanos e dignidade da pessoa humana, mas terminou por desencadear outras consequências.<sup>53</sup>

Hoje, a perspectiva histórica nos permite afirmar que a abertura conseguida nos anos 60, apesar de ter ocasionado a repressão dos anos de 1970, nos proporcionou o sentimento de liberdade, e nos forneceu audácia e condições para tentar reorganizar, repensar tudo. Como afirmou Lance Morrow (Time, jan. 11, 1988): ‘1968 foi mais do que uma parada de eventos densamente compactada, mais do que alinhamento ocidental de planetas. Foi uma tragédia de mudanças, uma luta entre gerações, de certa maneira, uma guerra entre o passado e o futuro, e mesmo, para toda uma sociedade, uma luta violenta para crescer’.<sup>54</sup>

Além das revoluções, guerras e manifestações daquele período, o surgimento de um outro fenômeno social foi igualmente marcante para o contexto que deu nascimento ao *coaching* e a tantas outras formas de ver e apoiar o crescimento do ser humano: a concepção de rede.<sup>55</sup> A burocracia e os rígidos esquemas hierarquizados deram espaço para uma cultura diferente, mais integradora ou holística. Os sistemas de rede permitiram grandes e consideráveis transformações sociais, políticas, econômicas e organizacionais.<sup>56</sup>

---

<sup>52</sup> DI BIASE, 1995, p. 171-172.

<sup>53</sup> DI BIASE, 1995, p. 171-172.

<sup>54</sup> DI BIASE, 1995, p. 171-172.

<sup>55</sup> DI BIASE, 1995, p. 173.

<sup>56</sup> DI BIASE, 1995, p. 173.

Este modelo orgânico de organização social permite uma melhor adaptação biológica, e é mais eficiente e mais ‘consciente’ do que as estruturas hierárquicas da civilização moderna. A rede é plástica e flexível. Cada membro é o centro da rede. As redes são cooperativas, e não competitivas. Sua trama é como as raízes da grama: autogeradora, auto-organizadora, por vezes até autodestruidora. Representam um processo, uma jornada, não uma estrutura cristalizada.<sup>57</sup>

Esta forma de organização é antes de tudo uma nova forma do homem olhar para si mesmo. Não temos dúvidas de quão profundamente afetaram os pensadores da época, que, por sua vez, deram vazão a novas formas de pensar, sentir, agir. Deu nascimento, inclusive, a nova era de tecnologia que hoje nos domina quase que por completo. Um dos frutos da visão em rede foi o surgimento nos Estados Unidos, das novas tecnologias, dentre elas, os computadores pessoais e a internet. Essas novas tecnologias trouxeram coisas boas e também coisas ruins, pois não foram utilizadas apenas para a proliferação e democratização do conhecimento através do ciberespaço.<sup>58</sup>

Por outro lado, se a nova tecnologia da informação permitiu uma maior democratização do saber, o seu controle pelo que Eisenhower denominou ‘complexo industrial-militar’, originando gastos da ordem de dois milhões de dólares por minuto, na fabricação de armas nesta década (dados da Unesco), demonstra a necessidade de utilizarmos cada vez mais esta poderosa tecnologia para denunciar aberrações deste tipo, fortalecendo e emergência de uma sociedade planetária mais solidária, ecológica, pacífica e espiritualizada.<sup>59</sup>

O que não se poderia imaginar é que anos depois, as redes sociais além de conectar o mundo, seriam capazes de influenciar a opinião pública e mobilizar mais de 57 milhões de pessoas a ponto de carrearem a eleição do 38º presidente brasileiro. Vivemos hoje a era da hipermudança<sup>60</sup> e isso, sem dúvidas, determina boa parte da relevância que o processo de *coaching* possui. Não fazemos

---

57 DI BIASE, 1995, p. 173.

58 DI BIASE, 1995, p. 173-174.

59 DI BIASE, 1995, p. 173-174.

60 ARAÚJO, Ane. *Coach um parceiro para o seu sucesso*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2012. p. 8.

mudanças apenas como política. Tudo que é feito no mundo do humano, é feito por pessoas e para que esse fazer seja potencializado é preciso treinar para a construção de competência. Falar em *coaching*, portanto, é falar em movimento, em ação, em conhecimento relevante, em direção, em adaptabilidade. Essa direção, por sua vez, tem uma orientação do presente (estado atual do sujeito) para o futuro (estado desejado do sujeito aonde está a meta a ser alcançada). Do “já” para o “ainda não”, expressões usadas na compreensão de espiritualidade como veremos.

Como vimos, a filosofia deixa sua marca no *coaching* na busca de compreensão do ser humano, na busca pela identidade do ser humano como um ser pensante, que sente, reproduz emoções e é capaz de se responsabilizar pelos seus atos.<sup>61</sup> Uma outra contribuição típica da filosofia e que mereceu destaque em nossos estudos, foi a maiêutica socrática. Em termos ocidentais, é inegável a figura de Sócrates como o grande sistematizador da andragogia por detrás do processo de *coaching* que vem servindo aos homens e suas organizações nos mares da era pós-moderna. Embora tenha suas raízes ocidentais no método socrático, e no platonismo do mundo das ideias, o *coaching* nos provoca uma reflexão crítica sobre tudo e nos leva a perceber que nem sempre, o melhor está no além-mundos, no futuro projetado pela mente. Eis seu caráter profundamente teológico.

O ‘pezinho’ no esporte, por sua vez, fez com que o *coaching* bebesse em fontes menos niilistas e se apegasse também, na importância da dor (desafio), típica da superação esportiva, e não mais como explicação para os porquês da minha vida hoje, como se os traumas do passados ou a dor do presente só pudessem ser vistas como paralisantes.

Segundo os pais do *coaching* o processo pode ser definido como

desbloquear o potencial das pessoas para maximizar seu próprio desempenho. É ajudá-las a aprender ao invés de ensinar a elas. Afinal como você aprendeu a andar? Sua mãe precisou instruí-lo.

---

<sup>61</sup> ROMA, 2011, p. 16.

Todos temos uma capacidade de aprendizagem natural embutida, que na verdade chega a ser perturbada pela instrução.<sup>62</sup>

Grandes nomes do *coaching* afirmam que "*coaching*, afinal, é exercício de liderança."<sup>63</sup> O coordenador da obra citada, por sua vez, apresenta-nos os fundamentos do *coaching* dizendo que são três: a "estratégia mutua, mudança COMPORTAMENTAL e *core value*"<sup>64</sup>. Como viver estes três fundamentos desprezando o valor do espiritual? Impossível ou, no mínimo, improdutivo, como pretendemos demonstrar. Liderança tem relação direta com encontro entre duas ou mais pessoas, mudança comportamental é chave para uma vida boa e encontrar um núcleo de valor para a vida ou para as organizações em que estamos inseridos, é parte fundamental do bem-estar e do sucesso. Todos esses contornos guardam relação com a visão que se pode extrair da espiritualidade humana.

Em *coaching*, perguntar é a chave. Quando falamos em perguntas é inevitável lembrarmos a maiêutica e também falarmos em Paulo Freire. Em sua obra ele deixa muito claro um dos fundamentos dessa metodologia: o poder da pergunta. Afirma o educador que a primeira coisa que um educador precisa aprender é a perguntar. E enfatiza que se aprendêssemos a nos perguntar mais, especialmente sobre as questões existenciais do nosso cotidiano, construiríamos o caminho do conhecimento. Para ele, um educador tem que ser um grande perguntador de si mesmo<sup>65</sup>. Mais adiante ele continua dizendo que "sem a curiosidade que nos torna seres em permanente disponibilidade à indagação, seres da pergunta – bem feita ou mal fundada não importa – não haveria a atividade gnosiológica, expressão da possibilidade de conhecer."<sup>66</sup>

---

62 WHITMORE, John. *Coaching para aprimorar o desempenho: os princípios e a prática do coaching e da liderança, desenvolvendo o potencial e o propósito humano*. São Paulo: Ed. Cio, 2012. p. 17.

63 GOLDSMITH, Marshall (Org.). *Coaching: o exercício da Liderança*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 12.

64 GOLDSMITH, 2003, p. 40.

65 FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985. p. 48-51.

66 FREITE, 1985, p. 48-51.

Nossa capacidade de aprender está atrelada diretamente a nossa natureza questionadora. E em termos gerais podemos dizer que é essa boa parte da natureza do processo de *coaching*: gerar o saber através do perguntar constante. Remi Klein em um de seus artigos cita outra obra de Freire onde ele nos explica algo relevante para entendermos o poder das perguntas em *coaching*:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, me que inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e que corresponde o dever de luta por ele, o direito à curiosidade[...]. Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com essa ou aquela pergunta em lugar da passividade face às explicações discursivas do professor, espécies de resposta a perguntas que não foram feitas[...]<sup>67</sup>

O *coach* é, portanto, um tipo especial de professor que apoia o processo de aprendizado ao invés de ensinar. Como o próprio Klein observa, fica evidente a postura de Freire quanto à “castração da curiosidade” e a “pedagogia da adaptação e não da curiosidade”.<sup>68</sup> Ele ainda nos transcreve curioso texto do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso onde lemos que

todo ser humano faz pergunta. Ele interroga a si mesmo e ao mundo. Ao interrogar-se, procura saber quem ele é, para onde vai e de onde veio. Quando a pergunta recai sobre o mundo, o ser humano procura compreender o seu mistério, sua origem e finalidade. Na experiência do cotidiano existencial, a pergunta rompe com o mesmo. Provoca novas situações. Faz emergir o desconhecido. O manifesto, enquanto manifesto, já é conhecido e por isso não é mais provocador. O objeto manifesto, porém, guarda sempre outra face como desconhecida, mas sugerida. É um oculto vislumbrado no horizonte. A este desconhecido que está além-horizonte denominamos de mistério.<sup>69</sup>

Mais adiante no mesmo texto lemos que “às vezes, para fugir à insegurança, resgatando sua liberdade, ele (o ser humano) prefere

---

<sup>67</sup> KLEIN, Remi. *A Pedagogia sob um novo olhar no processo educativo religioso. Interações – cultura e comunidade*, Belo Horizonte: Dossiê Educação e Religião. v. 8, n. 14, p. 318-328, 2013.

<sup>68</sup> KLEIN, 2013, p. 320.

<sup>69</sup> KLEIN, 2013, p. 322.

respostas prontas, que apaziguam a sua ansiedade.[...] o homem finito, busca fora de si o desconhecido, o mistério: transcende.”<sup>70</sup> E isso é genial e traz luz à nossa pesquisa uma vez que se trata “de uma concepção não só epistemológica, pedagógica e metodológica, mas também profundamente teológica, no sentido de que certamente estamos mais perto da transcendência quando fazemos perguntas do que quando pensamos que temos todas as respostas.”<sup>71</sup>

*Coaching*, portanto, é teológico e espiritual na justa medida do perguntar constante que move o homem. Outra importante citação que reforça essa ideia, também trazida por Klein diz que

Sempre quando alguém não tem o domínio sobre determinada situação ou objeto ele pergunta para receber uma informação e, com isso, cessa a curiosidade que gerou a pergunta. Mas existem outras perguntas cujas respostas nunca satisfazem nossa curiosidade, principalmente quando se refere a vida, ao futuro, às forças superiores e aos mistérios do além. As perguntas estão presentes já na infância do ser humano e repetem-se por toda a vida. Nunca cessam. Há um espaço inacessível ao ser humano enquanto ser histórico e finito. A curiosidade que nos leva ao inacessível é também fonte de transcendência.<sup>72</sup>

Neste contexto apresentamos o presente artigo tentando evidenciar que através de uma tecnologia podemos apoiar líderes em empresas a desenvolverem sua inteligência espiritual através de um conjunto de competências. Esse conjunto de competências não atenderá apenas a ideia do espiritual como transcendente, mas tentará trazer elementos de espiritualização<sup>73</sup> objetivando apoiar as pessoas a enfrentarem os desafios da modernidade em tempos sombrios.

---

<sup>70</sup> KLEIN, 2013, p. 322.

<sup>71</sup> KLEIN, 2013, p. 322.

<sup>72</sup> KLEIN, 2013, p. 326.

<sup>73</sup> Expressão que cumhamos com o sentido de “colocar-se em ação rumo ao desenvolvimento da inteligência espiritual.”

## Política da Linguagem, Inteligência Espiritual e Coaching

Segundo o pensamento de Nietzsche exposto por Viviane Mosé<sup>74</sup> em sua tese de Doutorado, o homem ao criar a linguagem, cria ao mesmo tempo a possibilidade de, através dela, negar o mundo, inventar um outro mundo e até acreditar que está mais seguro e vivendo num lugar mais verdadeiro. A linguagem é, portanto, segundo nos afirma a brilhante psicanalista e filósofa, o primeiro grande suporte para a negação da vida, para o niilismo. Resgatar, portanto, o verdadeiro papel da linguagem de ser um instrumento ficcional e provisório incapaz de deter a vida ou mesmo de explicá-la em sua profundidade, é parte fundamental para nos aproximar da vida como vontade de potência. Em outras palavras a linguagem vem sendo usada para tentar dar ao homem (falsamente) o poder de determinar a duração das coisas da vida, de definir a própria extensão da vida, ou mesmo de fixar a vida, de dar identidade fixa e imóvel das coisas da vida que são por si mesmas dinâmicas, caóticas e incontroláveis.

O pensamento de Nietzsche, segundo nos parece, serve mais que qualquer outro como chave de interpretação para o mundo em que vivemos. Escrever e publicar essa tese tem, para nós, um objetivo político na medida em que busca interferir, construir, cortar. [...] Nos contentamos, então, em apresentar a argumentação que aponta para a importância da questão: a linguagem gregária é a matriz no niilismo. Repensar a linguagem, colocar em questão os valores que impõe, avaliar a relação que a cultura estabeleceu com os códigos de comunicação, bem como as leis e princípios que estabeleceu para os enunciados, é, para nós, uma questão política. Em *Ecco Homo*, no item I de "Por que sou o destino" Nietzsche afirma: "Somente a partir de mim, haverá grande política na Terra."<sup>75</sup>

Assim, uma grande política coloca em questão a relação do ser humano com a própria linguagem, com a cultura e claro, com a vida. Será que aquilo que mais valorizamos, será que aquilo que

---

<sup>74</sup> MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

<sup>75</sup> MOSÉ, 2006, p. 21.

dizemos e cremos com mais veemência está, de fato, em harmonia com a vida? A afirmação da vida e a negação da vida está fortemente relacionada com aquilo que o filósofo do martelo chamou de transvaloração dos valores. Em outras palavras a “grande e única política”<sup>76</sup> precisa ser aquela que conduz à reprogramação mental do homem, desautorizando como diz Mosé, a negação do tempo, do corpo e da vida através da linguagem, e consequentemente através da vida e da cultura.

Qual a relação disso tudo com uma proposta de inteligência espiritual nas empresas? Muito simples: mudar a relação do homem com a linguagem e, consequentemente com a vida, não é diferente daquilo que pretendem os *coaches* e alguns CEO’s. A premiada CEO da *Global Dialogue Center and Leadership Solutions Companies*, Debbe Kennedy, postula em seu artigo, por exemplo, uma questão que também se afigura como central na pós-modernidade em termos de liderança e que nos permite compreender mais sobre o poder do *coaching*. Citando John Homer Miller, ela destaca que para que tenhamos uma organização melhor e até mesmo um mundo melhor, o que se precisa é de mais educação. Diz ainda que essa educação precisa ser algo espiritual e ético, que precisa ser adicionado ao conhecimento juntamente com emoções mais disciplinadas e dedicação.<sup>77</sup> E conclui citando Shakespeare: “sempre podemos reconhecer um homem sábio, porque tudo que ele diz e faz se parece com algo maior do que ele próprio. Os grandes líderes começam de dentro e movem-se para fora.”<sup>78</sup>

Muito embora a ideia de espiritualidade esteja embebida de certo niilismo em virtude da influência do pensamento platônico em nosso cristianismo, a ideia de espiritualização como caminho para uma inteligência humana pautada em competências, nos permite, dentre outras coisas, trabalhar nossa relação com a linguagem, com a vida e com o futuro. Em termos mais atuais, o ser inteligente espiritualmente é um ser da ação, um ser com olhos no presente e

---

<sup>76</sup> MOSÉ, 2006, p. 21.

<sup>77</sup> GOLDSMITH, Marshall (Org.). *A nova organização do Futuro*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, Elsevier, 2010. p. 180.

<sup>78</sup> GOLDSMITH, 2010, p. 180.



profundamente consciente da armadilha política da linguagem e da necessidade de uma nova grande política da linguagem.

Podemos dizer que esta é a visão que temos para um líder espiritualizado: alguém capaz de se comprometer com algo que vai para muito além dele. Alguém profundamente integrado com a organização da qual faz parte (e de seus interesses), mas incapaz de virar as costas para os interesses de todos os envolvidos e também daqueles que estão muito longe, mas que podem (e serão) afetados por suas ações. O processo de *coaching* guarda relação com isso tudo pois vem sendo usado por organizações de todo o mundo para promover o desenvolvimento de seus gestores e líderes com os pés no presente e olhos também no presente e no futuro.

Bruce Lloyd, ilustre palestrante e autor da *South Bank University of London*, ensina que o *coaching* promove uma redefinição do modo como definimos responsabilidade, aprendizagem, liderança e uso do poder. Segundo ele, todas essas questões, com *coaching*, são elevados a um nível verdadeiramente fundamental, visto possuir uma abordagem que dá condições aos líderes de “transformarem suas organizações de modo que a responsabilidade em âmbito pessoal, a criatividade, a assunção de riscos e a consecução de resultados empresariais se tornem suas características marcantes.”<sup>79</sup> Ele conclui dizendo que essa mesma abordagem permite ainda que as questões de poder não sejam vistas de modo neutro, uma vez que as relações de abertura entre líder e liderado são tão claras, quando as questões de mérito e os aspectos da cultura organizacional que deixa de ser visto como poder ‘sobre’ as pessoas e passa a ser visto como poder ‘dentro’ das pessoas.<sup>80</sup> Quando falamos em *coaching* já mencionamos tratar-se de ação. Mas agora, começa a ficar mais claro que não se trata apenas de ação. *Coaching* tem, portanto, um caráter ontológico. Isso quer dizer que é um processo focado em produzir aprendizagem transformacional, inclusive da linguagem e de nossa relação com ela.

---

<sup>79</sup> GOLDSMITH, 2003, p. 187-188.

<sup>80</sup> GOLDSMITH, 2003, p. 187-188.

Essa prática está ligada diretamente a uma forma particular de ser<sup>81</sup> que passa a ver a si mesmo e à sua vida com um novo olhar. É desse novo olhar que brotam as melhores ações. E essa ideia de poder dentro das pessoas e de aprendizagem transformacional está presente na compreensão de espiritualização que trataremos mais adiante. É possível ver, portanto, que definir *coaching* no contexto deste artigo é definir um modelo de liderança e também uma metodologia capaz de fazer valer o aspecto espiritual do ser humano no contexto do trabalho. O consagrado autor Viktor E. Frankl diz que

o sentido da vida sempre se modifica, mais jamais deixa de existir. (...) podemos descobrir o sentido da vida de três diferentes formas: 1. Criando um trabalho ou praticando um ato, 2. Experimentando algo ou encontrando alguém, 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.<sup>82</sup>

Não há dúvidas de que esse líder ou mesmo a ideia de uma vida que faça sentido, estão longe daquilo que parecer ser a vontade de potência de Nietzsche, mas existe pelo menos um ponto de encontro bastante interessante aqui: um ser com mais inteligência espiritual é capaz de compreender e viver a vida como vontade de potência, ou seja, como incontrolável, tensa as vezes, leve outras vezes, cheia de forças opostas (que leva o homem a querer expandir-se como a vida, dominar, criar, criar e destruir valores e estabelecer ele mesmo o sentido de sua existência). Através dessa compreensão talvez precise de uma “dose de futuro” para suportar a realidade, mas pode ser, também, que consiga dar sentido à sua vontade na ação que o conecta profundamente com o trabalho, com seus afetos e com suas atitudes frente às diversidades.

Desenvolvendo pessoas há tantos anos temos visto, sem sombra de dúvidas, que um dos seus maiores inimigos para desenvolver sua inteligência espiritual e as competências que parecem integrá-la está, justamente, na forma como constroem e mantem seu diálogo interno. A linguagem interna que usam sobre

---

<sup>81</sup> WOLK, Leonardo. *Coaching a arte de soprar brasas*. Rio de Janeiro que: Qualitymark, 2008. p. 36.

<sup>82</sup> FRANKL, Viktor. *Em busca de Sentido*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010. p. 27.

si mesmos, sobre sua relação com as outras pessoas, sobre sua relação com os diferentes ambientes, sobre ideias, sobre situações imaginárias, sobre a vida e sobre a potência que são e não reconhecem, mostra que estão mergulhados num cenário auto-limitante, construído por sua incapacidade de perceber o quanto a linguagem e a cultura estabeleceram grillhões às vontades de potência que lutam debilmente dentro deles ou delas.

Mesmo sabendo que a própria ideia de desenvolver o humano para que ele possa realizar alguma coisa já está, em si, contaminada pelo niilismo, corremos o risco de estabelecer contato entre esses conceitos, uma vez que o próprio Nietzsche ao apresentar sua ideias ao mundo, parece, de algum modo, querer acordar o ser humano para o mal-estar da modernidade, ou seja, o fato de que o ser humano está “doente de si mesmo”<sup>83</sup>.

## Espiritualização é igual a Inteligência Espiritual nas Empresas

Do ponto de vista profissional, trabalhando como *coaches*, temos assistido as grandes dificuldades de líderes e gestores em atuarem junto às suas equipes e organizações de modo a colocarem em prática temas ligados a inteligência espiritual. Parte do problema está, justamente, na grande confusão entre espiritualidade e religiosidade. Em virtude disso, faltam parâmetros mais objetivos sobre inteligência espiritual que lhes permita compreender o tema, sua importância para as pessoas e para os negócios e, em especial, saber como colocar em prática o desenvolvimento das pessoas nesta direção, sem ferir crenças religiosas ou causar constrangimentos.

Foi por esse motivo que passamos, nos últimos 10 anos, a estudar de que modo a espiritualização poderia, eventualmente, apoiar gestores e líderes nesta importante tarefa: desenvolver pessoas e suas potências, gerar resultados para as empresas e ao

---

<sup>83</sup> MOSÉ, 2006, p. 21.

mesmo tempo, sustentabilidade para a economia e para a vida no planeta.

Quando usamos a expressão espiritualização, queremos distanciar as compreensões que aproximam o tema da visão tradicionalmente associada à vida religiosa. Queremos, com a Teologia Prática e com a ideia de espiritualidade vivida, mostrar que a inteligência espiritual é totalmente capaz de ser estudada, compreendida e desenvolvida em todos os contextos da vida, segundo os referenciais do que hoje chamamos ciência moderna, dentro da qual, situamos a própria Teologia.

Quando falamos numa forma de inteligência humana, estamos nos referindo a um conjunto potencial inerente à própria vida. Assim como o intelecto e o emocional já vêm sendo aceitos e compreendidos como expressões distintas de nossas inteligências, o espiritual também pode ser, tendo em vista que, assim como a razão e a emoção, a dimensão espiritual é encontrada em todas as pessoas, de todas as culturas, e manifestada de diferentes formas (mas ainda assim, percebível em certos padrões). Todos os seres humanos são dotados de razão, de emoção e daquilo que chamamos inteligência espiritual, ou seja, genericamente é uma capacidade de compreender e de se conectar com questões que estão para além da materialidade.

Assim como um homem ou uma mulher são capazes de aprender cálculos pelo uso capacidade logico-matemática, ou são capazes de compreender conscientemente a expressão de diferentes emoções ou mesmo perceber e interagir com emoções e sentimentos de terceiros, em virtude da presença da uma inteligência chamada de emocional, todos os seres humanos são igualmente capazes de conectarem-se e de compreenderem (cada um ao seu modo), tanto as manifestações daquilo que consideram sagrado, divino, ou daquilo que é típico do espírito humano, ou da não materialidade da vida.

Conectar-se com Deus ou com a natureza podem ser exemplos clássicos desta capacidade (presente em todas as culturas e em diferentes religiões e contextos), assim como conectar-se consigo mesmo, com o belo, com o silêncio meditativo ou simplesmente guiar sua vida por valores e princípios (que só existem no campo simbólico do sujeito), também podem ser

expressões daquilo que chamamos, neste artigo, de inteligência espiritual.

Ao longo dos últimos anos pesquisando e trabalhando em empresas, ousamos dizer que essa inteligência espiritual que gostamos de chamar de “integrativa”, acaba se expressando naquilo que podemos denominar de humanização profunda, ou seja, ser mais inteligente espiritualmente, espiritualizar-se ou desenvolver a inteligência integrativa são, em resumo, uma constante busca do humano por compreender a si mesmo, o sentido da sua existência, sua relação com a vida como ela é e com a morte (inevitável, mesmo que não se saiba o momento) e especialmente, sua postura diante da vida, do outro e da grande incerteza que chamamos de futuro. O humano “profundamente humanizado”: nem anjo nem demônio, nem santo nem pecador. Um “buscador” simplesmente, alguém consciente da incapacidade da linguagem de traduzir a realidade. Alguém que se vê como fagulha de tempo e espaço, inserido numa cultura que o cria e que ele cria, ao mesmo tempo. Alguém que reconhece suas certezas e esperanças como meros instrumentos íntimos a favor de sua própria sanidade e não como armas a serem apontadas em direção ao infinito.

Em nossas pesquisas encontramos referências no Brasil e nos EUA de que a espiritualidade pode trazer melhores resultados para as pessoas e também para as organizações. A questão intrigante era, ainda, como fazer isso em diferentes contextos organizacionais e culturais. A diferença que temos notado e que pode nos apoiar nessa caminhada, reside no seguinte: a vivência da espiritualidade vem sendo buscada cada vez mais fortemente pelas pessoas e quando ela acontece, o que se verifica é que ética e valores andam juntos com essa prática que é, para dizer pouco, essencial e inerente a natureza humana. Não se trata de mudar as coisas para ajudar as pessoas a encontrarem um sentido para suas vidas no trabalho. Nem sempre se busca mudar a realidade! As vezes se busca apenas, aprender com a realidade, vive-la e ser feliz apesar dela. Essas e outras nuances fazem da inteligência espiritual algo fascinante, belo e essencial em tempos sombrios.

Estudar como a espiritualidade vem sendo “usada” nas empresas para promover o bem-estar das pessoas é encontrar, ao mesmo tempo, uma nova ferramenta para “fazer as pessoas

trabalharemos mais e melhor”, mas é, também, uma forma legítima de busca destas mesmas pessoas. Podemos dizer que é uma necessidade humana, neste mundo às vezes sombrio, em que o capitalismo e a vida profissional parecem ter-se tornado a nova religião.

Albert Einstein em um ensaio escrito em 1938, denominado ‘Como eu vejo mundo’ escreveu: “o mistério da vida me causa a mais forte emoção. É este sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação do mistério ou não pode mais experimentar espanto e surpresa, já é morto-vivo e seus olhos se cegaram.”<sup>84</sup> Essa observação nos mostra como um cientista pode ter olhos para ver aquilo que algumas organizações já enxergam, ou seja, que o olhar inclinado para a beleza da vida e o coração inclinado com admiração diante do mistério da vida, é uma prática profundamente espiritual e que pode, tranquilamente, fazer parte da expressão de espiritualização de qualquer pessoa, em qualquer contexto, sem proselitismo.

Essa forma de ver a vida e de portar-se diante da vida é mística nos termos apresentados neste artigo. Analisando Max Weber e Pierre Bourdieu, Boff nos aponta que a “mística significa, então, o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade da mudança, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos.”<sup>85</sup> No mundo em que vivemos a eficácia é tão premente que até a espiritualidade precisa ser eficaz. A dimensão mais profunda disso é: “ser capaz de aceitar e conviver com o diferente”<sup>86</sup>, ou conviver “bem” com o diferente. Nesta direção, se compreendermos que as empresas têm alma, a mística presta grande serviço para a construção de um caminho de espiritualização nas empresas através de processo de *coaching* para o desenvolvimento de competências.

---

<sup>84</sup> BOFF, Leonardo. BETO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1994, p. 15.

<sup>85</sup> BOFF, 1994, p. 24.

<sup>86</sup> BOFF, 1994, p. 33.

## Empresas têm ALMA?

Lee G. Boleman e Terrence E. Deal afirmam que "muitos duvidam da noção de que as organizações têm uma alma, mas existem evidências crescentes de que a espiritualidade é elemento crítico para o sucesso de longo prazo!"<sup>87</sup> Vemos que é assim na vida, e portanto, também é assim na vida das organizações. É crescente o número de empresas no Brasil e no mundo, envolvidas em escândalos que quando não atentam contra a lei, atentam contra a ética e a moral. Mas quando falamos de empresas ou damos nomes a elas, é comum que deixemos de lembrar que paredes e máquinas não trabalham sozinhas. São pessoas que comandam tais organizações. São líderes que impulsionam equipes inteiras na busca por mais resultados. São seres humanos que deixam de lado sua própria dignidade em nome do lucro, mesmo que isto custe a ruína de outras empresas, da sociedade, do meio ambiente e até mesmo de um ou mais Estados-Nação.

Líderes mais inteligentes espiritualmente e de alta performance sabem que "o lucro é o aplauso que se recebe por cuidar bem do cliente e por criar um ambiente motivador para a equipe"<sup>88</sup>. É evidente que recursos jurídicos e punitivos precisam estar de prontidão para que se faça uma justiça limpa, rápida e eficaz. A impunidade é um mal que precisa ser eliminado pela raiz. Contudo, vigiar e punir<sup>89</sup> não trabalham as causas, apenas inibem (quando inibem) algumas consequências.

É o vazio de sentido do humano e no humano, que vem esvaziando de valor suas ações e as consequências de suas ações no mundo. Por estranho que possa parecer, a humanização não é um processo de ir em busca de si mesmo e que se encerra nisso. O mergulho em nós mesmos, a medida em que se aprofunda, nos dirige, inevitavelmente ao outro e em especial às nossas ações que afetam o outro. Quando nos damos conta de que todo o mal que

---

<sup>87</sup> GOLDSMITH, Marshal (Org.). *A nova Organização do futuro: visões e insights dos maiores líderes do pensamento estratégico*. São Paulo: Ed. Elsevier, 2010. p. 130.

<sup>88</sup> BLANCHARD, Ken. *Liderança de alto nível - como criar e liderar organizações de alto desempenho*. Porto Alegre: Bookman, 2011, p. 4.

<sup>89</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. p. 63-75.

fazemos a alguém tem mão dupla (a exemplo dos danos ambientais ou do caos na economia brasileira por causa da corrupção), fica claro que espiritualização é sim, humanização. É, portanto, uma dimensão do cuidado que deve estar presente nas empresas que (ainda) têm alma.

Outras empresas, mesmo longe deste cenário, enfrentam diferentes desafios, mas que giram em torno do mesmo *core value* (*núcleo de valor*): a necessidade de desenvolvimento humano espiritual e ético. Neste contexto acreditamos que o desafio mais importante talvez seja a formação de seus líderes, e antes deles, a formação das pessoas por meio da educação para a vida e não só para o mercado!

Não importa a complexidade ou o tipo de desafios vividos pelas organizações, em todos os casos nos parece salutar e também rentável, investir em pessoas e, mais especificamente, na formação de líderes espiritualizados. Capacitar pessoas não é apenas fornecer conhecimentos técnicos ou teóricos. Já passamos da era industrial. Na era do conhecimento e das tecnologias é preciso que os fatores humanos, espirituais, éticos e de alinhamento dos valores fundamentais sejam considerados nesse processo de formação, visto que são primordiais e ligados diretamente ao bem maior que precisamos defender: a vida! E no caso das empresas, o que precisamos encontrar são soluções integrativas para a vida do negócio em harmonia à vida como um todo! Quando imaginamos uma pessoa sem alma, sem espírito, imaginamos um cadáver. Por que seria diferente numa empresa? Ela, sem alma, sem espírito, também morre ou gera a morte! O mesmo acontece com os Estados, e porque não dizer, com as Igrejas. Toda organização humana sem alma tenderá para o enfraquecimento e morte das pessoas e da vida.

Como nos ensina Leloup, relembando as lições de Maslow e de Roberto Crema, hoje estamos verificando mais iniciativas de estudo científico sobre a vida dos santos e dos sábios. Fazemos isso porque percebemos que eles e suas vidas estão repletos de conhecimentos necessários ao homem pós-moderno. Leloup nos lembra que muitos dos estudos realizados no passado tinham como referência a visão do ser humano a partir das doenças e suas



mazelas históricas ao invés de focar em seu estado de realização<sup>90</sup>. Esse estudo não é simples, passa pela compreensão da fenomenologia do itinerário espiritual<sup>91</sup> e culmina na visão de espiritualidade como algo que podemos viver a partir de nós mesmos, que tem uma porção de baixo<sup>92</sup> (onde estão nossas limitações, nossa impotência, nossas mazelas e dificuldades) e também uma porção de cima<sup>93</sup> (que nos leva a buscar crescimento, ter um modelo ou referências superiores de crenças ou condutas) e que, por isso, pode ser vivida como um horizonte que nos faz seres que vivem no presente mas que têm olhos para um futuro. Seres que buscam um sentido maior naquilo que fazem, em todas as instâncias de sua vida, inclusive, no trabalho. A visão integrativa de si mesmo (sombra, luz, intelecto, emoção, matéria e espírito), da vida (em si, enquanto fenômeno, total e global por natureza e portanto, não limitável pela linguagem), das relações com os outros seres viventes e com o planeta, e do sentido que damos às nossas ações para além de nós mesmos, é o que chamamos espiritualização. Às empresas que consideram tais axiomas, chamamos de “empresas com alma” ou de “empresas feitas para durar”<sup>94</sup>.

Objetivando apoiar na construção das empresas com alma, lugares onde as pessoas vivem, se realizam e fazem mais do que gerar lucros, acreditamos que programas de *coaching* focados no desenvolvimento integral do ser humano são fundamentais. Neste contexto temos introduzido nos últimos anos ferramentas e práticas que objetivam estimular o desenvolvimento da inteligência espiritual. A primeira referência que tivemos para o tema foi com Robert Dilts. Sua visão evidencia que precisamos nos apropriar de algo que seja de fácil aceitação por diferentes pessoas em seus diferentes contextos socioculturais, visando a implantação de um programa integral de desenvolvimento focado de cima para baixo

---

90 LELOUP, Jean-Yves. *Terapeutas do Deserto*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013. p. 18.

91 LELOUP, 2013, p. 17.

92 GRÜM, Anselm. *A Espiritualidade a partir de si mesmo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013. p. 63.

93 GRÜM, 2013, p. 13-17.

94 COLLINS, Jim. *Como as gigantes caem e porque algumas empresas nunca desistem*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

em termos de níveis neurológicos. Em outras palavras, criando um conceito possível para espiritualização nas empresas (face a diversidade) podemos seguir alguns ensinamentos e trabalhar a partir do nível espiritual para desenvolver as pessoas em seu papel de líderes. O autor apresenta os níveis neurológicos de aprendizagem e mudanças de pessoas e organizações deixando evidente que o mais elevado deles é justamente o espiritual. Em suas palavras:

Para alcanzar el éxito deseado, tando el *coaching* como el modelado requieren a menudo tratar con múltiples niveles de aprendizaje y cambio. Según el modelo de Niveles Neurológicos, la vida de cualquier individuo dentro de un sistema, así como la vida del próprio sistema, pueden ser descritas y entendidas sobre la base de una variedad de niveles, que abarca los correspondientes al entorno, el comportamiento, las capacidades, los valores y las creencias, la identidad y el espiritual.<sup>95</sup>

Mais adiante ele completa dizendo que esse nível chamado de espiritual consiste exatamente na percepção que a pessoa tem de um sistema maior do que ela e maior do que o próprio sistema no qual ela participa. Essa percepção guarda relação direta com o sentido e o propósito de suas ações, ou seja, ‘para quê?’ e ‘para quem mais?’ elas são dirigidas. Ambientes, recursos, atitudes, estratégias, crenças, valores e a própria identidade da pessoa estão a serviço desse nível chamado de espiritual.<sup>96</sup> Uma compreensão de espiritualidade nesta direção é capaz de produzir ações éticas, especialmente da ética do cuidado.<sup>97</sup>

Mais adiante em nossas pesquisas encontramos Danah Zohar<sup>98</sup>. A autora foi quem primeiro apresentou 12 princípios que serviriam de base para a construção de uma teoria ao redor da chamada inteligência espiritual. Olhando a vida de grandes homens

---

<sup>95</sup> DILTS, Robert. *Coaching Herramientas para el cambio*. Capellades/Espanha: Ed. Urano, 2011. p. 25-26.

<sup>96</sup> DILTS, 2011, p. 25-26.

<sup>97</sup> BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar - ética do humano, compaixão pela Terra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999. p. 71.

<sup>98</sup> ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *QS - Inteligência Espiritual - o Q que faz a diferença*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

e de uma grande mulher, místicos<sup>99100101102103</sup> e ela, mística<sup>104</sup>, do ocidente e alguns do oriente, encontramos algumas características comuns e, a partir delas, iniciamos um processo de aproximação entre as revelações feitas pela autora e a vida concreta de homens e mulheres que trilharam o caminho da espiritualidade mística. Seguindo, assim a mesma lógica dos pesquisadores da inteligência emocional<sup>105</sup>, propomos que existem 12 competências chave que, uma vez desenvolvidas em processo de *coaching* com foco em competências, podem levar uma pessoa a ser mais inteligente espiritualmente.

Danah Zohar elencou os seguintes princípios em sua teoria a respeito do QS (quociente espiritual): uso da adversidade, autoconsciência, humildade, compaixão, visão de valor, espontaneidade, holismo, fazer perguntas fundamentais e profundas, reformular nossas mentes e nossos paradigmas, ficar contra a multidão, celebrar a diversidade e senso de vocação.<sup>106</sup> Para conseguir aproximar essa lista de nossas pesquisas em teologia e *coaching*, buscamos fazer mudanças para tornar o alcance das competências mais apropriado, permitindo assim sua aceitação por diferentes grupos de pessoas com diferentes compreensões sobre o tema espiritualidade e, ao mesmo tempo, harmonizar tais expressões com a experiência mística de algumas figuras históricas que usamos como referência. Fizemos, ainda, uma modernização na linguagem para aproximar do século XXI algumas expressões e também tornar mais agradáveis as ideias para pessoas não acostumadas com a linguagem tipicamente religiosa, que acaba permeando o tema.

Durante nossos estudos, focamos em atender 3 diferentes grupos com os quais mais temos nos deparado em empresas nos

---

<sup>99</sup> CRUZ, São João. *Obras Completas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

<sup>100</sup> DE ASSIS, São Francisco. *Fontes Franciscanas*. Santo André: Ed. Mensageiro de Santo Antônio, 2004.

<sup>101</sup> XAVIER, São Francisco. *Obras Completas*. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

<sup>102</sup> ECKHART, Mestre. *Sermões Alemães*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2008. v. 1.

<sup>103</sup> ECKHART, Mestre. *Sermões Alemães*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009. v. 2.

<sup>104</sup> DE JESUS, Teresa. *Obras Completas*. São Paulo: Editora Loyola, 2015.

<sup>105</sup> <https://www.6seconds.org/>

<sup>106</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=9YVsGwurog8>

últimos: 1) Cristãos, Judeus e Muçulmanos (um só Deus e seguidores de um livro sagrado); 2) Buscadores não cristãos que buscam a iluminação ou o crescimento pessoal: místicos orientais, yoguis e reencarnacionistas (espíritas, espiritualistas, exotéricos, etc) e 3) Céticos ou Ateus (pessoas que não tem fé religiosa ou crenças espirituais, mas baseiam suas vidas em parâmetros científicos, filosóficos ou éticos). Alguns intelectuais deste grupo 3, destacam-se como uma espécie de “seguidores de Nietzsche”, uma vez que tecem fortes críticas a tudo que é espiritual-religioso, considerando tais ideias ou práticas como uma forma de niilismo. Para tal grupo, o máximo de princípios poderiam ser os propostos pelo próprio filósofo alemão: vida e vontade potência; amor fati ou amor pela vida como ela é, e lei do eterno retorno.<sup>107</sup> Não os detalharemos neste artigo.

A seguir consideramos um breve apanhado de algumas ideias que estamos trabalhando em nossa Tese de Doutorado, mas cujas linhas gerais estão sendo alargadas nos últimos 4 anos de pesquisa.

## As 12 competências de uma pessoa Inteligente Espiritualmente: primeira aproximação

**A primeira competência** seria a “*consciência de interioridade e exterioridade*”. A exploração dessa competência consiste em tomar consciência de que a vida humana está conectada de igual forma com aspectos transcendentais e imanentes. O treino dessa competência passa pelo fortalecimento do diálogo interno do sujeito através de perguntas poderosas sobre a vida e a realidade que o cerca, bem como pela busca pela prática do silêncio, seja através da contemplação, da meditação ou da oração.

Uma consequência inevitável do mergulho interior causado pela competência anterior é o *autoconhecimento*. **Eis a segunda competência:** conhecer, reconhecer e gerenciar padrões de comportamento, padrões emocionais, enquadrar e superar crenças limitantes e romper com paradigmas típicos das armadilhas de fixação da linguagem são exercícios típicos dessa competência. O

---

<sup>107</sup> MARTON, Scarlett. *Nietzsche e a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 2006.

autoconhecimento é o caminho mais seguro para que as pessoas entendam quem são e o que são, conseguindo assim superar seus dramas psicológicos como instância última de realidade. As pessoas estão tão presas em seus castelos de linguagem e aos dramas causados por falta de conhecer a diferença entre a vida que são e os padrões que abraçam ao longo da vida, que não conseguem viver bem consigo mesmas, com os ambientes onde vivem ou com as outras pessoas.

Acompanhando a vida de diferentes místicos, cristãos ou não, verificou-se que o mergulho na experiência mística, mesmo sendo descrito de diferentes formas, finda sempre em ações muito semelhantes. Entre os místicos cristãos, esse mergulho é normalmente seguido de uma percepção de Deus em nosso interior ou em uma relação de maior intimidade com esse mesmo Deus. Entre os orientais esse mergulho é descrito como o encontro com o silêncio ou com o campo transcendental<sup>108</sup> de todas as possibilidades que sustenta toda a vida, campo este descrito hoje, também, pela física quântica<sup>109</sup>. No fim, todos os místicos vivem, a partir desse contato, uma vida de “*devoção a uma causa maior*” por haverem sido tocados por algo tremendamente grande ou significativo espiritualmente.

Essa devoção por algo maior é nossa **terceira competência**. Trabalhando com *coaching* ou mesmo estudando *coaching* no esporte, vemos que essa devoção não é típica apenas da experiência mística descrita por religiosos. Gostamos de dizer que existe uma mística presente na própria vida que leva pessoas em diferentes contextos a experimentarem esse mistério. Na profissão de alguém, por exemplo, a vivência de sua vocação leva o ser humano a essa profundidade de si mesmo. No esporte a busca por superar limites e “tocar”, “experimentar” uma nova e mais elevada versão de si mesmo também conduz à essa “radicalidade”, que normalmente é seguida tanto por profissionais diversos como por alguns atletas, por uma espécie de necessidade humana: a

---

<sup>108</sup> MAHESH, Maharishi. *Ciência do Ser e a Arte de viver: meditação transcendental*. Ed. Best Seller: São Paulo, 1989. p. 21-66.

<sup>109</sup> CAPRA, Frisjof. *O TAO da Física*. Ed. Cultrix: São Paulo, 2011. p. 21-47.

necessidade de ajudar outras pessoas, de conectar-se com elas através daquilo que fazem, daí a ideia de *devoção*.

Se bem acompanharmos o que aconteceu com Teresa de Jesus em sua trajetória (para pegar uma mística cristã como exemplo), veremos que sua devoção a levou a uma capacidade de sacrificar-se, típica dos “imitadores de Cristo”. Entre os não religiosos que vivem essa mesma competência devocional, como um atleta olímpico, por exemplo, vamos encontrar essa mesma capacidade de sacrificar-se. Seja em nome de novos limites olímpicos, seja por ideais políticos e sociais, seja por sua bandeira, seja por sua família, seja por si mesmo, apenas para experimentar sua capacidade de não desistência ou de superação. Encontramos essa competência em muitas histórias: em mães que cuidam dos seus filhos, de anônimos que viraram heróis de guerra, em profissionais de vestem a camisa de suas empresas, de pessoas simples devotadas à caridade por um chamado de consciência. É o que Danah chama de senso de vocação. Por ele, de algum modo, expressamos nossa capacidade de lutar por algo que acreditamos e que, por alguma razão, é uma luta não violenta.

Pessoas devotadas a uma causa maior deixam transparecer em palavras e atos com facilidade nossa **quarta competência**: “*viver a vida alinhada com valores profundos*”. Essas pessoas normalmente têm claro seu propósito de vida e buscam viver esse propósito alinhadas com quem são em termos de valores profundos. Em empresas alinhadas desse modo<sup>110</sup>, se “foco no cliente” for um valor profundo, prejuízos são facilmente suportados para atender clientes insatisfeitos, por exemplo.

Estar alinhado com valores profundos, tais como humildade, compaixão, serviço, união e cooperação tem sido historicamente associado com a vida de santos e santas. O que nos parece, contudo, é que tais valores, quando não são só um discurso, são vividos também por muitas pessoas anônimas e até por grupos mais ativos por simples convicção íntima de que se trata do mínimo a ser feito por uma pessoa sensível à realidade do mundo hoje. Como *coaches* profissionais já tivemos milhares de clientes que, ou buscam viver

---

<sup>110</sup> BARRETT, Richard. A Organização dirigida por valores: liberando o potencial humano para a performance e a lucratividade. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 2014.

esses valores com toda a força de suas existências ou que o fazem com uma naturalidade profunda. Foram tantas as experiências com isso em nossa vida profissional que deixamos de crer em “super-humanos” e passamos a ver que “ser humano é que é super”. É por isso que amamos tanto a ideia do humano como potência. Consideramos esses valores como valores profundos, e assim o nominamos, por entender que profundos são aqueles valores que nos impulsionam ao contato com a vida, com o outro e com o ambiente de tal modo que nos fazemos menos influenciados por individualismo, ego ou interesses próprios (vazios e tediosos). Se for para agir focados no individualismo, no ego ou em interesses próprios, que o façamos conscientes e não por mero impulso, instinto, falta de repertório ou de inteligências bem desenvolvidas. São profundos, portanto, por sua dimensão espiritual de nos levar para além de nós mesmos e não porque são bons ou ruins segundo algum código moral rígido e pré-definido.

Nem todas as histórias humanas recebem holofotes ou impactam tantas vidas para ganhar audiência de maior vulto, mas são muitos os que vivem essa dinâmica da espiritualidade como guia de vida. Hoje, alguns movimentos levam essa competência (de viver guiados por valores profundos) para campos até inusitados como o da alimentação. O que é descrito como marcante na vida dos místicos cristãos, por exemplo, como as regras de restrição alimentar ou os prolongados jejuns, é hoje regra de vida de muitos ativistas de estilos de vida mais conscientes do ponto de vista alimentar<sup>111</sup>, veganos, ou esportistas seguidores das dietas da moda como a low carb ou a paleolítica<sup>112</sup>.

É fácil perceber que viver segundo valores profundos leva as pessoas a práticas distintivas. Humanos que somos agimos sempre, guiados ou não por valores profundos. Tais práticas vão compondo nosso estilo de vida e fazendo com que determinadas percepções passem a integrar nossas consciências. Viver uma vida com ânimo de serviço e cooperação, por exemplo, faz com que as pessoas passem a perceber facilidades e, também, desafios. Os mais cooperativos são normalmente vistos como pessoas positivas,

---

<sup>111</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=V1c96i97kM4>, acessado em 20/06/2016.

<sup>112</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=KP0\\_a279nml](https://www.youtube.com/watch?v=KP0_a279nml), acessado em 20/06/2016.

prestativas. Gostam de ajudar e normalmente são reconhecidos por isso em seus locais de trabalho. Por outro lado, vivem o desafio de atingir objetivos individuais pois, com frequência, encontram poucas pessoas com o mesmo ânimo para ajudá-los.<sup>113</sup> Por outro lado, assim como descrito por místicos e religiosos, cresce nestas pessoas a nossa **quinta competência** que chamamos de “*consciência de interdependência, impermanência e integratividade*”, ou seja, ao colocarem-se no caminho do serviço, os místicos, por exemplo, narram com frequência sua consciência de que Deus está presente em tudo, chegando a guiar suas ações. Os místicos servem de exemplo por vários fatores, um deles é a escolha de um estilo de vida simples. Por mais que os místicos cristãos não evidenciem estes termos, os místicos orientais descrevem com muita clareza essa opção pela simplicidade diante de sua consciência da impermanência das coisas. Entre os cristãos a ideia de que as coisas estão sob a vontade de Deus em certa medida, evidencia a mesma impermanência, mesmo porque o cristianismo é fortemente marcado pelo platonismo agostiniano, onde a ideia de um reino que virá após a morte é, ao nosso ver, o estandarte cristão da impermanência.

A consciência de interdependência não foi tão fácil de perceber estudando os místicos cristãos, mas ficou muito clara quando estudamos sua relação com Deus Pai<sup>114</sup>, Filho<sup>115</sup> e Espírito Santo<sup>116</sup>. Se cada uma das pessoas da trindade tem papéis diferentes e se manifesta em diferentes graus de ação e de intensidade, criam uma espécie de ciclo virtuoso de interdependência. Teresa de Jesus mostrou essa percepção na vida terrena ao relacionar-se positivamente com todas as pessoas envolvidas em suas rotinas. Fossem seus confessores, amigas, pessoas do povo ou o próprio rei, fosse observando as críticas que sofria e as pressões existentes em sua época, jamais se esqueceu de buscar ajuda e de traçar planos de como atingir seus objetivos a

---

<sup>113</sup> MARSTON, William Moulton. *As Emoções das pessoas normais*. Ed. Sucess for you: São Paulo, 2015. p. 221-240.

<sup>114</sup> DE JESUS, Teresa. *Obras Completas: Caminho de Perfeição*. São Paulo; Ed. Loyola, 2015. p. 295-432.

<sup>115</sup> DE JESUS, Teresa. *Obras Completas: Vida*. São Paulo: Editora Loyola, 2015. p. 21-294.

<sup>116</sup> DE JESUS, Teresa. *Obras Completas: Castelo Interior*. São Paulo: Ed. Loyola, 2015. p. 433-590.



partir da rede de influência que tinha. Não quero dizer com isso, que Teresa estava consciente desta competência. Contudo, olhando hoje suas ações sem as lentes puramente religiosas, com esse viés psicológico moderno, vemos claramente sua presença. Perceber, portanto, que pequenos dependem de grandes e os grandes conectam-se com os pequenos de algum modo, evidenciou claramente a presença desta competência em nossa mística de Ávila.

A integratividade, por sua vez, é própria dos místicos cristãos. Na verdade, todos que lutam de algum modo pelo chamado Reino de Deus, fazem uso da integratividade. O próprio ideal de céu ou paraíso é em si uma ideia integrativa. Um mundo sem dor, sem morte, sem medo, que é real para quem crê, é um mundo já integrado e integral. A integratividade, portanto, é essa característica típica da inteligência espiritual que busca conectar o aparentemente inconectável, que busca por soluções onde só parece existir discórdia ou desacordo. Dá inteireza ao que está incompleto ou quebrado para nossa percepção. Nos conecta também, com a ideia de sacrifício, pois é através dele que cada parte envolvida abre mão de algo para que a unidade, a integração ou mesmo a conciliação sejam possíveis.

Uma das características desta competência que nos chama muito a atenção foi sua vivência por diferentes místicos no meio, que hoje, chamaríamos de rural. É evidente que em seus respectivos contextos históricos, os místicos viviam em ambientes tipicamente agrícolas ou andavam próximos a estes ambientes. Era a vida antes das grandes cidades e dos grandes êxodos rurais. O que queremos destacar aqui é justamente o fato de que viver tão próximo à terra, a vida rural e aos frutos desta vida (por mais dura que fosse a lida no campo), nos faz observar a riqueza que pode vir do resgate deste contato do homem com a terra. Quando o homem está em contato com a natureza de modo a, por exemplo, produzir seu próprio alimento, tirá-lo da terra, lutar pela sobrevivência noutro contexto que não o da cidade, valores como família, amizade e respeito pela natureza ganham outro significado, igualmente mais profundo, ou seja, são valores capazes de fazer o homem conectar-se com algo que está para além de si mesmo. Interdependência, impermanência e integratividade são naturais para o homem e a mulher do campo. Eles sabem que tudo está conectado com tudo. Sol e luz, chuva e vento, insetos e plantas, homem e natureza. Os

homens e mulheres do campo também sabem com clareza da impermanência: as coisas hoje são de um jeito e amanhã de outro: a chuva vem e tudo muda, o sol vem as coisas são diferentes. Em uma manhã está tudo bem e calmo, e que a noite uma febre forte pode levar um filho...!

Já a integratividade é uma busca natural: estar em sintonia com as estações, com o movimento da vida para ter boa colheita... enfim, essa competência é naturalmente nossa e foi sendo “retirada” de nós na medida em que nos afastamos da vida, do simples, da terra, da conexão com a vida, com os vizinhos nos mutirões do plantio. Não precisamos de religião para resgatá-la. Precisamos reativar essa inteligência que nos conduz à amizade, ao respeito pela vida e pela natureza, que nos afasta do individualismo doente, que nos melhora, que melhora nossas relações com as pessoas, que nos faz abraçar a coletividade, que nos permite admirar e celebrar a diversidade, pois ela está em toda a natureza. É o homem e a mulher que se reconhecem como terra, humildes, húmus, e se voltam para ela com a devoção de um filho por sua mãe!

**Nossa sexta competência** é “*amor à vida e exercitar a gratidão*”. Utilizamos aqui as contribuições da Psicologia Positiva sobre o conceito de Bem-estar<sup>117</sup>. Nesta escola, conceitos e práticas tanto da cultura ocidental quanto da cultura oriental foram conciliados na tentativa de ajudar a ciência a ajudar as pessoas. As contribuições foram tamanhas que até as práticas psiquiátricas foram enriquecidas e experimentações clínicas obtiveram, sem medicamentos psicoativos, os mesmos resultados positivos onde antes somente a farmacologia conseguia algum nível de avanço nas doenças mentais. É algo realmente grandioso verificar que tratamentos com o uso da palavra e de conceitos seja capaz de curar doenças antes só tratáveis com remédios muito fortes. Parece um caminho para uma grande nova política da linguagem em termos psiquiátricos.

A ciência vem descobrindo, ou provando segundo seus paradigmas sobre a verdade, aquilo que místicos, religiosos e

---

<sup>117</sup> SELIGMAN, Martin. *Florescer*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2011. p. 15-37.

espiritualistas já sabem há muito tempo: o amor pode curar e a palavra também! Assim, colocar amor e gratidão como exercícios diários é ponto chave da inteligência espiritual. Pode parecer estranho, mas em tempos tão corridos ou colocamos amor e gratidão na agenda, ou findamos por deixar de expressá-los por estarmos muito ocupados trabalhando. O paradoxal nisso tudo é que pessoas que o fazem, têm mais tempo e mais disposição para o trabalho, tornam-se mais produtivas e felizes e são capazes de enfrentar problemas, inclusive de saúde, com mais facilidades e recursos internos.

Muito embora a ideia de felicidade esteja bem distorcida na modernidade, confundida que está ou com prazer, ou com consumo, ou com estar certo, ou com ter poder, ou com se sentir importante, ou com pisar nos outros... uma constatação importante é que a ciência moderna vem nos mostrando boas luzes sobre o que pode ser a vida feliz, cruzando em seus estudos, inclusive, a relação direta entre felicidade e dinheiro, relação esta tão mal compreendida e perturbadora em nossos dias. Afinal, para muitos, felicidade e dinheiro são os novos deuses da religião capitalismo.

Muito poderia ser dito sobre as contribuições da Psicologia Positiva e seus paralelos com místicos(as) do ocidente e do oriente. Por agora nos contentamos em dizer que conectar pessoas com emoções positivas de modo consciente, tornar isso parte de suas rotinas diárias como uma espécie de “nova pílula da saúde mental”, tem funcionado muito bem. Num mundo desesperado por soluções automáticas e de alta tecnologia, gostamos de pensar que a Psicologia Positiva acertou em apostar no cérebro e em suas potências para ajudar o ser humano a ser mais inteligente. Corremos tanto em busca da ciência para negar a religião, que acabamos por descobrir que as potências atribuíveis ao espírito humano e as potências atribuíveis ao cérebro humano podem ser o ponto de reencontro entre ciência e religião ou entre ciência e espiritualidade.

**Nossa sétima competência** que conduz o ser humano a uma inteligência espiritual é *“escutar sem julgamento e falar objetivando construir conciliação e amizades”*. No Brasil e no mundo vemos crescer os movimentos de conciliação, inclusive nas relações diplomáticas e na aplicação da jurisdição do Estado. É bem verdade que não parece que chegamos ao aprofundamento das técnicas de

conciliação por mérito de nossas consciências, mas por pura necessidade e até certo desespero (uma vez que os tribunais, por exemplo, estão abarrotados de processos sem solução e a conciliação está sendo o caminho mais curto, rápido e barato para ajudar a pessoas e os tribunais a resolverem esses conflitos). Aos trancos e barrancos temos hoje uma realidade crescente de soluções via conciliação. Isso é um passo, mas não é tudo. Está longe disso.

Construir conciliação é um passo, mas a inteligência espiritual vai além, constrói amizades. Se bem observarmos a trajetória de todos os místicos(as) e também de outras figuras marcantes da história, verificaremos que construíram amizades. Alguns exemplos: Lutero<sup>118</sup> (Catarina de Bora, Phillip Melanchthon, Johannes Gugenhagen, Georg Spalatin, Justus Jonas, Friedrich der Weise e Lukas Cranach), Paulo (sua amizade espiritual com Jesus descrita em Atos 9, e sua amizade claramente percebida em todas as cartas atribuídas a Paulo e endereçadas a diferentes comunidades cristãs: aos romanos, aos coríntios, aos efésios, aos filipenses, aos colossenses, aos tessalonicenses, aos hebreus; ou, ainda, mais diretamente aos amigos e líderes locais: Timóteo, Tito e a Filemon<sup>119</sup>). O próprio Jesus, referência máxima para nós Cristãos nos diz: “Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos”<sup>120</sup>. Em todas as histórias e noutras ainda, vamos encontrar a amizade como uma espécie de “regra biográfica”.

Não é diferente quando estudamos os místicos do oriente mais proeminentes da atualidade com Yogananda<sup>121</sup>, Maharishi<sup>122</sup> ou Jaggi Vasudev Sadhguru<sup>123</sup>, todos narram suas amizades ou dirigem-se às pessoas claramente com esse sentimento. Quando olhamos para outra direção e estudamos novamente atletas profissionais ou *coaches* profissionais no esporte, vamos encontrar um paralelo neste mesmo sentido, ou seja, os atletas ou técnicos

---

<sup>118</sup> <https://www.luther.de/es/>

<sup>119</sup> A Bíblia Sagrada, Tradução de Ivo Storniolo, Edição Pastoral. São Paulo: Ed. Paulus, 1990. Jo 15-13.

<sup>120</sup> A Bíblia Sagrada, Tradução de Ivo Storniolo, Edição Pastoral. São Paulo: Ed. Paulus, 1990. Jo 15-13.

<sup>121</sup> YOGANANDA, Parmahansa. Autobiografia de um logue. Rio de Janeiro: Ed. Lótus do Saber, 1999.

<sup>122</sup> MAHESH, 1989, p. 75 - 86

<sup>123</sup> SADHGURU, Jaggi Vasudev. Inner Engineering: a yogi's guide to joy. New York/USA: Spiegel and Grau, 2016.

que fizeram histórias por seus resultados ou marcaram suas passagens por sua humanização profunda, mostram grande amizade por pessoas próximas ou por parceiros de time e da comissão técnica, que influenciaram sua trajetória de algum modo, ou mesmo amizade por algum familiar mais destacados. Alguns exemplos disso são Zion<sup>124</sup> da lutra greco-romã, Michel Felps<sup>125</sup> da natação, Bolt do atletismo<sup>126</sup>, Ayrton Senna<sup>127</sup> no automobilismo e Bernardinho<sup>128</sup> no vôlei, todos com documentários ou entrevistas disponíveis na internet ou declarações evidenciando a importância de suas amizades.

A experiência de abrir-se para a amizade é o exercício pleno da escuta empática, é reconhecimento profundo de que sozinhos não vamos tão longe. É o testemunho de que o exercitar do amor apresenta-se em frutos concretos, é a certeza de que poderemos fazer o uso positivo da adversidade, pois teremos ao nosso lado alguém que nos apoie ou alguém que nos alerte quando estivermos errados ou lutando batalhas que não valem o esforço. O amigo não bate nas nossas costas e sorri quanto estamos no erro. Ele nos alerta, nos enfrenta, briga conosco se preciso, para mostrar que se importa e que estamos numa direção perigosa. O amigo sai da zona de conforto, diz coisas difíceis, experimenta sentimentos conflitantes. Nem sempre o reconhecemos quando expressa sua amizade nos enfrentando, mas quando nos encontramos com certos resultados na vida, acabamos por reconhecer quem realmente é e quem não é nosso amigo! Nos amigos nos vemos com mais clareza, eis aí a profunda espiritualidade promovida por essa competência.

**A oitava competência** que conduz à espiritualização é o *“senso crítico que permite ir além da materialidade sem desprezá-la e mantendo a dúvida viva”*. Ao contrário do que alguns possam pensar, místicos e religiosos não são necessariamente pessoas cheias de certezas. Por causa de alguns radicais e fundamentalistas,

---

124 <https://www.netflix.com/title>, acessado em 15/08/2018.

125 [https://www.youtube.com/results?search\\_query=michael+felps](https://www.youtube.com/results?search_query=michael+felps), acessado em 15/08/2018.

126 <https://www.netflix.com/title>, acessado em 01/08/2018.

127 <https://www.youtube.com/watch?v=UyNnnMWMNdw>, acessado em 02/12/2014.

128 [https://www.youtube.com/results?search\\_query=bernardinho+volei+document%C3%A1rio](https://www.youtube.com/results?search_query=bernardinho+volei+document%C3%A1rio), acessado em 14/08/2018.

fixamos erroneamente tal impressão. Na verdade, são muitas e muitas vezes pessoas consumidas pelas dúvidas. Manter o senso crítico alerta é muito importante para ser inteligente espiritualmente. Um ser que busca a inteligência espiritual não é alguém que se deixa guiar apenas pela vontade de seguir uma verdade, mas alguém que busca fazê-lo com clareza. É muito perigoso acreditar em algo como verdade e seguir cegamente essa verdade sem senso crítico, sem reflexão. Em qualquer âmbito da vida tal prática conduz ao fanatismo, ao fundamentalismo, ao radicalismo e conseqüentemente à guerra. Manter a dúvida viva, perguntar-se sempre “será que estou certo?”, ter uma desconfiança saudável de que “talvez eu esteja errado!”, é extremamente saudável, nos mantém abertos e crescendo.

Quem “já sabe”, se fecha em suas certezas e não se abre para o diálogo. Quem desconfia de si mesmo e mantém a dúvida viva de modo saudável ouve sempre e mais, para melhor aprender. Mas a dúvida aqui, tem um foco para o qual não nos podemos perder: ir para além da materialidade sem desprezá-la. Ou seja, os místicos, que estudamos primeiramente como referência para nosso estudo, tinham muitas dúvidas, conflitos até. Partiram numa busca interior, foram tocados por algo tremendo, construíram amizades, e mesmo crendo profundamente na verdade de suas experiências místicas, demonstraram duvidar delas e daquilo que ouviam ser ou não mensagens de Deus.<sup>129</sup> Partindo disso, vimos que manter o senso crítico e duvidar que a materialidade seja a instância última da realidade, poderia conduzir a uma visão platônica de que a instância última da realidade é a não material, fazendo o que muitos místicos cristãos fizeram em certas passagens de suas vidas: desprezar a materialidade, negá-la e mortificar o corpo por causa do pecado.

Assim, pensando em termos modernos, refletir e manter o senso crítico é, ao mesmo tempo, saber que a materialidade não é instância última da realidade e saber, também, que desprezá-la ou negá-la é outro extremo que não nos faz mais inteligentes espiritualmente. Gostamos muito do exemplo de Teresa de Jesus que não defendia os longos jejuns e castigos corporais comuns em seu tempo entre as religiosas em conventos. Mesmo sendo uma

---

<sup>129</sup> DE JESUS, 2015, p. 254-256.

prática comum nos religiosos da Idade Média, Teresa mostra senso crítico e, ao pensar de respeitar as regras da religiosidade de seu tempo, posiciona-se de modo diferente, mesmo admirando a capacidade das novas religiosas em fazerem tamanhos sacrifícios e manterem-se animadas com Deus e com os afazeres do convento. Francisco de Assis, por outro lado, mostra uma radicalidade profunda ao jogar cinzas sobre as poucas refeições que fazia para não sentir prazer algum ao comer<sup>130</sup>. Embora tenha atingido patamares de consciência muito além do que posso imaginar, essa atitude evidencia sua visão antagônica à materialidade<sup>131</sup>. Entre os religiosos mais modernos encontramos acalorados discursos sobre a racionalização da fé ou fé que suporta a razão (que embora seja tema desde a patrística, ganha vulto nas posições recentes de teólogos que buscam aproximar ciência<sup>132</sup> e fé ou ciência e teologia<sup>133</sup>). A chamada neuro-teologia<sup>134</sup> vem enfrentando esses temas, visado equilibrar esse tema que sempre parece uma gangorra: de um lado o que é puro, espiritual e de outro o que é impuro, mundano ou típico da matéria. Para a neuro-teologia é possível provar a existência de Deus dentro de nós, ou seja, Deus vive na matéria.

A inteligência espiritual conduz ao equilíbrio neste ponto, um equilíbrio dinâmico, mas equilíbrio. Ou seja, segundo a linha de valores profundos de cada ser, algumas vezes o que é espiritual será melhor, maior, mais forte, mais importante. Outras vezes o que é material ocupará esse lugar. Essa é a vida como ela é! Mas aqui, manter a dúvida viva, o “eu não sei” como regra de vida, pode ajudar e colocar a gangorra em movimento evitando, assim, negar o melhor de cada coisa apenas porque existem paradigmas estáticos nas religiões que obrigam as pessoas, por medo ou pura obediência, a negar ou afirmar melhores caminhos sem refletirem sobre isso. Fazer perguntas poderosas e fundamentais, é parte

---

130 KAZANTZAKIS, Nikos. *O Pobre de Deus*. São Paulo: Ed. Ciclo do Livro, 1984.

131 DE ASSIS, Francisco. *Fontes Franciscanas e Marianas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013. p. 95.

132 McGRATH, Alistar. *Ciência, fé e a compreensão do sentido das coisas*. Viçosa: Ed. Ultimato, 2016. p. 15-30.

133 McGRATH, Alistar. *A Ciência de Deus*. Viçosa: Ed. Ultimato, 2016. p. 9-39.

134 <https://www.youtube.com/watch?v=od8IV5mHHHg>, acessado em 14/09/2018.

dessa competência. Perguntas como: Isso posso? Isso devo? Isso me convém? Isso é útil? Isso é válido? Isso conduz ao bem? O bem que busco é para mim ou para mais alguém além de mim? Os riscos estão calculados? Quem mais será afetado? Se tenho por verdade isso quer dizer que é verdade mesmo? E o que é a verdade? Acreditar na minha verdade me dá o direito de impor essa verdade sobre outros? E seu eu estiver errado? Como seria se eu pensasse e agisse diferente? Isso é um desejo ou a negação de um desejo? Estou em paz com essa escolha ou disfarço meu conflito para parecer bom? Como posso enxergar além da dualidade entre material e não material?

**A nona competência** é “reconhecer e buscar o prazer sem culpa (no corpo, porque todo prazer é vivido no corpo) e reconhecer que dor e frustração lecionam crescimento”. Negar os prazeres ou vive-los sem limites é matéria conhecida pela teologia. Negar os prazeres da carne é doutrina muito presente nas Igrejas. Mesmo com a reforma de Lutero, por exemplo, a herança “pecado da carne versus a certeza da graça” ainda dividem opiniões e teólogos na modernidade. Lutero, que é apresentado em obra cinematográfica de grande visibilidade<sup>135</sup>, como alguém que não se constrangia em festejar com amigos, beber bebida alcoólica e, claro, denunciar a obrigatoriedade do celibato clerical como uma inverdade, ainda é criticado e apresentado em texto esparramados pela internet, como um ébrio, ímpio e desequilibrado, por grupos religiosos divergentes.<sup>136137138</sup>

Podemos exemplificar o tema, ainda, com os movimentos ditos fundamentalistas, que, de um lado, tentam renovar os ares de seu discurso e práticas sobre Jesus e a Igreja<sup>139</sup> (mantendo, claro, uma posição mais conservadora), enquanto outros tentam mostrar

---

135 <https://www.youtube.com/watch?v=PIP-Xt4LLNg>

136 <https://tradicacatolicaes.wordpress.com/2010/08/22/martinho-lutero-homicida-e-suicida/>

137 <http://www.caticismoromano.com.br/content/view/1885/49/>

138 <http://berakash.blogspot.com/2013/03/o-que-o-filme-lutero-nao-contou-sobre.html>

139 KELLER, Tomothy. *Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2014.



uma face de Jesus, com a comensalidade<sup>140</sup> Bíblica, objetivando “suleiar” (puxar mais para o sul epistemologicamente, ao invés de “nortear”, que seria puxar mais para o norte) a ideia de comunhão como base da fé cristã disruptiva quanto a ordem social hierarquizada. Embora esta última tese não seja diretamente relacionada com nossa nona competência em seu foco de pesquisa, vimos nela, uma possibilidade de reino de Deus anunciada de modo mais humano e festivo, onde essa humanidade e essa festividade comecem aqui e agora: solidariedade ao invés de individualidade, e prazer de vida boa ao invés de hedonismo consumista.

A Teologia do corpo de Maraschin<sup>141</sup>, por outro lado, nos provoca a pensar no Eros e prazer como parte fundamental da vida, e talvez expressão emocional da graça. De um lado temos a dor da cruz que nos provoca a pensar novamente em sacrifício em tempos onde só o prazer parece valer e a dor deva ser anestesiada o máximo possível com lazer, consumo, drogas, remédios, livros, cursos de auto ajuda e tudo mais que nos afaste dela. De outro lado, nossa nona competência nos chama a refletir que talvez não precisamos nos apegar nem ao prazer nem a dor. Ser inteligente espiritualmente (sem abraçar doutrinas religiosas e nos aproximando novamente do que parece ser o equilíbrio da integratividade) é uma consciência sobre o que são “prazer” e “dor”, como funcionam, para que servem e para que não servem.

Se olharmos o lugar da mesa no cristianismo vemos claramente que foi preciso a dor do plantar, a dor do zelar, a dor do regar, a dor do matar um animal, a paciência do esperar o tempo certo para colher. Só depois pôde-se viver o prazer da mesa, onde comer e beber celebram a vida, a colheita, a casamento, o nascimento de um filho. Dor e prazer andam juntas. O dualismo é armadilha de fixação da linguagem. Se entendermos como Viviane

---

<sup>140</sup> DE OLIVEIRA, Willian Kaizer. *Teologia Boa para comer: comensalidade, hábitos alimentares e sustentabilidade no horizonte da teologia da libertação contemporânea*. São Leopoldo/RS: Tese de doutorado, 2016, p. 253-258. Disponível em [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/712/1/oliveira\\_wk\\_td155.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/712/1/oliveira_wk_td155.pdf)

<sup>141</sup> MARASCHIN, Jaci Correia. *A face sagrada de Eros: religião e corpo*. Correlatio, v.1, n. 2, p. 14-25, out. 2002. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/issue/view/153>.

Mosé<sup>142</sup> que o sofrimento é a rasgadura da alma, no corpo, durante o alargamento da alma para caber mais mundo, não temos como negar que a presença do sofrimento na vida é tão boa quanto plena e essencial. O sofrimento, na dinâmica da vida é tão positivo quanto o prazer, embora não seja agradável de se sentir. Nossa sociedade, contudo, adoecida que está, abraçou a ideia do sofrimento como fez Freud e a psicanálise, que buscam diminuir o sofrimento. Com isso nos tornamos infantilídeos (nos termos da filósofa capixaba), consumistas, medicados excessivamente, dependentes químicos e pior, deixamos de abrir em nós as fronteiras que a neurociência já vem dando ao tema do sofrimento.

Segundo a neurociência existem bases neurais das emoções que funcionam de uma determinada forma e secretam hormônios que conectam emoções a comportamentos e vice-versa<sup>143</sup>. Dizem, ainda que alguns hormônios do prazer (como a  $\beta$ -endorfina, por exemplo), são secretados quando expomos nosso corpo a certo grau de estresse físico ou mesmo de dor<sup>144</sup>. No esporte, os atletas já sabem que a dor do treino é caminho para o prazer da vitória<sup>145</sup>. É uma relação de construção e ganho e não uma relação de negação. Esta competência nos liga com nossa primitividade, ou seja, com o nosso “kit” básico de prazer e dor, sem contudo, antagoniza-los. É a competência que nos faz ter uma consciência de integração, de complementariedade entre dois grandes combustíveis da vontade humana.

Vivemos tempos tão estranhos que as pessoas precisam se lembrar de colocar pequenos prazeres na agenda. Eis a relevância do tema. Resgatar prazeres significativos no lugar de prazeres fugazes. Vivemos tempos em que a dor precisa entrar na agenda, dor que faça sentido. A vida está tão cheia de dores fruto de situações imaginárias, de escolhas vãs, que as pessoas mal

---

<sup>142</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=rr4tX-hfs7c>, acessado em 15/08/2018.

<sup>143</sup> ANTÔNIO, Vanderson Esperidião. *Neurociências: diálogos e interseções*. Rio de Janeiro: Ed. Rúbio, 2012. p. 156-166.

<sup>144</sup> LENT, Roberto. *Neurociência da mente e do comportamento*. Guanabara: Ed. Guanabara Koogan, 2016. p. 184-200.

<sup>145</sup> SCHWARZENEGGER, Arnold. *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. São Paulo: Ed. Artmed, 2007. p. 66-74.

percebem que são autoras, diretoras e protagonistas de filmes de terror que criam em suas prisões mentais. O “e se” virou um grande fantasma: “e se” eu disser tal coisa...?, “e se” eu mudar de emprego...?, “e se” eu terminar meu relacionamento...?, “e se” a crise não passar com o governo tal...?, “e se” eu fizer outro curso...?, “e se” eu não fizer...?, enfim, são muitas dores causadas pela prisão construída pela linguagem.<sup>146</sup>

É por isso que é preciso, por exemplo, “agendar a dor da ação”. Para conseguir tirar as pessoas do seu plano mental ou das distrações das redes sociais que paralisam e mortificam, enchem a vida de tédio e de um tipo diferente de dor, é que existem os *coaches* profissionais. Vivemos para ajudar as pessoas a sentirem a “dor de fazer”, de escolher agir e agir, de errar e refazer, de acertar sem querer, de dizer o que pensam ou sentem, de pedirem perdão por dizer o que pensam ou sentem, de recomeçar, de tentar totalmente diferente de antes. A dor da ação inteligente espiritualmente é um importante remédio para a analgesia da modernidade.

O que precisa ficar claro é que a neurociência e a psicologia positiva já provaram que o prazer tem um papel menor do que a sociedade parece querer ou imaginar. O prazer serve para dar ao nosso sistema psíquico, uma espécie de realinhamento, como uma máquina que precisa de uma válvula para não hiperaquecer. Mas, ao contrário do que muitos pensam, o prazer não é capaz de fazer grandes coisas por esse mesmo sistema. O prazer é um programa biológico que objetiva trazer ou manter o equilíbrio do nosso sistema operacional, mas que não eleva nosso Ego3<sup>147</sup> (que integra Ego1 + Ego2), ou seja, não nos leva a novos níveis de organização e complexidade emocional ou intelectual. E não é qualquer prazer, claro. É preciso que haja qualidade nesse prazer para que até essa função primordial seja atingida.

Na era das vaidades, o corpo precisa ser resgatado para além das aparências e para além da estética. Não é só uma questão de

---

<sup>146</sup> ROBBINS, Anthony. *Poder sem limites: o caminho do sucesso pessoal pela programação neurolinguística*. Rio de Janeiro: Ed. Best Seller, 2014. p. 61-126.

<sup>147</sup> GALLWEY, W. Timothy. *O jogo Interior do tênis*. São Paulo: Ed. Texto Novo, 1996. p. 133-152.

beleza, saúde ou estilo de vida. Ser inteligente espiritualmente é expressar todas as potências do corpo sem culpa e profundamente conscientes do que queremos e do que fazemos com esse corpo. É fácil perceber que nossa relação com o nosso corpo e nossa relação com o planeta (que é o grande corpo em que habitamos todos) é muito estreita e semelhante. Somos o único animal na natureza que faz guerra e que destrói além do que necessita para sobreviver. Fazemos assim com nossos corpos também. Obesidade mórbida, diabetes, ansiedades e depressões são doenças do século XXI que evidenciam, de um lado, excessos de alimentação, açúcares, pensamentos acelerados e inúteis e emoções negativas (respectivamente) e, de outro lado, evidenciam escassez, para ficar em um elemento só: a falta de inteligência emocional e também espiritual. E equilíbrio emocional não é ficar calado e saber gemer baixinho quando dói. Equilíbrio emocional no contexto da inteligência espiritual está ligado a manifestação legítima de nossos desejos e vontades em sintonia com a manutenção da vida. Tudo que for diferente disso conduzirá a morte e, portanto, estará em desequilíbrio.

**A décima competência** tem relação com a ideia de assumir um estilo de vida. Místicos e religiosos assumiram um estilo de vida próprio. Alguns deles tiveram mais, outros menos contato com o “mundo exterior”, mas acabam sempre se conectando profundamente com a vida fora dos mosteiros ou fora do contexto religioso. Muito embora os místicos e religiosos tenham tradicionalmente um objetivo maior, isso não os impedia de ter outros objetivos ou de viver outras experiências mesmo que menos significativas para eles. Assim, no processo de espiritualização vemos que apresentar nossa décima competência como: *“viver a vida como ela é de forma espontânea”* é bastante provocativo, especialmente se conectarmos as competências 9 e 10, ou seja, viver a vida como ela é de forma espontânea e tendo prazer no corpo! Sabemos que pode parecer hedonista e até pecaminoso demais. Vamos, portanto, contextualizar e direcionar nossa competência de modo a deixá-la mais clara.

Do ponto de vista psicológico vemos construções muito aceitas mundo afora como a do Psiquiatra Viktor Frankl<sup>148</sup> que na sua psicologia do campo de concentração nos explica a necessidade humana de viver tendo um propósito de vida, ou seja, algo que ainda não é real no presente, mas que consideramos muito importante e que precisa ser feito por nós e não pode ser feito por mais ninguém. Seja uma pessoa, um trabalho ou um sonho, esse futuro que queremos buscar dá certo sentido à nossas vidas e nos dá, também, forças para prosseguir e até para suportar a realidade atual frente às suas dificuldades. No que pese a validade dos argumentos e das comprovações vistas na escola logoterápica do Dr. Frankl, e sua semelhança com a vida de homens e mulheres místicos e místicas, que também viveram e vivem sua vida com olhos no futuro, um recorte importante da vida espiritualizada é justamente o viver a vida como ela se apresenta.

Isso não quer dizer conformismo, pelo contrário, os espiritualizados normalmente são inconformados. Isso não é necessariamente fé, por ser esperança do verbo esperar. Mas isso não quer dizer, também, que só é possível viver bem no futuro ou em função dele. Ter objetivos é realmente algo importante. Deixar de olhar para a vida no aqui e agora por causa desse objetivo e esquecer-se de equilibrar outras dimensões da vida que continuam acontecendo enquanto estamos concentrados ou focados em construir esse futuro é que é o ponto em questão.

Podemos e devemos buscar objetivos, mas viver a vida como ela é e fazê-lo de forma espontânea é fundamental pois nos ajuda a compreender que: a) tentar controlar tudo, inclusive nossos resultados é uma ilusão; b) representar papéis sociais para obter certos resultados pode fazer parte do jogo social, mas pode custar nossa consciência e paz de espírito; c) emitir juízo de valor sobre as escolhas alheias, condenando as pessoas por suas escolhas que classificamos como erradas, impulsivas ou sem lógica é desconsiderar o fato de que fazemos uma porção de escolhas igualmente irracionais todos os dias ou com alguma frequência; d) quando você entende a si mesmo ou entende uma outra pessoa,

---

148 FRANKL, Viktor. *Em busca de Sentido*. Petrópolis: Vozes, 2010.

isso não quer dizer que você concorde ou esteja confortável com o que está acontecendo. O mesmo vale para quanto você discordar de si mesmo depois de melhor refletir, ou discordar de outras pessoas. E tudo isso junto deve te alertar para o fato de que ser inteligente espiritualmente é estar disposto a colocar-se contra o grupo ou contra uma certa maioria sempre que for preciso. É entender que ser espontâneo não tem relação com ser agradável o tempo todo ou inconveniente por estilo. É saber que se colocar diante da multidão e ir contra ela faz parte do processo de crescimento individual e coletivo. Todos os místicos da história e personagens outros que marcaram sua estada na Terra, em algum momento colocaram-se diante da vida como se estivessem a frente do seu tempo. Até mesmo aqueles que consideramos gênios, tiveram seus momentos do que podemos chamar de “rebelia”, de oposição às ideias e padrões de seu tempo. Espiritualização, portanto, tem muita relação com educação e a verdadeira educação nos ajuda a crescer, perguntar, questionar, agir, mudar, melhorar. Educação não tem relação com conformidade, acomodação, tédio, deixar como está. e) Viver a vida como ela é e ser espontâneo é, de certa forma, reconhecer que não fomos ensinados a viver nossa infância, nossa juventude, nossa adultez e nossa maturidade e isso nos leciona que podemos acionar todos estes aspectos de nós mesmo, inclusive resgatando nossa infância, por exemplo, sabendo evitar a infantilização. f) viver assim nos coloca diante da necessidade de voltarmos a encarar situações novas boas ou ruins com encantamento pela vida e não somente pela busca por prazer; g) reduzir a quantidade de informações a que somos expostos e aumentar nossas experiências de contato real com a vida. Hoje, até mesmo os alimentos não são o que parecem, as roupas não são o que parecem, os objetos não são o que parecem, estamos cercados de coisas que não são o que parecem; então, resgatar o real das coisas é profundamente espiritual. Talvez assim, nos livremos de não ser também quem parecemos ser, e não somos.

Entram em cena nossas **competências onze e doze**. A primeira diz respeito à nossa capacidade de *“focar em resultados ecológicos e sustentáveis”*, onde trabalho, consciência de missão, compartilhamento de visão e geração de engajamento são alguns exemplos e meios de se ensinar. Saber que vivemos num mundo onde resultados são mais valorizados do que a inteligência e a legalidade de alguns de seus processos, exige de nós uma postura

de inteligência espiritual, ou seja, integrativa. Precisamos sim considerar resultados no curto prazo, mas não podemos esquecer ou fazer de conta que não nos importamos com as gerações envolvidas nas consequências de nossas escolhas e metas, no hoje. A produção de riqueza e o manejo de recursos exigem a cada dia que passa, que nossas posturas sejam de abandonar um modelo puramente exploratório e destrutivo e abraçarmos um modelo responsável e sustentável. Num mundo onde aparência vale mais do que competência, é natural que tenhamos esse tipo de problema. Até mesmo os selos sociais das empresas e nossa relação de consumo com algumas marcas, precisam de mais atenção da parte de todos. Ainda fazemos muitas coisas para que alguém veja ou para parecer que nos importamos. Pessoas e consequentemente empresas espiritualizadas, têm compromissos reais com valores que levam às melhores práticas, como foco em gerar riqueza e respeitar as comunidades afetadas e o planeta. Não é só uma questão de sobrevivência ou de aprimoramento do capitalismo, é uma questão de sobrevivência e de aprimoramento das empresas e governos que fazem o capitalismo. Os lucros precisam acontecer e para isso precisamos de ações conjuntas onde toda a sociedade e o meio ambiente sejam ouvidos e considerados. Precisamos pensar segundo novos paradigmas a sociedade de consumo que criamos e discutir alternativas para que possamos evidenciar alguma consciência de auto-preservação, que é um instinto básico bastante desrespeitado por uma sociedade que, por exemplo, elimina água potável e no lugar planta monocultivos para engodar gado mesmo causando desertificação e morte.

Para tanto precisamos da **última competência**, que abraça a anterior no sentido de considerar a visão de valor e o holismo e ao mesmo tempo considerar *“o foco na solução”*. A solução não é só resolver e pronto. Solução aqui deveria vir no plural: soluções! Uma pessoa inteligente espiritualmente sabe que um problema grande é um problema grande e que um problema pequeno é um problema pequeno e que, em ambos os casos, ela os fraciona em porções sempre menores para ampliar o foco na solução e o poder de gerar soluções.

Pessoas assim são otimistas, realistas e têm grande poder de ação. Elas consideram possibilidades, envolver pessoas que podem contribuir com dados úteis e com força de trabalho diferenciada para conseguir os melhores resultados em menor tempo possível,

mas sem desprezar o tempo necessário para planejar, calcular riscos e rever estratégias. Quando dá para pensar um pouco mais, que assim seja, quando não dá, as ações imediatas são tomadas com elevado grau de auto-responsabilização. Ao contrário do que fazem os menos inteligentes, uma inteligência espiritual e emocional aguçada, leva ao compartilhamento das vitórias com o grupo, pois quem tem foco na solução conhece suas forças e até onde consegue utilizá-las sozinho e reconhece, com facilidade, as forças de outros. Ser inteligente espiritualmente é reconhecer como natural, que soluções inteligentes exijam habilidades de terceiros. Pessoas com foco na solução, portanto, são independentes quando possível, mas usam como regra a interdependência pois sabem que dela vêm mais opções e uma força de ação muito maior.

Essa inteligência está na natureza, tanto no comportamento natural de insetos, quanto no de primatas superiores. Focar na solução é saber onde estamos, onde queremos ir e como fazer a travessia. É considerar os envolvidos, terceiros não envolvidos e a minimização de impactos. É respeitar opiniões divergentes, aproveitar a energia das pessoas que pensam diferente. É unir estratégias as vezes conflitantes ou simplesmente desprezar uma delas e agir com força, determinação e coragem depois de empregar alguma dose de reflexão, cautela e estabilidade.

O foco na solução é a base da psicologia positiva, é fundamento do processo de *coaching* e é sem dúvidas, uma das grandes ferramentas para o enfrentamento de tamanha complexidade social em que vivemos. Com ele não é possível agradar a todos e justamente por isso falamos anteriormente em saber ficar contra a multidão e saber ser autêntico, pois algumas decisões em tempo de tanta complexidade, são sim, bastantes difíceis e até antipáticas. Quem sabe focar na solução mostra o uso positivo da adversidade para encontrar superação, uso de forças, habilidade de aglutinar pessoas e de gerar processos e resultados mais sustentáveis e inteligentes.

## Conclusão

Em tempos sombrios marcados pelo relativismo e desapego é natural que busquemos por soluções. A ideia da espiritualidade nas empresas, embora não seja nova, tem sido verificada com



tantas práticas diferentes que parecia impossível pensar em algo que não fosse típico deste ou daquele grupo que encontrou uma forma de se expressar em termos espirituais dentro do trabalho. Uns com orações, outros com meditações, outros com alinhamento de visão, missão e valores, outros ainda com modelos de gestão baseados em valores.

No que pese a presença de práticas religiosas dentro do trabalho vistas e consideradas altamente relevantes para os resultados das empresas e o bem-estar dos colaboradores, e no que pese o sucesso de outros modelos implantados por consultorias, buscamos um outro caminho. Ao nosso ver, esse outro caminho em nada conflita com quaisquer práticas que estejam sendo adotadas dentro das organizações, sejam elas ligadas ou não à própria ideia de espiritualidade ou de religiosidade. Uma preocupação que tivemos ao longo de nossas pesquisas foi, para muito além disso, encontrar um caminho para o desenvolvimento da inteligência espiritual das pessoas que não entrasse em rota de colisão com práticas já consagradas de gestão estratégica de pessoas. Queríamos que o caminho a ser trilhado por uma empresa que busca novos patamares de performance, fosse credibilizado pelos paradigmas modernos de desenvolvimento humano e não fosse confundido com algum tipo de solução mágica. Queríamos que as pessoas se sentissem respeitadas em seus credos religiosos e modos de pensar e tivessem interesse de olhar para sua espiritualidade com novos olhos e assim poder experimentar novas ferramentas.

Foi nesse contexto que o processo de *coaching* empregado no desenvolvimento de competências, apresentou-se como uma importante alternativa. Trata-se de uma luta do ser humano com ele mesmo e com sua trajetória histórico-cultural. Lutar e vencer na busca por uma grande política da linguagem não é fácil. Superar limites mentais e compreender o quão fundo aspectos da cultura e do conhecimento dominante penetraram em nossas vidas e mentes é, em si, uma mística. Buscar e construir em si uma consciência de potência do ser e da própria vida como potência, nos desafia em muitos níveis.

Foram os psicólogos da inteligência emocional<sup>149</sup> e os estudiosos das inteligências múltiplas<sup>150</sup> que nos permitiram iniciar este caminho. Temos uma longa jornada pela frente neste que ainda é um estudo recente, sem referências bibliográficas específicas, que pretende estudar a espiritualidade como inteligência e o seu desenvolvimento através da teoria das competências<sup>151</sup> em processos de coaching em empresas. Elencar as 12 competências foi um processo longo e difícil. Resolvemos apresentar algumas linhas sobre elas com a finalidade de receber comentários e observações de colegas pesquisadores e entusiastas do tema, de modo a aperfeiçoar nossa visão, melhorar nossos argumentos ou até substituir nossas indicações por outras mais robustas. Não tivemos espaço aqui para detalhar nossas competências e suas referências, mas o faremos em breve em nossa tese.

Como as empresas se tornaram uma instância inevitavelmente central na vida moderna capitalista, nossa esperança é que Deus seja ótimo para os negócios e a inteligência espiritual entre pela porta da frente, ajudando pessoas e organizações a fazerem mais e melhor por si, pela vida e pelo mundo. Mas para aquelas empresas que não queiram tratar o tema no âmbito de Deus, esperamos que uma abordagem tecnológica (como o coaching) e um método científico (como o desenvolvimento de competências) seja bom o bastante para fazer das empresas lugares de mais desenvolvimento e geração de riqueza, sempre em harmonia e equilíbrio com a vida e a sustentabilidade dos negócios e, é claro, do planeta e dos recursos naturais que necessitamos.

---

149 GOLEMAN, Daniel. *Liderança e inteligência emocional na formação do líder de sucesso*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2014.

150 GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

151 GAVIOLI, Eliana. *Uma proposta de modelo de desenvolvimento de competências*. Artigo apresentado no XIV Seminário de Administração – SEMEAD/USP. São Paulo, 2011.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A Bíblia Sagrada, Tradução de Ivo Storniolo, Edição Pastoral. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.

ANTÔNIO, Vanderson Esperidião. *Neurociências: diálogos e interseções*. Rio de Janeiro: Ed. Rúbio, 2012.

ARAÚJO, Ane. *Coach um parceiro para o seu sucesso*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2012.

BARRETT, Richard. *A Organização dirigida por valores: liberando o potencial humano para a performance e a lucratividade*. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 2014.

BAUMANN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMANN, Z. Nós hipotecamos o futuro. **YouTube**, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ccBqPcExNoM>>.

BLANCHARD, Ken. *Liderança de alto nível - como criar e liderar organizações de alto desempenho*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

BOFF, Leonardo. BETO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1994.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar - ética do humano, compaixão pela Terra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

CAPRA, Frisjof. *O TAO da Física*. Ed. Cultrix: São Paulo, 2011.

COLLINS, Jim. *Como as gigantes caem e porque algumas empresas nunca desistem*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CRUZ, São João. *Obras Completas*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2002.

DE ASSIS, Francisco. *Fontes Franciscanas e Marianas*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2013.

DE ASSIS, São Francisco. *Fontes Franciscanas*. Santo André/SP: Ed. Mensageiro de Santo Antônio, 2004.

DE JESUS, Teresa. *Obras Completas*. São Paulo: Editora Loyola, 2015.

DE JESUS, Teresa. *Obras Completas: Caminho de Perfeição*. São Paulo; Ed. Loyola, 2015.

DE JESUS, Teresa. *Obras Completas: Castelo Interior*. São Paulo: Ed. Loyola, 2015.

DE JESUS, Teresa. *Obras Completas: Vida*. São Paulo: Editora Loyola, 2015.

DE OLIVEIRA, Willian Kaizer. *Teologia Boa para comer: comensalidade, hábitos alimentares e sustentabilidade no horizonte da teologia da libertação contemporânea*. São Leopoldo/RS: Tese de doutorado, 2016. Disponível em [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/712/1/oliveira\\_wk\\_td155.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/712/1/oliveira_wk_td155.pdf)

DI BIASE, Francisco. *O Homem Holístico, A unidade mente-natureza*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

DILTS, Robert. *Coaching Herramientas para el cambio*. Capellades/Espanha: Ed. Urano, 2011.

ECKHART, Mestre. *Sermões Alemães*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, vol.1, 2008.

ECKHART, Mestre. *Sermões Alemães*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, vol.2, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

FRANKL, Viktor. *Em busca de Sentido*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2010.

FRANKL, Viktor. *Em busca de Sentido*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

GALLWEY, W. Timothy. *O jogo Interior do tênis*. São Paulo: Ed. Texto Novo, 1996.

GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre/RS, Ed. Artes Médicas Sul, 1994.

GAVIOLI, Eliana. *Uma proposta de modelo de desenvolvimento de competências*. Artigo apresentado no XIV Seminário de Administração – SEMEAD/USP. São Paulo, 2011.

GOLDSMITH, Marshall (Org.). *A nova organização do Futuro*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, Elsevier, 2010.

GOLDSMITH, Marshall (org.). *Coaching o exercício da Liderança*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

GOLEMAN, Daniel. *Liderança e inteligência emocional na formação do líder de sucesso*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2014.

GRÜM, Anselm. *A Espiritualidade a partir de si mesmo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

KAZANTZAKIS, Nikos. *O Pobre de Deus*. São Paulo: Ed. Ciclo do Livro, 1984.

KELLER, Tomothy. *Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2014.

KLEIN, Remi. *A Pedagogia sob um novo olhar no processo educativo religioso. Interações – cultura e comunidade*, Belo Horizonte: Dossiê Educação e Religião. v. 8, n. 14, p. 318-328, 2013.

LELOUP, Jean-Yves. *Terapeutas do Deserto*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

LENT, Roberto. *Neurociência da mente e do comportamento*. Guanabara/RJ: Ed. Guanabara Koogan, 2016.

MAHESH, Maharishi. *Ciência do Ser e a Arte de viver: meditação transcendental*. Ed. Best Seller: São Paulo, 1989.

MARASCHIN, Jaci Correia. *A face sagrada de Eros: religião e corpo*. Correlatio, v.1, n. 2, p. 14-25, out. 2002. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/issue/view/153>.

MARSTON, William Moulton. *As Emoções das pessoas normais*. Ed. Sucess for you: São Paulo, 2015.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche e a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 2006.

MCGRATH, Alister. *A Ciência de Deus*. Viçosa/MG: Ed. Ultimato, 2016.

MCGRATH, Alister. *Ciência, fé e a compreensão do sentido das coisas*. Viçosa/MG: Ed. Ultimato, 2016.

MOSÉ, Viviane. Nietzsche e a grande política da linguagem. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

ROBBINS, Anthony. *Poder sem limites: o caminho do sucesso pessoal pela programação neurolinguística*. Rio de Janeiro: Ed. Best Seller, 2014.

ROMA, Andréia. *Leader Coach - um guia prático para gestão de pessoas*. São Paulo: Ed. França, 2011.

SADHGURU, Jaggi Vasudev. *Inner Engineering: a yogi's guide to joy*. New York/USA: Spiegel and Grau, 2016.

SCHWARZENEGGER, Arnold. Enciclopédia de fisiculturismo e musculação. São Paulo: Ed. Artmed, 2007.

SELIGMAN, Martin. *Florescer*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2011.

WHITMORE, John. *Coaching para aprimorar o desempenho – os princípios e a prática do coaching e da liderança, desenvolvendo o potencial e o propósito humano*. São Paulo: Ed. Clio, 2012.

WOLK, Leonardo. *Coaching a arte de soprar brasas*. Rio de Janeiro que: Qualitymark, 2008.

XAVIER, São Francisco. *Obras Completas*. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

YOGANANDA, Parmahansa. *Autobiografia de um logue*. Rio de Janeiro: Ed. Lótus do Saber, 1999.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *QS - Inteligência Espiritual - o Q que faz a diferença*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.





# Pedagogia social e mimetismo teológico<sup>152</sup>

Beatriz Alice Kullmann de Souza<sup>153</sup>

## Introdução

A Pedagogia Social busca mediar o diálogo entre a sociedade e as necessidades das pessoas oprimidas, com intuito de possibilitar a formação cidadã efetiva da população menos favorecida. Para alcançar esse objetivo, são necessárias ações sociais que viabilizem a inclusão social dessas crianças e desses adolescentes, respeitando suas potencialidades, seus conhecimentos e suas culturas. Em um país no qual a religiosidade permeia a cultura popular, como o Brasil, torna-se interessante investigar de que artifícios a Pedagogia Social se utiliza para lidar com a diversidade religiosa de crianças e adolescentes, de forma a respeitar toda e qualquer manifestação religiosa e crença, reconhecê-la como parte da formação identitária de cada pessoa e promover a convivência harmoniosa na diversidade.

Em geral, nas ONGs, religião, seus ritos religiosos, crenças ou temas afins relacionados ao transcendente, não fazem parte do escopo de trabalho. Entretanto, promover o pleno desenvolvimento da cidadania pressupõe princípios teológicos, tais como: respeito, solidariedade, fraternidade, sentimento de pertença, entre outros. No Movimento pelos Direitos da Criança e

---

<sup>152</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>153</sup> Doutoranda/CAPES em Teologia na Área de Religião e Educação na Faculdades EST, orientadora Laude Erandi Brandenburg, Mestre em Teologia/ Religião e Educação, Licenciada em Física pela UFRGS. beatrizalicedesouza@yahoo.com



do Adolescente (MDCA), ONG situada em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, percebe-se já em seus princípios, o cunho teológico. Por outro lado, o não reconhecimento desses princípios como teológicos, caracteriza o processo denominado pela pesquisadora de **mimetismo teológico**.

## O papel da Pedagogia Social

Na América Latina, a desigualdade social está presente em vários países, inclusive no Brasil. As camadas menos favorecidas da população encontram grandes empecilhos na tentativa de se incluírem socialmente, os saberes populares, as vivências não são formalmente reconhecidas, o que acarreta em uma maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Em meio a esse cenário, no final do século XX, se começa a discutir, no Brasil, a Educação Social.

Na Alemanha, por volta de 1844, o termo “Pedagogia Social” entra em discussão e rapidamente se alastra pela Europa. Segundo Araujo e Parente<sup>154</sup>,

Seus pressupostos básicos estavam pautados na adoção de medidas preventivas, que possibilitassem o desenvolvimento do ser humano desde a infância até a velhice, num contexto de dificuldades sociais originadas pela marginalidade, miséria e falta de perspectiva de vida da época. Hoje, a Educação Social se desenvolve como a concretização do referencial teórico preconizado pela Pedagogia Social, buscando minimizar os problemas sociais através da educação.<sup>155</sup>

No Brasil, essa discussão tem início no final do século XX, quando a Pedagogia Social surge com a proposta de

[...] pensar na institucionalização da ação prática, tendo como pano de fundo a análise da relação entre *diferença e desigualdade*. A institucionalização da ação prática envolve reflexão, atitudes,

---

<sup>154</sup> ARAUJO, I.; PARENTE, J. O surgimento da Associação Brasileira de Educadores Sociais –ABES: um sonho e uma história de três anos. In.: GARRIDO, N.; SILVA, O.; MATOS, I. (Orgs.). *Desafios e perspectivas da Educação Social: um mosaico em construção*. São Paulo: Expressão e Arte, 2010. p. 27-39.

<sup>155</sup> ARAUJO, 2010, p. 27.

acordos entre pessoas e grupos para viabilizar atendimentos a crianças, adolescentes, jovens, famílias, idosos etc.<sup>156</sup>

A reflexão proposta pela Pedagogia Social se estende desde o universo da ação pedagógica até ao educando e à educanda enquanto indivíduos, seres sociais, que almejam uma maior participação na sociedade. Por esse motivo, uma das bases de suas ações é o resgate de valores, entende-se que a reflexão sobre valores coletivos, que propiciem um melhor convívio social, antecede a reflexão sobre o papel e a relevância de cada indivíduo em si.

A partir do resgate de valores, indivíduos poderão recuperar o sentimento de 'pertença à sociedade', dilacerado nas vivências excludentes cada vez mais freqüentes. Assim será possibilitada uma nova relação com o conhecimento e com a sociedade, onde aprender a ser, a fazer e a conviver serão essenciais.<sup>157</sup>

Na fala da autora Maraike Wegner, já pode-se evidenciar um dos princípios teológicos mencionados anteriormente, talvez, o mais relevante quando se pensa em grupos de crianças e adolescentes: o sentimento de pertença. Esse sentimento acompanha o ser humano desde a infância, mas ocupa posição de destaque na adolescência. Nesta fase, a pessoa em desenvolvimento necessita pertencer a um determinado grupo social, pois, é no grupo, através das inter-relações com a alteridade, na convivência com as semelhanças e com as diferenças, que se dá a formação identitária adolescente.

Percebe-se a influência da Teologia da Libertação (TdL) e da Pedagogia da Esperança imbricada nos princípios da Pedagogia Social, também destacados pela autora. Souza Neto corrobora, "[...] a base da TdL, da pedagogia do oprimido, da filosofia da libertação,

---

156 MOURA, Rogério. Pedagogia Social: o conceito, o legado alemão e os desafios para sua reconstrução na América Latina do século XXI. In.: SILVA, R.; MOURA, R.; MACHADO, E. (Orgs.) *Pedagogia Social: contribuições para uma teoria geral da educação social*. vol. 2. São Paulo: Expressão e Arte, 2011. p. 193.

157 WEGNER, M. *Pedagogia social e valores: o resgate ao direito à educação*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Teologia, orientadora: Laude Erandi Brandenburg, São Leopoldo: EST/PPG, 2008, p. 7. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/607>> Acesso em 30 jul. 2018.

da educação popular e da pedagogia social é a mesma [...] quer do ponto de vista teórico, quer do prático.”<sup>158</sup> Paulo Freire, em defesa dos oprimidos, profere:

A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas que trabalhem e transformem o mundo, e dos que com eles realmente se solidarizam; lutando pela restauração de sua humanidade, estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira.<sup>159</sup>

Nesse sentido, a Pedagogia Social, que, no Brasil, tem caráter mediador entre os interesses da sociedade e as necessidades dos excluídos, surge como partícipe fundamental no processo de inclusão social de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

## Movimento pelos Direitos da Criança e do Adolescente: missão e princípios

Em 1987, um grupo de professoras, frente às necessidades de crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social em um bairro da capital gaúcha, se mobiliza com intuito de desenvolver atividades educativas em uma creche comunitária do bairro Partenon. Devido ao significativo número de crianças e adolescentes interessados e interessadas em participar das atividades, as professoras buscam parceria com escolas estaduais do bairro e, em 17 de outubro de 1989, é formalmente instituída a ONG MDCA. Apenas no ano de 2013, passa a contar com um espaço próprio, “disponibilizado pela Secretaria de Estado da Educação do RS”<sup>160</sup>, no qual, hoje, atende mais de 200 crianças e adolescentes.

---

158 SOUZA NETO, J. Ecos da Teologia da Libertação na Pedagogia Social. In.: SILVA, R.; MOURA, R.; MACHADO, E. (Orgs.) *Pedagogia Social: contribuições para uma teoria geral da educação social*. vol. 2. São Paulo: Expressão e Arte, 2011. p. 233.

159 FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1983. p. 32.

160 Informação disponível no site de divulgação da ONG MDCA, sob o título “Quem somos - organização”. Disponível em:

A instituição tem por missão “efetivar direitos, oportunizando a inclusão social de crianças, adolescentes e familiares que se encontram em situação de vulnerabilidade, desenvolvendo ações de assistência social, educação e profissionalização.”<sup>161</sup> Todo trabalho desenvolvido com as crianças, adolescentes e familiares, tem por base cinco princípios norteadores:

1. Cultura de paz;
2. Cultura de solidariedade;
3. Respeito às diferenças;
4. Cuidado com o planeta;

## Compreensão e vivência dos direitos humanos de crianças e adolescentes.

Ao observar o enunciado dos princípios elencados como norteadores, pode-se perceber que, direta ou indiretamente, todos têm cunho teológico. Entretanto, essa característica torna-se ainda mais evidente na descrição dos princípios apresentada na página de divulgação da instituição:

---

<[http://mdca.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19&Itemid=58](http://mdca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=58)> Acesso em 30 jul. 2018.

<sup>161</sup> Nossa missão – página de divulgação da ONG MDCA. Disponível em: <[http://mdca.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80&Itemid=27](http://mdca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=80&Itemid=27)> Acesso em 30 jul. 2018.

## 1. CULTURA DE PAZ

PAZ pressupõe justiça social, com igualdade de direitos, tolerância, solidariedade e respeito às diferenças. A Paz é um processo que precisa de vigilância permanente, entendendo-se que, para vivenciá-la, o sujeito precisa ter suas necessidades atendidas.



## 3. RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

Reconhecimento da diversidade como condição para a construção da igualdade e do bem coletivo, diante da realidade que é plural.



## 4. CUIDADO COM O PLANETA

Respeito à vida em todas suas manifestações, na perspectiva da concepção de sustentabilidade.



## 2. CULTURA DE SOLIDARIEDADE

Solidariedade é o sentimento e a atitude que favorecem relações de partilha entre as pessoas de um grupo e entre os diferentes grupos que compõem a sociedade (ou a humanidade). É importante ter postura fraterna e agregadora, entrosamento de esforços e apoio recíproco.



## 5. COMPREENSÃO E VIVÊNCIA DOS DIREITOS HUMANOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Reconhecer como direitos a satisfação das necessidades básicas do ser humano que, efetivados, constituem a base da cidadania e da dignidade humana.



Figura 1: Princípios MDCA

Fonte: [http://mdca.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=57&Itemid=59](http://mdca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=57&Itemid=59)

A inclusão de termos como: solidariedade, tolerância, partilha, fraternidade, bem coletivo, respeito à vida, ser humano e dignidade humana nos princípios norteadores de um trabalho social, imprime a ele caráter teológico. Tal fato não constitui, por si só, surpresa alguma, uma vez que a Pedagogia Social toma por base de suas ações, o resgate de valores a fim de promover a inclusão social, ou seja, é fundamentalmente de caráter teológico.

Uma vez que são elencados “princípios norteadores”, assume-se que todas as atividades e ações do programa desenvolvido estão comprometidas com eles. Esses princípios orientam o trabalho, porém, não delimitam as ações, ou seja, aparecem como plano de fundo das inúmeras práxis pedagógicas desenvolvidas pelas educadoras e pelos educadores, assim como, norteiam a abordagem de psicólogas, assistentes sociais, coordenação, direção e equipe de apoio.

## Mimetismo Teológico

O universo da Educação, independentemente do nível a que se refere (Educação Básica, Superior ou Técnica) ou da modalidade (formal, informal, presencial ou à distância), as pessoas envolvidas no processo, em geral, não percebem o caráter teológico das relações estabelecidas. Salvo os casos de Instituições Confessionais, nas quais se pressupõe ações de cunho teológico. Ao discorrer sobre o surgimento da religiosidade por estímulos cognitivos, Hans-Jürgen Fraas aponta que “a atitude de perguntar pela finalidade adquire qualidade religiosa quando ela ocorre em inter-relação com condições ambientais dadas e com conteúdos e símbolos transmitidos socioculturalmente, mediante um permanente encontrar e rejeitar de respostas.”<sup>162</sup> Descrição esta que traduz as vivências nos ambientes educacionais, sejam eles confessionais ou não.

Pensar Educação significa explorar caminhos capazes de promover a formação humana de maneira holística, o que abrange as dimensões física, cognitiva, emocional e espiritual. Dessa forma, nas instituições de ensino, assim como na vida cotidiana, “religião e sociedade se interconectam, se emaranham e, por vezes, se fundem e se confundem na própria amálgama que é a vida humana”<sup>163</sup> Imbricado em todo processo de ensino-aprendizagem pode-se perceber inúmeros princípios teológicos e, quando estes se

---

<sup>162</sup> FRAAS, 1997, p. 58.

<sup>163</sup> REBLIN, Iuri A.; SINNER, Rudolf von. Os desafios contemporâneos das dinâmicas relacionais entre religião e sociedade. In: *Religião e Sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012, Prefácio. p. 11.

infiltram pelos entremeios da práxis pedagógica, tornando-se, muitas vezes, imperceptíveis, constitui-se o fenômeno caracterizado pela pesquisadora como **mimetismo teológico**.

Nas ações sociais desenvolvidas com crianças, adolescentes e familiares partícipes dos programas do MDCA, o caráter teológico atribuído pelos princípios norteadores surge sob a forma de mimetismo teológico, uma vez que os temas relacionados à religião, crenças e ao transcendente não são foco do trabalho social, apesar de serem relevantes para a formação identitária e cidadã de cada partícipe dos programas.

No ponto de vista da pesquisadora, o mimetismo começa já no acolhimento. Cada criança, adolescente ou família acolhida pela ONG é recebida com afetividade, reconhecida em sua individualidade, valorizada como pessoa e cidadã, respeitada e ouvida. O espaço propicia um local agradável de convivência e as ações buscam desenvolver o sentimento de pertença e de respeito mútuo. Para muitas crianças, adolescentes e famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade social, torna-se o local seguro.

Nas atividades desenvolvidas com as crianças, muitas vezes, precisa-se trabalhar na perspectiva da mediação de conflitos. Nessas situações, o mimetismo se traduz em respeito às diferenças, solidariedade, reconhecimento da alteridade, pertença e busca promover o bem viver na partilha diária. Já entre as famílias, esse se constitui no acolhimento e no empoderamento das mulheres que representam a maior parte integrante dos grupos e que, na maioria das vezes, foram ou são vítimas de violência doméstica. Essas situações costumam se refletir nas crianças e adolescentes, constantes alvos de violência psicológica e física. Por isso, as ações preveem o trabalho de proteção à crianças e adolescentes oriundos e oriundas dessas famílias, buscando reestabelecer e reforçar o vínculo familiar.

No Programa Adolescente Aprendiz, que integra adolescentes na faixa etária de 14 a 16 anos, inserindo-os e inserindo-as no mundo do trabalho através de convênios com instituições públicas, além das situações destacadas anteriormente, o mimetismo teológico está imbricado em inúmeras ações pedagógicas e, também, na avaliação e na auto avaliação às quais os adolescentes e as adolescentes são submetidos e submetidas

semestralmente. Tanto as educadoras quanto os adolescentes e as adolescentes devem avaliar quesitos como: respeito aos/às colegas, respeito aos/às docentes, respeito à equipe de apoio, solidariedade, auxílio aos/às colegas em aula, entre outros.

Um fato que se destaca, na perspectiva da pesquisadora, é o não reconhecimento imediato, por parte das pessoas envolvidas no trabalho da ONG, do caráter teológico dos princípios elencados pela instituição. Em geral, o que se aponta, são ações para o bom convívio em sociedade, que busca a harmonia na diversidade, porém, não se percebe essas ações como de cunho teológico, daí a inserção do conceito de mimetismo. De fato, em ações sociais, procura-se não privilegiar temas relacionados à religião, dado seu caráter privado, mas a essência de todo trabalho social traz consigo o caráter teológico, pois, destina-se ao bem-estar da alteridade. Além disso, evidenciar em seus princípios norteadores conceitos como paz, solidariedade, respeito, cuidado, compreensão e direitos humanos, corroboram com o caráter teológico da ação social.

## Considerações finais

A educação constitui o caminho para a transformação, para a superação da desigualdade social na tentativa de proporcionar uma cidadania digna aos brasileiros. Promover a inclusão de crianças e de adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social se torna necessário para a construção de uma sociedade futura mais justa e humanizadora. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)<sup>164</sup>, promulgada em 20 de dezembro de 1996, aponta como finalidade da educação “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.<sup>165</sup> Essa intencionalidade encontra dificuldades de se tornar realidade no contexto social brasileiro, no qual muitas crianças e muitos adolescentes vivem em situação de vulnerabilidade social, tendo muito pouca, ou quase nenhuma, participação ativa na comunidade. A formação cidadã dessas crianças e desses

---

<sup>164</sup> BRASIL. Lei 9.394/96. Lei de diretrizes e bases da educação nacional.

<sup>165</sup> BRASIL 1996, Art. 2º.



adolescentes não acontece como deveria, pois, eles e elas não conseguem se integrar à sociedade de maneira digna.

A Pedagogia Social tem o mérito de buscar mediar o diálogo entre a sociedade e as necessidades dessas crianças e adolescentes, através de ações sociais que viabilizem a inclusão social, sempre respeitando as potencialidades, os conhecimentos e a cultura da enorme diversidade do público que compõe seus programas. Apesar de não estar vinculada a nenhuma instituição religiosa, o MDCA evidencia em seus princípios norteadores, caráter teológico. Dessa forma, surge o fenômeno conceituado pela pesquisadora como **mimetismo teológico** nas ações desenvolvidas pelos programas com crianças, adolescentes e familiares, nas quais, conceitos como solidariedade, respeito, cuidado e tolerância, entre outros, permeiam suas práticas, apesar de não serem reconhecidos de imediato como teológicos pelas pessoas diretamente envolvidas nas atividades.

## Referências

ARAUJO, I.; PARENTE, J. O surgimento da Associação Brasileira de Educadores Sociais –ABES: um sonho e uma história de três anos. In.: GARRIDO, N.; SILVA, O.; MATOS, I. (Orgs.). *Desafios e perspectivas da Educação Social: um mosaico em construção*. São Paulo: Expressão e Arte, 2010.

BRASIL. Lei 9.394/96. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*.

FRAAS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. 2. ed. Trad. Ilson Kayser e Werner Fuchs. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

MDCA Movimento pelos Direitos da Criança e do Adolescente, ONG, sítio de divulgação da instituição. Disponível em: <<http://mdca.org.br/index.php>> Acesso em 30 jul. 2018.

MOURA, Rogério. Pedagogia Social: o conceito, o legado alemão e os desafios para sua reconstrução na América Latina do século XXI. In.: SILVA, R.; MOURA, R.; MACHADO, E. (Orgs.) *Pedagogia Social: contribuições para uma teoria geral da educação social*. v. 2. São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

SOUZA NETO, J. Ecos da Teologia da Libertação na Pedagogia Social. In.: SILVA, R.; MOURA, R.; MACHADO, E. (Orgs.) *Pedagogia Social: contribuições para uma teoria geral da educação social*. v. 2. São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

WEGNER, M. *Pedagogia social e valores: o resgate ao direito à educação*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Teologia, orientadora: Laude Erandi Brandenburg, São Leopoldo: EST/PPG, 2008, 88 p. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/607>> Acesso em 30 jul. 2018.





# O encontro com o sagrado gera uma dinâmica de amor

Assunta Romio

## Introdução

Teresa de Jesus relata em seus escritos as experiências de vida e de encontro com o sagrado. Na reflexão deste tema será priorizado o manuscrito chamado *Relações* ou *Conta de Consciência*, o qual relata, com detalhes, as percepções interiores do seu encontro com Deus. As *Relações* não constituem propriamente um livro, mas um conjunto de sessenta e sete fragmentos (1560-1581)<sup>166</sup> registrados, compilados e publicados juntamente com outros escritos, ou seja, as Obras Completas de Teresa de Jesus.

Nas *Relações* há vários assuntos: relatos autobiográficos, experiências íntimas, consultas aos orientadores espirituais sobre percepções interiores, intuições, diálogos de sua oração e encontro com Deus. É um material riquíssimo em que Teresa revela a sua intimidade com Deus. Percebe-se que ela abre as portas do seu interior para as pessoas que podiam orientá-la, com a finalidade de partilhar a riqueza da sua experiência de oração.

Neste espaço se quer adentrar no conteúdo das *Relações* para tentar perceber as consequências em sua vida, a partir da experiência com o sagrado, Deus. Inicialmente a autora é apresentada em seu contexto espanhol no séc. XVI. A seguir

---

<sup>166</sup> TERESA DE JESUS. *Obras completas*. (Coord.) Frei Patrício Sciadini. Tradução do texto estabelecido por Tomás Alvarez, 5. ed. São Paulo: Carmelitas; Loyola, 2013. p. 775. *Relações* (R).

elencaremos alguns sinais que confirmam a presença de Deus em sua vida e a percepção dos diálogos interiores com Deus. Finalmente se pretende buscar, em Teresa, um possível caminho de encontro com Jesus Cristo para dar suporte ao ser humano, atual.

## Teresa e seu contexto

Teresa de Cepeda e Ahumada nasceu em Ávila (Espanha) em 28 de março de 1515. Este período foi marcado pela ambição das conquistas da América, a manutenção da elite monárquica com Carlos V e seu filho Filipe II. No primeiro reinado houve a expansão do território da coroa espanhola nos cinco continentes: Europa, África, Ásia, Oceania e América. A expansão trouxe como consequência o incentivo cultural e a tipografia com a impressão de livros nas várias áreas acessíveis ao povo, houve também uma expansão e florescimento religioso. No segundo reinado de Filipe II houve uma postura mais rígida de fechamento e a instauração da inquisição, com a proibição de livros estrangeiros, perseguição religiosa principalmente aos mouros.<sup>167</sup>

É neste contexto que viveu Teresa, família de pais católicos que educaram seus filhos na piedade e a mãe os ensinou a ler e escrever. Ela escreve que tinha facilidade de relacionar-se com seus irmãos, e faz questão de expressar que se percebia a mais querida pelos seus pais.<sup>168</sup> Aos 14 anos, após ficar órfã de mãe, vai aos pés de Nossa Senhora para pedir-lhes que seja sua mãe.<sup>169</sup> O pai, preocupado com a formação da adolescente Teresa, coloca-a interna durante um ano e meio no convento das Agostinianas em Ávila. A convivência com as religiosas, além da educação cristã, ajudou-a a descobrir e valorizar a dimensão espiritual. Assim, aos 20 anos de idade contra a vontade paterna, decide ingressar num convento próximo a sua casa, chamado da Encarnação,<sup>170</sup> no qual

---

<sup>167</sup> ALVAREZ, Tomás. *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*. Burgos: Monte Carmelo, 2001. p. 187ss.

<sup>168</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 28. *Livro da Vida* (V1,3).

<sup>169</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 29. (V1,7).

<sup>170</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 37. (V4,1). [...] Lembro-me bem, e creio que com razão, que o meu sofrimento ao deixar a casa paterna não foi menor que a dor da morte. Eu tinha a impressão de que os meus ossos se afastavam de mim e que o amor de Deus não era maior do que o amor ao meu

viviam em torno de cento e oitenta monjas. Neste grupo se repetia de certa forma a estrutura classista da sociedade da época.

No tempo em que passou no convento da Encarnação, Teresa viveu momento difícil por doença. Ao mesmo tempo também teve a possibilidade de um aprofundamento na vida espiritual através de leituras de livros, despertando-a no interesse pela vida de oração. Recorreu a teólogos para serem seus orientadores, os quais a ajudaram no processo espiritual de encontro com Deus. Ela mesma relatou no *Livro da Vida* o sofrimento que teve quando foram queimados os livros de sua biblioteca pessoal por mandato da Inquisição.<sup>171</sup> Na relação estava a Bíblia em língua vernácula e outros livros prediletos.

Teresa queria ser e fazer algo para ajudar as pessoas a conhecerem e amarem Jesus Cristo. Não se contentava somente em estar no convento e viver como religiosa, sentia-se impelida a fazer mais. Decidiu, então, junto com um grupo de monjas e amigas fundar um novo convento que chamaria de São José de Ávila, com número reduzido de pessoas e que se dedicassem a oração e vivessem do próprio trabalho. Com este grupo ela foi introduzindo o desafio de superar as discriminações sociais e assim, na nova comunidade, todas deveriam aprender e escrever, estudar e aprender o latim para rezarem o ofício das Horas.<sup>172</sup> No livro do *Caminho de Perfeição* enfatizou que na comunidade se viva o amor e o respeito de umas para com as outras,<sup>173</sup> e que sejam respeitadas as características de cada monja.<sup>174</sup>

A Santa andava inquieta, pois percebia que poderia realizar algo mais pela Igreja, mas sentia-se de mãos atadas. Um dia, na oração, suplicou a Deus que lhe desse luz e então percebeu claramente uma voz dentro dela que lhe dizia: “Filha, espera um

---

pai e à minha família, sendo necessário fazer tamanho esforço que, se o Senhor não me tivesse ajudado, as minhas considerações não teriam bastado para que eu prosseguisse. No momento certo, o Senhor me deu ânimo na luta contra mim mesma e, assim, levei adiante o meu propósito.

171 TERESA DE JESUS, 2013, p. 171. (V26,5).

172 SANTA TERESA. *Cartas*. Tomás Alvarez (Ed.). Introducciones y notas. 2. ed. Burgos: Monte Carmelo, 1981. p. 1024. (Carta a María de Mendoza, 7marzo 1572:S.34 E.38 Lf.27 A.III 6 T.392 D.41).

173 TERESA DE JESUS, 2013, p. 312. *Caminho de Perfeição* (C4,4).

174 TERESA DE JESUS, 2013, p. 312. (C4,6ss).

pouco e verás grandes coisas”.<sup>175</sup> Na ocasião, o geral da Ordem visitou este novo convento, São José, e ficou impressionado com o estilo de vida de oração, de trabalho e organização comunitária. Deu licença para fundar todos os conventos necessários, desde que fossem com os mesmos princípios desta comunidade recém-fundada.<sup>176</sup>

As oportunidades de novas fundações foram surgindo na Espanha e assim Teresa, num período de 20 anos, fundou 17 novos conventos, desde o primeiro convento de Ávila (São José) ao último de Burgos.<sup>177</sup> Ela, para atender às necessidades de acompanhar e formar as suas irmãs escreveu vários livros. Entre os principais estão *o Livro da Vida, Caminho de Perfeição, Moradas ou Castelo Interior, Fundações* e inúmeras Cartas. Ao regressar da fundação de Burgos com destino a Ávila, passa por Alba de Tormes onde ficou doente e morreu no dia 4 de Outubro de 1582.<sup>178</sup>

Teresa viveu intensamente inserida no seu contexto e soube aproveitar as oportunidades para crescer e fazer o que estava ao seu alcance.<sup>179</sup> Na época a mulher não tinha espaço social e cultural para se desenvolver, mas ela teve o privilégio de pertencer a uma família que tinha a preocupação de educar os filhos na fé, dando uma educação ampla e o incentivo à leitura de bons livros. Neste cenário ela foi crescendo e amadurecendo como mulher, religiosa, fundadora e escritora. Isto foi possível porque descobriu que Deus fazia morada nela e Lhe dava sentido à sua existência. A seguir são rastreados nas *Relações* alguns elementos que identificam a presença de Deus e sua comunicação na vida de Teresa de Jesus.

---

<sup>175</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 600. Livro das *Fundações* (F1,8)

<sup>176</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 602. (F2,4).

<sup>177</sup> ALVAREZ, 2001, p. 1302-1326. As *Fundações* de Santa Teresa: São José de Ávila, em 1562(V36); Medina Del Campo, em 1567 (F3); Malagón, em 1568 (F9); Valhadolid, em 1568 (F10); Toledo, em 1569 (F15);Pastrana, em 1569(F17); Salamanca, 1570 (F18); Alba de Tormes, 1571 (F20); Segóvia, 1574 (F21); Beas, 1575 (F22); Sevilla, 1575 (23); Caravaca,1576 (F27); Villanueva, 1580 (F28);Palencia, em 1580 (F29); Sória, em 1581 (F30); Burgos, em 1582 (F31). E dos Carmelitas descalços: Duruelo, em 1567 (F13-14) e Pastrana, em 1569 (F17).

<sup>178</sup> ALVAREZ, 2001, p. 1325. [...] Dia 4 de outubro, às nove horas da noite morre no Carmelo de Alba. Nesse ano, com a reforma do calendário gregoriano, o dia seguinte da morte de Teresa era 15 de outubro.

<sup>179</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 617. (F5,13).

## Sinais da presença de Deus

As *Relações* expressam o processo vivido por Teresa e como ela respondeu ao chamado de Deus, o seu Amado. Impressiona constatar a forma como ela narra o mistério do sagrado em sua vida, com simplicidade, leveza e alegria. São relatos autobiográficos de experiência íntima, consultas sigilosas aos orientadores espirituais, alguns pensamentos espontâneos para uso pessoal, intuições, motivações e percepções profundas do sagrado, reflexões pessoais, oração.

As *Relações* estão impregnadas de relatos das experiências interiores, que revelam o mais precioso desta mulher, que é a busca interior e o processo de descobrir a riqueza do contato com o sagrado. Quais seriam os sinais manifestados nela que indicariam a presença de Deus em sua vida? A autora escreveu, nas entrelinhas das *Relações*, detalhes minuciosos de como percebia o movimento interior na relação com Deus. Na oração ela tinha momentos de êxtases. Os arroubos eram tão grandes que desejava desfazer-se por Deus.<sup>180</sup> Era um movimento tão intenso e inexplicável, porém ela tinha certeza de que estava na presença de Deus, pelo simples fato de sentir paz interior, alegria e desejo de fazer algo mais pelo Senhor. A Santa buscava espaços de silêncio, mergulhava na solidão para estar mais tempo com Ele. Explica que se dava conta que todo o tempo era curto e sempre lhe faltava tempo para rezar e de estar com Ele, e isso não a cansava, pelo contrário, sentia gozo e paz.<sup>181</sup>

Teresa considerava um tesouro poder entrar em contato com o mistério, que é Deus. As subseqüentes experiências lhe davam um elã de uma pessoa tranquila, serena e de paz. A Santa era determinada em suas ações e procurava resgatar o positivo da vida que a ajudava a crescer e se aproximar mais de Deus. Assim, se tornou uma mulher agradecida por tantos dons e graças recebidos gratuitamente de Deus. Ela percebia o quanto tinha crescido ao

---

<sup>180</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 776. (R1,1).

<sup>181</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 777. (R1).



longo da vida a partir destas experiências.<sup>182</sup> Assim expressou Teresa:

Parece-me que há mais de um ano escrevi isto que aqui está. Por todo esse tempo, Deus tem me conduzido pela mão, pois não estou pior e até vejo muito crescimento e melhorei em vários aspetos. Seja Ele louvado por tudo. As visões não cessaram, e são muito mais sublimes. O Senhor me ensinou um modo de oração que me deixa com muito mais benefícios, com maior desapego das coisas desta vida e mais ânimo e liberdade.<sup>183</sup>

No texto é evidente a forma tranquila de lidar com as percepções interiores e dos benefícios que Deus lhe concedia como graça e dons. Teresa percebia a grandiosidade do mistério que a envolvia, decidiu colocar-se nos braços de Deus e confiar seus desejos e a própria vida. É sensível e reconhece o cuidado que Deus tem para com sua pessoa.<sup>184</sup> Por alguns momentos ela expressou que sentia muita solidão e tinha medo de ficar sozinha, queria comunicar seus sofrimentos, gozos e tristezas, porque não tinha uma pessoa a quem pudesse confiar seus segredos.<sup>185</sup> No entanto, compreendeu que Deus a amava e fazia morada nela, e assim se expressa:

[...] minha alma começou a se inflamar, parecendo-me que entendia claramente que tinha a presença da Santíssima Trindade em visão intelectual. Nela, por certa maneira de representação [...] entendi que Deus é trino e uno; assim, parecia-me que as três Pessoas me falavam e se representavam distintamente dentro de mim. Disse-me que, a partir desse dia, eu veria melhora em mim em três coisas, porque cada uma destas Pessoas concedia uma graça: na caridade, no padecer com contentamento e no sentir essa caridade com abrasamento na alma. Compreendi as palavras que o Senhor diz- “Estarão com a alma em graça as três Pessoas Divinas” –porque as via dentro de mim de modo como disse.<sup>186</sup>

---

182 TERESA DE JESUS, 2013, p. 782. (R1,29).

183 TERESA DE JESUS, 2013, p. 782. (R2,1-2).

184 TERESA DE JESUS, 2013, p. 786. (R3,10).

185 TERESA DE JESUS, 2013, p. 811. (R15,4).

186 TERESA DE JESUS, 2013, p. 812. (R16,1).

A autora fez uma releitura da própria vida e percebeu as imensas graças recebidas de Deus desde criança. Sentia-se agradecida por estar em tão divina companhia.<sup>187</sup> Para explicar esta experiência utilizou um símbolo, o da esponja, isto é, quando a mesma é colocada em contato com a água fica impregnada ou embevecida. Ela alude assim ser a sua alma como esta esponja, totalmente inebriada com a presença da Trindade.<sup>188</sup> As intensas experiências a induziam a determinar-se e a servir a Deus em tudo.<sup>189</sup> Ela escreveu que as três Pessoas da Trindade se amam, comunicam e se conhecem.<sup>190</sup> O impacto destas experiências provocavam nela excessivos momentos de suavidade, paz,<sup>191</sup> segurança e consciência de ser testemunha do seu amor pela criatura.<sup>192</sup>

Nas *Relações* encontramos também descritas experiências de encontros, buscas, verdades, luzes, compromissos, desafios e certeza de que Deus se comunicava com ela. No entanto, é evidente que Teresa sentia-se confirmada interiormente. Neste sentido, ela buscava caminhos e traçava metas para concretizar a Vontade de Deus.<sup>193</sup> Retoma o tema, e, é interessante observar, como expressa a dinâmica ou processo de descobrir a grandeza da presença dos Três, através de suas experiências místicas. Por isso, entendemos que nos seus escritos aparece a compreensão e visualização da Trindade. O encontro com a Trindade acontece em uma sucessão de experiências gradativas e sistemáticas, que foram sendo confirmadas, da qual ela se sentia fortalecida interiormente. Percebe-se que a narrativa das *Relações* conduz ao leitor a entrar na dinâmica de Teresa e compreender os passos de Deus nas visões intelectuais e a grandeza da presença de cada pessoa da Trindade em sua vida.<sup>194</sup>

---

187 TERESA DE JESUS, 2013, p. 813. (R16,2).

188 TERESA DE JESUS, 2013, p. 813; 830. (R18; R45).

189 TERESA DE JESUS, 2013, p. 814. (R21).

190 TERESA DE JESUS, 2013, p. 820. (R33,3).

191 TERESA DE JESUS, 2013, p. 816. (R26,1).

192 TERESA DE JESUS, 2013, p. 817. (R28).

193 TERESA DE JESUS, 2013, p. 807. (R7).

194 TERESA DE JESUS, 2013, p. 776. (R1).

Teresa teve a graça de perceber quando a alma estava em graça. Ela tinha certeza que como seres humanos, todos fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Lembra que a pessoa nasce na fé, e com isso, vive uma experiência teologal.<sup>195</sup> A experiência da Trindade era percebida por Teresa como uma nova compreensão do Senhor que a capacita a esta realidade, mesmo que seja um mistério que transpassa todo o ser, de ternura e de emoção, que irrompe em louvor e ação de graças. Não podemos esquecer que estamos diante de um mistério central e original do cristianismo. Por isso Teresa termina as *Relações* com o amém, porque faz a experiência da Santíssima Trindade.<sup>196</sup> Ela procurava ser fiel à Vontade de Deus, pois tinha certeza que Ela a amava e muito:

Pensei, se isso é união, de uma alma que sempre tem essa determinação podemos dizer que sempre está em oração de união, embora seja verdade que esta oração só pode durar muito pouco. Ocorreu-me então que, enquanto andar com justiça merecendo e ganhado, a alma receberá a união, mas não se pode dizer que ela viva unida como na contemplação. [...] E parece-me que, se é união entre a nossa vontade e o nosso espírito em tal sintonia com a Vontade de Deus, que só a pode ter quem estiver em estado de graça, ao contrário do que me tinham dito.<sup>197</sup>

As experiências deixavam em Teresa a sensação de sentir-se plenificada como pessoa por tantas graças recebidas. Ela escreveu que passava dias sentindo-se extasiada, deslumbrada, embevecida, pasmada sem saber o que fazer. Mais tarde retoma esses movimentos interiores e reconheceu ter sido causa de crescimento e de superação das dificuldades existenciais.<sup>198</sup> Ela avaliava a veracidade do que experimentava no seu interior de uma profunda paz, sensação de alívio, consolo e certeza que a obra era de Deus e que cedo ou tarde lhe pedia algo mais para servi-Lo.<sup>199</sup>

---

<sup>195</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 831. (R47).

<sup>196</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 819. (R33).

<sup>197</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 818. (R29).

<sup>198</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 821. (R35).

<sup>199</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 825. (R40,3).

Retomando as experiências com o sagrado, Teresa destacou alguns efeitos, como: experimenta profunda paz interior, deseja ser agradecer e louvar por tantas maravilhas e resgata o positivo dos acontecimentos da vida, vive com leveza e alegria, acolhe as mudanças consequentes das experiências, fala e orienta por experiência, relativiza os fatos e resgata o positivo, compreende e interpreta os segredos entre Deus e a alma, deseja estar mais tempo na oração e decide servir a Deus.<sup>200</sup> Como lhe é característico, na sua obra, Teresa elenca alguns efeitos da experiência com a Trindade: a imagem esculpida em sua alma; sentia-se inflamada de amor; compreende que Deus é trino e as três Pessoas podiam estar ao mesmo tempo em sua alma.<sup>201</sup> A partir desta experiência trinitária, na qual ela encontra um profundo sentido existencial, e compreender-se o que hoje chamamos de carisma teresiano.

## Experiências com o sagrado

Teresa, como mencionado anteriormente, relata a descoberta do Mestre interior, o Deus que faz morada no ser humano. O Deus que criou a sua criatura, que deu a vida, envolve-a no seu amor e convida-a a deixar-se habitar por Ele. Ele somente pede que se abra a porta e o deixe entrar.

A Santa escreve sua experiência de encontro como sagrado em pequenos papéis como se fossem anotações, principalmente das falas ou vozes interiores que escutava e a confirmava na sua busca. Que experiências são essas que Teresa descreve rapidamente e com tantos detalhes? Para compreender o processo vivido selecionaremos algumas falas de Deus percebidas por Teresa. Essas, por sua vez foram compiladas depois da morte da Santa pelos editores dos escritos teresianos.

No delinear do manuscrito, a Santa deixa claro que Deus vem ao encontro da pessoa porque Ele ama a sua criatura. A partir de então, ela se predispõe a abrir espaço de encontro e seguir o Mestre. Decide entregar-se nas mãos de Deus e deixar que Ele dirija

---

<sup>200</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 801. (R5).

<sup>201</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 812. (R16).

seus passos. Aprende a acolher suas limitações, aceitando suas fraquezas e debilidades pessoais, como possibilidades para o crescimento. Por isso, o conhecimento pessoal leva a acolher e aceitar o sagrado, presente em sua vida. As falas e as visualizações foram para a Teresa, simplesmente confirmações da veracidade de que estava no caminho certo. Ela compreende que Deus precisava de seu coração, inteligência, mãos e pés para concretizar a missão de evangelização.<sup>202</sup> Alvarez lembra que a Santa escreve as palavras que percebeu no diálogo com Deus e assinala alguma variante nas *Relações* como forma de expressão.

[...] as palavras textuais do Senhor são precedidas quase sempre de um 'disse-me' ou 'me disse'. As outras vão precedidas de um 'entendi' ou 'se me deu a entender'. Porém, em todo caso, no caderninho é fundamentalmente uma relação de diálogo permanente entre Teresa e seu Senhor. Às vezes Teresa anota as palavras dos dois. Mas, frequentemente a palavra d'Ele. E aí reside a singularidade das pequenas anotações e às vezes sem conexão do texto teresiano.<sup>203</sup> (Tradução nossa).

Por isso, é complexo e desafiador entender os textos, mas não deixa de ser uma possibilidade de ler os relatos da sua experiência mística. Nas *Relações* registra detalhadamente as experiências de oração, lutas, angústias, sofrimentos dando ênfase aos detalhes de como Deus a conduzia a fazer um caminho de superação das suas próprias limitações.

Teresa vive momentos difíceis principalmente na sua vida pessoal, comunitária e fundacional. Ela recorre à oração como suporte para a caminhada. Um dia escutou dentro dela palavras de ânimo e consolo da parte do Senhor: “Muito errarás filha, se olhares as leis do mundo. Põe os olhos em Mim, pobres e depreciados por eles”.<sup>204</sup> Em outra ocasião, enquanto pensava nos seus pecados, escutou: “Não podes deixar de ser, filha; procura em tudo a reta intenção e o desapego, e põe os olhos em Mim, para que tudo o que fizeres seja conforme ao que eu fiz”.<sup>205</sup> Ela percebe que Deus a

---

<sup>202</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 810. (R13).

<sup>203</sup> ÁLVAREZ, 2001, p. 1151.

<sup>204</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 808. (R8).

<sup>205</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 809. (R11).

animava a continuar no processo de aceitação de si, e Lhe disse: “Esforça-te, pois vês quanto te ajudo”.<sup>206</sup> Após esta experiência, ela começa a reconhecer a debilidade e fraquezas. Assim escutou do Senhor: “Não és tão fraca, filha, pois és feita à Minha imagem”.<sup>207</sup>

No relato, grande parte das *Relações* é dedicada em descrever detalhadamente os arroubamentos. Ela conta que um dia estando em oração, parecia que Deus elevava seu espírito até junto de Seu Pai e Lhe dissera: “Esta, que me deste, Eu te dou”.<sup>208</sup> Teresa compreendeu que Deus a tinha escolhido para ser continuadora de sua missão. Expressa que Deus estava sempre ao seu lado protegendo-a e guiando-a para ser seu instrumento de amor. A confirmação desta presença amorosa veio um dia depois de comungar. Ouvia a voz de Deus que Lhe dizia: “Aqui me vez, filha, pois sou Eu”.<sup>209</sup> E continuou dizendo: “Olha as minhas chagas. Não estás sem Mim. A brevidade da vida passa”.<sup>210</sup> Teresa se sente consolada e compreendida, expressa o desejo de dedicar a vida no seguimento a Jesus Cristo.

Um dia na oração viu anjos subindo e descendo na cadeira prioral. Referindo-se quando foi priora no convento da Encarnação em Ávila, colocando Nossa Senhora na cadeira principal para que governasse a comunidade. Ela escutou dentro de si: “Bem acertaste em colocar-Me aqui; Eu estarei presente aos louvores que destes ao Meu Filho e os apresentarei a Ele”.<sup>211</sup> Teresa a partir deste momento teve certeza que a comunidade estaria governada por Ela. Em outro momento percebeu-se confirmada quando escutou: “Pensas, filha, que o merecimento está no gozar? Ele não está senão no trabalhar, em padecer, em amar [...]”.<sup>212</sup>

---

<sup>206</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 810. (R14).

<sup>207</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 833. (R54).

<sup>208</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 811. (R15,4).

<sup>209</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 811. (R15,6).

<sup>210</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 812. (R15,6).

<sup>211</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 816. (R25,1).

<sup>212</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 822. (R36,1).

No período de fundadora<sup>213</sup> ela consultava a Deus sobre cada nova obra e esperava a confirmação antes de empreender viagem para qualquer fundação. Ela perguntava o que podia fazer em tal situação e assim percebeu no seu interior: “que este não é o momento de descansar, e que eu me apressasse a fazer essas casas, porque, com as almas delas, Ele teria descanso”.<sup>214</sup> A partir desta confirmação decide começar a fundar com suas co-irmãs e também contando com a ajuda e a colaboração de outras pessoas amigas. No cansaço das viagens e do muito trabalho, Teresa expressa o desejo de parar com as fundações e dedicar-se à vida contemplativa e ouviu: “Enquanto se vive o benefício não está em gozar mais de Mim, mas em fazer a Minha Vontade”.<sup>215</sup> Então, ela assume em sua vida o seu papel como mulher e religiosa. Decidiu fazer o pouco que estava em suas mãos e assim realizar a obra de Deus. Escutou dentro dela: “Faze o que está em teu poder e deixa-Me agir, sem te inquietares com nada; goza do bem que te foi dado, que é muito grande”.<sup>216</sup>

Teresa, ao registrar suas experiências dá a entender o desejo de que suas irmãs também possam usufruir do vivido. E não somente as experiências propriamente ditas, mas também as luzes, percepções de novos projetos. Ela mesma conta que uma vez estava tentando lembrar uma intuição que teve e ouviu: “Já sabes que te falo algumas vezes; não deixe de escrevê-lo, porque, embora a ti não aproveite, poderás beneficiar outros”.<sup>217</sup> Ela andava preocupada com muitos negócios e não conseguia rezar. O Senhor lhe disse: “Ó mulher de pouca fé, sossega, que muito bem o estás fazendo”.<sup>218</sup> A Santa reclama e suplica força para suportar a vida e o Senhor lhe disse: “Pensa, filha, que, depois de acabada a vida, não podes Me servir como o fazes agora. E come por amor a Mim e dorme por amor a Mim, e tudo o que fizeres seja por Mim [...]”.<sup>219</sup>

---

<sup>213</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 601-772. (1562-1582)

<sup>214</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 808-809. (R9).

<sup>215</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 814. (R19).

<sup>216</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 810. (R13).

<sup>217</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 833. (R52).

<sup>218</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 837. (R60).

<sup>219</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 834. (R56).

Ela reconhece que são inúmeras as graças que o Senhor lhe concede, pelas quais é confirmada: “Já sabes o compromisso ou união que há entre ti e Mim e, havendo isso, o que Eu tenho é teu [...]”.<sup>220</sup>

Portanto, no relato de Teresa encontramos inúmeras falas percebidas entre ela e Deus.<sup>221</sup> Estas versam sobre vários assuntos. Correspondem a diferentes etapas da vida de Teresa e do envolvimento com a missão. O fato de sentir-se confirmada por Deus gerou na Santa uma confiança e certeza de estar no caminho de Deus. Poderíamos dizer que, as experiências de encontro com Deus foram formando, moldando e esculpindo esta mulher por dentro. Como consequência ela colocou a serviço os dons e graças recebidas. A Santa tinha certeza da presença do Senhor ao seu lado e ao mesmo tempo Alguém que andava à sua frente, mostrando o caminho que devia seguir. Ela reza e suplica, pede e implora que Deus a ajude a crescer como pessoa, para poder ajudar a outras e outros a também fazerem caminho de encontro com o sagrado.

## Caminho de encontro que impulsiona para a missão

Nas *Relações* Teresa dá a conhecer o processo vivido e indica pistas de um possível caminho para a busca de sentido do ser humano atual. Assim, convida a acolher o mistério da relação de amor com Deus. Na narrativa ela deixa claro que a dinâmica do amor gera nova vida a partir do encontro como mistério que é Deus.

A experiência com Deus a ajudou a integrar a própria vida. Ela leva outros e outras a também compreenderem o projeto de Deus sobre suas vidas. Assim convida a descobrir e acolher a vocação de viver o amor oblato, ao estilo de Jesus. A experiência torna-a testemunha de um Deus que habita e a molda no seu

---

<sup>220</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 832. (R51).

<sup>221</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 835. (R58).



amor.<sup>222</sup> A seguir destacaremos alguns elementos importantes deste processo.

A primeira indicação de Teresa aponta para a importância de buscar uma pessoa experiente para partilhar a vida.<sup>223</sup> A Santa narra suas experiências e conta que necessitava partilhar com alguém da sua confiança, pois queria ter a certeza que era de Deus.<sup>224</sup> Ela procurava pessoas com habilidades para atender as experiências místicas. Assim se expressa:

Por isso, é muito importante que o mestre seja inteligente – isto é, de bom entendimento e experiente. Se, além disso, tiver instrução, será perfeito. Contudo, não sendo possível achar as três coisas juntas, as duas primeiras são mais relevantes, porque, caso seja necessário, os principiantes podem recorrer aos letrados para alguma consulta. [...] Além disso, a instrução é muito boa porque ensina aos que pouco sabemos e nos dá luz, para que, cheguemos as verdades da Sagrada Escritura, façamos o que devemos; de devoções tolas, livre-nos Deus.<sup>225</sup>

No entanto, a pessoa que acompanha deverá ser discreta, compreensiva, hábil em discernir e orientar a caminhada de quem está querendo acertar o caminho da oração.<sup>226</sup> Orienta também a considerar as dificuldades que são inerentes ao ser humano como, distrações, preocupações, angústias, certezas, incertezas.<sup>227</sup> É neste sentido, que Teresa escreve uma carta a seu irmão orientando-o a seguir o caminho traçado por ela, como também a do seu orientador.<sup>228</sup>

---

222 TERESIANAS STJ. Relectura de los escritos menores: el poder de la pregunta, el valor de la conciencia y creatividad de la palabra. In: *Proyecto Nudo*: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: <<http://www.stjteresianas.org/>; <http://www.proyectonudo.com/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

223 TERESA DE JESUS, 2013, p. 777. (R1).

224 TERESA DE JESUS, 2013, p. 776. (R1,1).

225 TERESA DE JESUS, 2013, p. 90. (V13,16).

226 TERESA DE JESUS, 2013, p. 824. (R40).

227 SANTA TERESA, 1981, p. 56. (carta, a Lorenzo de Cepeda, 27 julio 1579: S.289 E.288 Lf.252 A.I 34 T.11 D.309).

228 SANTA TERESA, 1981, p. 28. (carta, a Lorenzo de Cepeda, 2 enero 1577: S.158 E.165 L.132 A.I 31 T.6 D.172).

Nas *Relações* Teresa conta que escrevia as experiências místicas com o objetivo de ser entendida pelos seus orientadores, e por isso procurava ser transparente e objetiva.<sup>229</sup> Isso lhe permitia acolher com paciência,<sup>230</sup> compreensão as experiências das pessoas<sup>231</sup> que partilhavam com ela.<sup>232</sup> Ela escreve que Deus conduz a pessoa por bons caminhos e a torna forte no seu amor.<sup>233</sup> Insiste que é necessário buscar alguém para partilhar as experiências como sagrado.<sup>234</sup> Teresa por experiência sabe da importância de ajudar e orientar pessoas que desejam o caminho da oração, do discernimento, do autoconhecimento até a maturidade espiritual.

O segundo aspecto é a ênfase que dá ao autoconhecimento.<sup>235</sup> O conhecer-se é um processo que dura toda a vida. Exige da pessoa perseverança, coragem de tomar contato consigo mesmo, ou seja, com a realidade mais profunda a partir da oração. A Santa instiga o leitor a buscar novas possibilidades ou caminhos a partir do autoconhecimento, ampliando horizontes.<sup>236</sup> No entanto, manifesta o desejo de ser entendida e estimada pelas pessoas, com as quais partilhava as coisas mais profundas. Isso decorre, porque algumas vezes os próprios confesores não percebiam com tanta clareza, a presença de Deus na sua caminhada espiritual.<sup>237</sup> É a partir da própria experiência que ela orienta a focar os aspetos positivos como também a atitude de ser agradecida por tantas graças.<sup>238</sup>

---

229 TERESA DE JESUS, 2013, p. 823. (R39).

230 SANTA TERESA, 1981, p. 996. (carta, a Luisa de la Cerda, 18 mayo 1568: S.5 E.7 Lf.2 A.III 4 T.378 D.7).

231 SANTA TERESA, 1981, p. 931. (carta, padre Antonio de Segura, febrero/marzo 1570: S.20 E.25 T.344 D.25).

232 SANTA TERESA, 1981, p. 861. (carta, a Isabel de Jimena, fines 1570: S.32 E.40 Lf.35 A.I 40 T.313 D.30).

233 SANTA TERESA, 1981, p. 28. (carta, a Lorenzo de Cepeda, 2 enero 1577: S.158 E.165 L.132 A.I 31T.6 D.172).

234 TERESA DE JESUS, 2013, p. 634. (F8,9).

235 TERESA DE JESUS, 2013, p. 782. (R2).

236 TERESIANAS STJ, 2018.

237 TERESA DE JESUS, 2013, p. 784. (R2).

238 TERESA DE JESUS, 2013, p.777; 818. (R1; R29).

Teresa lembra que uma maneira prática de conhecer-se é aceitar as próprias debilidades ou dificuldades,<sup>239</sup> empenhar-se em superá-las, como uma oportunidade de crescimento.<sup>240</sup> Porém, é necessário acolher, aceitar e determinar-se a mudar as atitudes internas consigo e com os outros.<sup>241</sup> O autoconhecimento é perceptível na pessoa, pois se manifesta nas mudanças de atitudes, no modo de ser e agir. O indivíduo quando percebe os benefícios da mudança que ocorre no seu interior, consegue, com mais facilidade, enfrentar as dificuldades e não tem medo do que possa advir.<sup>242</sup>

No entanto, é preciso determinação, ânimo e coragem em continuar o caminho do autoconhecimento como possibilidade de chegar ao crescimento integral como pessoa.<sup>243</sup> Nas *Moradas* suplica a Deus a graça de extrair o bem das próprias misérias.<sup>244</sup> Por isso pede com insistência a graça do conhecimento próprio, pois acredita que este é um caminho de superação e de encontro com Deus na oração.<sup>245</sup>

Em terceiro lugar, incentiva o registro das experiências vividas na oração.<sup>246</sup> Teresa lembra que o Senhor lhe ensinou um modo de oração e de desapego das coisas desta vida. Ela percebia que crescia interiormente e começava a entender como a sua relação com Deus a plenificava. Partilha narrando que Deus lhe dava a graça para saber discernir as amizades que lhe ajudavam na caminhada.<sup>247</sup> Também compreende que estar na presença de Deus lhe dava segurança de estar no bom caminho.<sup>248</sup>

---

239 TERESA DE JESUS, 2013, p.787. (R4)

240 SANTA TERESA, 1981, p. 878. (carta as Carmelitas Descalzas de Sevilla, 13 enero 1580: S.304 E.298 Lf.267 A.I.52 T.324).

241 TERESA DE JESUS, 2013, p. 59. (V7,19).

242 TERESA DE JESUS, 2013, p. 103. (V15,14).

243 TERESA DE JESUS, 2013, p. 533. Livro das *Moradas* (6M5,6).

244 TERESA DE JESUS, 2013, p. 529. (6M4,11)

245 TERESA DE JESUS, 2013, p. 556. (6M9,15).

246 TERESA DE JESUS, 2013, p. 782. (R2). Rodapé: Entre esta Relação e a seguinte, Ribeira coloca um aviso importante: “Esta Relação estava escrita por mãos estranhas embora depois, como vemos, a própria Madre diga que está como ela escreveu. O que se segue é tudo de sua mão, e diz assim”.

247 TERESA DE JESUS, 2013, p. 785. (R3).

248 TERESA DE JESUS, 2013, p. 817. (R28).

A preocupação de Teresa era escrever com fidelidade aquilo que escutou dentro dela na contemplação. No início achava que seria uma perda de tempo registrar as experiências, mas percebeu a importância da averbação, tanto para ela como para os que a acompanhavam.<sup>249</sup> Isto é, o registro implica uma maneira de verbalizar a própria experiência e a passagem de Deus na trajetória de sua vida.<sup>250</sup> Ela chama a atenção que é preciso ter cuidado ao escrever, porque envolve o sagrado e pode ser mal interpretada, principalmente por pessoas que não tem experiência de oração.<sup>251</sup> A metodologia do registro das experiências dá oportunidade de rever como Deus foi trabalhando nela, compreendendo de forma clara e objetiva o processo interior de conversão.<sup>252</sup>

A quarta dica é acolher a realidade pessoal como dom e graça.<sup>253</sup> O que fascina em Teresa é a forma pedagógica de explicar o mistério de Deus, como presença gratuita que gera plenitude de vida no ser humano. No relato teresiano ela deixa transparecer suas dúvidas e inquietações. Ao expressar o desejo de permanecer na gratuidade sente a necessidade de rezar mais. No entanto, em alguns momentos percebe que tenta fugir do chamado de Deus. Então deixa de lado seu bem-estar e decide fazer o que estava ao seu alcance e então começa o processo das novas fundações ao estilo da primeira comunidade de São José de Ávila.<sup>254</sup>

Incentiva o leitor a fazer um esforço para conhecer-se e perceber as possibilidades de colocar a serviço os dons recebidos e de forma gratuita. Teresa tem certeza que Deus a orienta e a conduz a cada dia. Intui e compreende que a penitência não é o mais importante, mas sim, perceber que está realizando a Vontade de Deus, isto é, entrar vivamente no dinamismo da revelação.<sup>255</sup>

---

249 TERESA DE JESUS, 2013, p. 817. (R28).

250 TERESA DE JESUS, 2013, p. 787. (R4).

251 SANTA TERESA, 1981, p. 894. (carta ao padre García de Toledo, fins do ano 1565:S.3 E.3 T.330 D.5).

252 TERESA DE JESUS, 2013, p. 784. (R3).

253 TERESA DE JESUS, 2013, p. 799. (R5).

254 TERESA DE JESUS, 2013, p. 814. (R19).

255 TERESA DE JESUS, 2013, p. 815. (R23).

Ao aceitar a própria realidade exige da pessoa determinação e coragem em perceber os medos e as objeções interiores.<sup>256</sup> Perceber os dons recebidos como graça, gera no ser humano uma força e determinação a viver os ensinamentos evangélicos. A experiência de estar em sintonia com Deus deixou impressa nela um desejo de falar e partilhar somente coisas verdadeiras.<sup>257</sup> Deus é misericordioso e lhe concede as graças, mesmo que ela esteja passando por dificuldades.<sup>258</sup> No caminho espiritual de encontro com o sagrado,<sup>259</sup> o segredo, segundo Teresa, é ser perspicaz em conhecer e perceber os efeitos que produzem no interior da pessoa, como dom e graça.

A quinta é orientar e ensinar mais por obras do que por palavras.<sup>260</sup> Teresa conduz o leitor a olhar no seu interior e perceber que é habitada por Deus. Observa que a pessoa humana é frágil, mas quando se coloca nas mãos de Deus se sente fortificada, acolhida, valorizada. Começa a intuir que o amor de Deus a envolve, a acolhe e a convida a deixar-se moldar e crescer no seu amor.

As experiências vividas e acolhidas como dom e graça levam o indivíduo a compreender-se como pessoa e a viver fazendo o bem a todos. Isso implica olhar para Jesus e aprender d'Ele colocando as mãos na massa e atuar, porque obras quer o Senhor.<sup>261</sup> Por sua vez é o testemunho do ser que leva Teresa a atuar desde o seu centro, isto é, na dinâmica do amor.<sup>262</sup> A proposta dela à suas co-irmãs é serem pregadoras de obras, já que, como mulheres, não podiam ser pregadoras da Palavra.<sup>263</sup> Mesmo assim, ela tem claro que toda a experiência mística leva à ação e a fazer algo para quem é mais necessitado.<sup>264</sup>

---

<sup>256</sup> TERESIANAS STJ, 2018.

<sup>257</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 421. (C40,2-3).

<sup>258</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 344. (C16,6).

<sup>259</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 550. (6M8,8ss).

<sup>260</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 839. (R66).

<sup>261</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 503. (5M3,11).

<sup>262</sup> TERESIANAS STJ, 2018.

<sup>263</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 342. (C15,6).

<sup>264</sup> TERESA DE JESUS, 2013, p. 161. (V25,3).

Em síntese, Teresa vive a certeza de que nada a podia impedir de seguir Jesus Cristo. O que importa é dedicar tempo para estar com Ele, deixar-se envolver pela sua presença, acolhendo as luzes e percepções que ajudam a encontrar o sentido existencial. Ela convida a buscar alguém para partilhar o vivido na oração, acolher e aceitar o próprio potencial e registrar as experiências de oração. O que impressiona nela é a capacidade de partilhar, e mais, motiva ao acolhimento do infinito amor de Deus que se expressa no testemunho de uma vida focada na alteridade.

## Considerações Finais

As *Relações* podem ser consideradas um espelho da alma de Teresa de Jesus, pois ela revela sua intimidade com Deus. Expressa com clareza a dinâmica do amor e da paixão por Jesus Cristo. A Santa aparece como uma mulher madura, em sua plena capacidade de amar, de auto observar e decidir o melhor caminho a seguir.

O conteúdo presente nas *Relações* tem características comuns: relato das experiências místicas e às vezes com matiz autobiográfico; ela destaca a origem mística de um acontecimento interior; partilha as reflexões pessoais e os diálogos com a Trindade; faz referência à oração mística a qual gera abertura e novos horizontes; expressa gratidão por tantas graças e dons recebidos; convida a fazer a experiência de colocar-se nas mãos de Deus; evidência na pessoa, sinais da verdadeira experiência com o sagrado, como: alegria, gozo interior, paz, ser agradecida e desejo de fazer algo por Jesus Cristo e sua missão.

No manuscrito teresiano se encontram alguns indícios que podem ser suporte para os dias de hoje. Assim, constata-se que perscrutar na experiência de Teresa pode ser luz à realidade crucial que vive bombardeada no contexto político, religioso, social, econômico que despersonaliza e torna a pessoa vulnerável. O segredo poderia ser a busca no encontro com o sagrado, a vivência do amor oblato, isto é, oração-ação-compromisso-missão.

## Referências

TERESA DE JESUS. *Obras completas*. (Coord.) Frei Patrício Sciadini. Tradução do texto estabelecido por Tomás Alvarez. 5. ed. São Paulo: Carmelitas; Loyola, 2013.

SANTA TERESA. *Cartas*. Tomás Alvarez (Ed.). Introducciones y notas. 2. ed. Burgos: Monte Carmelo, 1981.

ALVAREZ, Tomás. *Diccionario de Santa Teresa de Jesús*. Burgos: Monte Carmelo, 2001.

TERESIANAS STJ. Relectura de los escritos menores: el poder de la pregunta, el valor de la conciencia y creatividad de la palabra. In: Proyecto Nudo: Curso formativo on-line de espiritualidad teresiana. Disponível em: <<http://www.stjteresianas.org/>; <http://www.proyectonudo.com/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.



# A importância da relação da espiritualidade com a saúde

Hiranara Freitas dos Santos  
Nilton Eliseu Herbes

## Considerações iniciais

A espiritualidade e a religiosidade frequentemente são termos empregados como sinônimos. Porém, a espiritualidade está vinculada à busca do ser pelo sentido da própria existência, através de uma conexão com o transcendente. Esta busca é capaz de promover o equilíbrio, gerando grandes transformações benéficas. A religiosidade está mais associada às práticas de rituais características de cada crença religiosa. Dentro do campo de cuidado da saúde, a espiritualidade auxilia no processo de cura e é, cada vez mais, reconhecida como um fator de extrema importância no atendimento do ser humano enfermo.

Para definir espiritualidade e a sua relação com a saúde, no presente estudo, foram utilizados artigos predominantemente voltados para a assistência de enfermagem de pessoas enfermas e aos familiares delas.

## Definindo Espiritualidade e Religiosidade

A espiritualidade, o religioso e o sagrado se tornaram temas em pauta na atualidade e este fenômeno tornou-se ainda mais



evidente na saúde.<sup>265</sup> Ramon Moraes Penha e Maria Júlia Paes Silva evidenciaram este fenômeno, através da constatação da inclusão da dimensão espiritual na nova definição de saúde.<sup>266</sup>

Segundo Wilmar Barth, a espiritualidade, a religiosidade e a religião são termos semelhantes que podem ser confundidos e adotados como sinônimos. É preciso realizar uma distinção entre eles para permitir a compreensão de algumas questões pertinentes a todas as pessoas envolvidas com a religião e a saúde.<sup>267</sup>

A espiritualidade na atualidade foi incluída na dimensão essencial humana. Pode ser definida como uma força que dá sentido à vida e necessária para a evolução humana.<sup>268</sup> Assim temos a afirmativa que “toda a pessoa é necessariamente espiritual, pois é dotada de um espírito.”<sup>269</sup> Leonardo Boff vai exatamente nesta mesma direção de pensamento quando afirma que o “Espírito é o ser humano em sua totalidade enquanto ser que pensa, que decide, que tem identidade e subjetividade, é sujeito. Então espírito é o modo de ser. Não é uma parte do ser humano, é uma maneira de ser.”<sup>270</sup> Na mesma obra, Frei Beto afirma que “não existe vida espiritual separada no material, não existe um espírito que pode se deslocar da matéria, não existe um espírito dentro do nosso corpo material. O que existe é simultaneamente matéria que é puro espírito.”<sup>271</sup>

Barth busca uma definição para o termo espírito: “A palavra espírito não compreende necessariamente a presença de um Deus, mas a presença da autoconsciência na pessoa, ou seja, a capacidade de reflexão e transcendência inerente a todo o ser humano.”<sup>272</sup> A

---

265 BARTH, Wilmar Luiz. *A Religião Cura?* Teocomunicação, Porto Alegre, v. 44, n.1, p. 97-121, jan.-abr., 2014. p. 98.

266 PENHA, Ramon Moraes; SILVA, Maria Júlia Paes. Significado de Espiritualidade para a Enfermagem em Cuidados Intensivos. *Texto Contexto Enferm.* [online]., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012 Abr.-Jun.; 21(2): 260-8, p. 261.

267 BARTH, 2014, p. 108.

268 VIGIL, 2005, apud BARTH, 2014, p. 108.

269 FERRER, apud BARTH, 2014, p. 108.

270 BOFF, Leonardo; BETO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Editora Vozes, 2014, p. 100.

271 BOFF; BETO, 2014, p. 175.

272 BARTH, 2014, p. 108.

espiritualidade possui como finalidade a busca de um sentido para a vida, ou seja, o encontro da finalidade existencial.<sup>273</sup>

Penha e Silva, assim como Barth, atribuem um sentido existencialista a definição de espiritualidade. Os autores associam o termo a uma forma de transcendência à cultura e às crenças dos indivíduos:

A espiritualidade tem sido descrita, de modo geral através de elementos conceituais mais comuns, sendo estes: “sentido” que estaria relacionado a um sentido ontológico para a vida, advindo das mais diversas experiências; “valores” compostos por crenças e padrões culturalmente aceitos, estimados através de comportamentos comuns para determinados povos; “transcendência”, que seriam experiências que permeiam o campo da subjetividade [...] caracterizado pela busca do ser humano por um desdobramento da vida, a busca para um sentido pleno para a existência.<sup>274</sup>

Eymard Vasconcelos complementa afirmando que a espiritualidade é algo não necessariamente vinculado à religião:<sup>275</sup> “É um conceito que ressalta principalmente a aproximação da dinâmica com o eu profundo, que não corresponde necessariamente aos caminhos padronizados difundidos pelas hierarquias tradicionais.”<sup>276</sup>

Vasconcelos, assim como Penha e Silva, relaciona a questão cultural como parte integrante da espiritualidade do indivíduo, pois somos seres únicos e indivisíveis. Assim, nossa espiritualidade está diretamente relacionada aos valores e aspectos culturais. Os autores fundamentam a afirmação: “Assim a priorização do conceito de espiritualidade tem um papel inclusivo em uma sociedade que tende para a diversidade cultural.”<sup>277</sup>

---

<sup>273</sup> BARTH, 2014, p. 108.

<sup>274</sup> PENHA; SILVA, 2012, p. 261.

<sup>275</sup> VASCONCELOS, Eymard Mourão. Espiritualidade na educação popular em saúde. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 29, n. 79, p 324-334, set-dez, 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: dez. 2018. p. 330.

<sup>276</sup> VASCONCELOS, 2009, p. 330.

<sup>277</sup> VASCONCELOS, 2009, p. 330.

Boff salienta que as religiões não são os mais relevantes sem a espiritualidade subjacente às mesmas.<sup>278</sup> De acordo com Barth, a espiritualidade pode estar ligada ou não a uma prática religiosa formal. A espiritualidade pode ser definida como uma busca por segurança, conforto, bem-estar, força e de um ideal para a vida.<sup>279</sup> Almeida M. Saad complementa a definição de Barth:

Espiritualidade seria um conjunto de crenças que trazem vitalidade e significado aos eventos da vida, uma propensão humana para o interesse pelos outros e por si mesmo, atendendo uma necessidade de encontrar razão, esperança e vontade de viver [...].<sup>280</sup>

Para Letícia Schleder et al, a espiritualidade é uma busca individualizada pelo sagrado ou transcendente, e pode ou não estar relacionada à prática de rituais religiosos.<sup>281</sup> Um indivíduo não precisa pertencer a uma determinada religião para alcançar a espiritualidade, pois a espiritualidade possui um conceito mais amplo que a religião, uma vez que a espiritualidade se refere à busca do sentido existencial.<sup>282</sup>

Luciana Dezorzi e Maria Crossetti afirmam que a espiritualidade é essencial ao ser e integra todos os aspectos da vida humana.<sup>283</sup>

[...] a espiritualidade é compreendida como um encontro de autoconhecimento do ser com sua dimensão mais íntima e bela – a espiritual – que possibilita a conexão consigo mesmo e com o cosmo, onde se atinge recursos inigualáveis que influenciam a vida humana e suas relações com o todo.<sup>284</sup>

---

<sup>278</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - Compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>279</sup> BARTH, 2014, p. 108.

<sup>280</sup> SAAD, 2008, apud BARTH, 2014, p. 109.

<sup>281</sup> SCHLEDER, Letícia Preti; PAREJO, Lucinéia Stach; PUGGINA, Ana Cláudia; SILVA, Maria Paes. *Espiritualidade dos familiares de pacientes internados em unidade de terapia intensiva*. Acta paul Enferm. [online], Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2013; 26(1): 71-8. p. 72.

<sup>282</sup> SCHLEDER, 2013, p. 72.

<sup>283</sup> DEZORZI, Luciana Wintercom; CROSSETTI, Maria da Graça Oliveira. A espiritualidade no cuidado de si para profissionais de enfermagem em terapia intensiva. *Rev. Latino-Am Enfermagem* 2008, março-abril, 16 (2), p. 2. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>>. Acesso em: jan. 2019.

<sup>284</sup> DEZORZI e CROSSETTI, 2008, p. 2.

Além do aspecto da transcendência e da conexão com algo superior, Isabel Arrieira et al, por sua vez, associa diretamente a espiritualidade à presença de Deus: “Viver a espiritualidade é a forma amorosa de sentir o tempo, tendo o privilégio de ver Deus, o mistério último em toda a parte. A espiritualidade amplia a visão, possibilitando a relação de transcendência com esta força universal.”<sup>285</sup>

Um aspecto relevante evidenciado no estudo da espiritualidade é o surgimento de sentimentos, que podem ser transformados em ações benéficas, por parte de todos aqueles e todas aquelas que vivenciam a prática da espiritualidade, tais como a solidariedade, a compaixão e o amor incondicional. Estes sentimentos atribuem sentido ao processo de viver e morrer, assim como são essenciais na implementação do cuidado espiritual, que deve ser integrado à prática dos e das profissionais envolvidos no cuidado humano.<sup>286</sup>

A espiritualidade e a religiosidade têm recebido destaque na atualidade, principalmente a partir do ano 2000, após haver um crescimento das publicações sobre espiritualidade em saúde, pois as crenças e práticas religiosas e espirituais são consideradas ferramentas importantes para lidar com situações de desequilíbrio da saúde e de preparo para a morte.<sup>287</sup>

Hoje a espiritualidade é considerada até mesmo nos aspectos referentes às relações interpessoais dos profissionais.<sup>288</sup> Frequentemente, os conceitos de espiritualidade, religiosidade e religião têm sido empregados como sinônimos, principalmente até

---

285 ARRIEIRA, Isabel Cristina de Oliveira; THOFERN NB, Maria Buss; SCHAFERC, Osmar Miguel; KANTORSKI, Luciane Prado; CARDOSOB, Daniela Habesost. O sentido do cuidado espiritual na integralidade na atenção em cuidados paliativos. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017, 38 (3). Epub 12-Abr-2018. p. 5.

286 ARRIEIRA et al, 2017, p. 2.

287 PENHA; SILVA, 2012, p. 261.

288 PENHA; SILVA, 2012, p. 261.

a virada do século XIX. No entanto, para que haja uma definição mais clara deles, cabe estabelecer uma diferenciação entre estes.<sup>289</sup>

Segundo Rosano Farra e César Geremia, a religião possui a seguinte definição: “[...] prática institucionalizada de um sistema de crenças, rituais e símbolos, compartilhada em uma comunidade”.<sup>290</sup> Para Penha e Silva, a religião está relacionada a rituais. Os autores fundamentam a afirmação: “[...] Religião por sua vez, pode ser compreendida como a sistematização de elementos ritualísticos e simbólicos, que configuram e determinam o modo como às pessoas acessam o divino e o sagrado [...]”.<sup>291</sup> Schleder et al., em concordância com Penha e Silva, também atribui o conceito de religião às práticas de rituais: “É um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designados para facilitar o acesso ao sagrado, ao transcendente (Deus, Força Maior, Verdade Suprema)”.<sup>292</sup> Raquel Panzini et al. elaboram uma reflexão mais ampla dos conceitos de religião e religiosidade. Afirma que a religião continua a existir até mesmo após a morte do ser:

[...] A religião é a “crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do universo, que deu ao homem uma natureza espiritual que continua a existir depois da morte de seu corpo”. Religiosidade é a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião.<sup>293</sup>

Para Ma Benko, a religião é associada à crença no sobrenatural: “Religião é uma crença no sobrenatural ou em uma força divina que tem poder sobre o universo e comanda a adoração e a obediência por intermédio de código abrangente de ética e de filosofia [...]”.<sup>294</sup> Segundo Ana Catarina Elias, a religião pode ser definida como: “[...] confissões de fé, são formas codificadas e

---

<sup>289</sup> FARRA, Rosano André; GEREMIA, Cesar. Educação em Saúde e Espiritualidade: Proposições Metodológicas. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 34 (4): 587-597. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, RS. 2010. p. 588.

<sup>290</sup> FARRA; GEREMIA, 2010, p. 588.

<sup>291</sup> PENHA; SILVA, 2012, p. 261.

<sup>292</sup> SCHLEDER et al, 2013, p. 72.

<sup>293</sup> PANZINI, Raquel Gehrke; ROCHA, Neusa Sicca; BANDEIRA, Denise Ruschel; FLECH, Marcelo Pio de Almeida. Qualidade de Vida e Espiritualidade. *Rev. Psiq. Clin. [online]*, Universidade de São Paulo, São Paulo. 34, supl. 1, 105-115, POA-RS, 2007. p. 106.

<sup>294</sup> BENKO apud SCHLEDER et al, 2013, p. 72.

dogmatizadas de experiências espirituais originárias”.<sup>295</sup> A espiritualidade pode não estar relacionada à adesão de uma prática religiosa, assim como a religiosidade pode não estar associada ao desenvolvimento pleno da espiritualidade: “[...] existem pessoas espiritualizadas que nunca participaram de organizações religiosas e existem outras que frequentam regularmente serviços religiosos e não são espiritualizadas [...]”.<sup>296</sup> Pois, Ana Catarina de Araújo Elias atribui a espiritualidade à ampliação da consciência através de um contato com a divindade, com sentimentos e pensamentos superiores que fortalecem e amadurecem o ser. A autora refere que isso pode ocorrer através de práticas tais como a meditação.<sup>297</sup>

Portanto, a espiritualidade pode estar relacionada a uma conexão com o transcendente e a uma busca por valores fortalecedores que atribuem sentido à vida humana, e as práticas religiosas podem estar associadas aos rituais próprios de cada crença religiosa.

## O Encontro da Espiritualidade com a Saúde

Uma visão focada somente na análise biologicista do ser humano desviou a atenção aos aspectos espirituais envolvidos na compreensão do processo saúde-doença. Vasconcelos fundamenta a afirmação:

[...] a visão dualista inerente ao paradigma newtoniano e cartesiano de ciência, que separa o mundo da matéria do mundo do espírito, tornou ilegítima a consideração das dimensões religiosas da vida humana na investigação da gênese das doenças e na busca por medidas terapêuticas. [...]<sup>298</sup>

De acordo com o autor, os momentos destinados ao debate das vivências espirituais nos espaços acadêmicos têm ocorrido de

---

<sup>295</sup> ELIAS, Ana Catarina de Araújo. *Dor Simbólica da Morte: Relaxamento Mental, Imagens Materiais e Espiritualidade*. Psicologia, Ciência e Profissão [online], Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 2003, 23(1), 92-97, p. 93.

<sup>296</sup> ELIAS, 2003, p. 93.

<sup>297</sup> ELIAS, 2003, p. 95.

<sup>298</sup> VASCONCELOS, 2009, p. 324.

forma rara e silenciosa devido a um sentimento de vergonha, ocasionado pela suspeita do modelo newtoniano-cartesiano de ciências em relação à religião.<sup>299</sup> No entanto, o surgimento de uma crescente insatisfação causada por este modelo que enfatiza os aspectos biologicistas, ocasionou uma mudança em relação a esta visão. Mesmo após esta mudança cultural, poucos estudos acadêmicos em saúde aderiram à análise da espiritualidade do ser, na compreensão do processo saúde-doença.<sup>300</sup> Mas, Penha e Silva, três anos depois, apresentam argumentos contrários à Vasconcelos. Eles afirmam que a ciência e a religião têm se aproximado de forma mais intensa.<sup>301</sup>

[...] Indubitavelmente, o processo de retomada dos valores humanos no atendimento, associado a importância cultural dos aspectos religiosos como itinerantes no processo cura/reabilitação de doenças, têm sido mecanismos fundamentais para a entrada do discurso da espiritualidade, no atendimento em saúde.<sup>302</sup>

Barth, em concordância com Penha e Silva, afirma que a religião e a espiritualidade são ferramentas importantes na compreensão do processo cura e adoecimento.<sup>303</sup> Para o autor:

O sagrado e o religioso, particularmente a espiritualidade e a fé, retornaram como temas de pauta na atualidade. [...] Isto é ainda mais visível quando se toma em conta a questão saúde. Inúmeros são os estudos envolvidos nesta área.<sup>304</sup>

Veridiana Pacheco e Marli Souza relatam que, na atualidade, a relação entre ciência e espiritualidade tem promovido mudanças que estão sendo debatidas por diversas áreas do conhecimento ao longo dos últimos anos.<sup>305</sup>

---

299 VASCONCELOS, 2009, p. 324.

300 VASCONCELOS, 2009, p. 324.

301 PENHA; PAES, 2012, p. 261.

302 PENHA; PAES, 2012, p. 261.

303 BARTH, 2014, p. 99.

304 BARTH, 2014, p. 98.

305 PACHECO, Veridiana de Fátima Robaina; SOUZA, Marli Olina. *Saúde e Espiritualidade: A Visão sistêmica da Família e o Processo de Ampliação da Consciência*. Temas em educação em saúde.

Nas últimas três décadas, a comunidade científica mundial avança em direção a uma crítica em relação a ciência moderna. [...] Os paralelos entre ciência e espiritualidade, estão aparecendo não apenas na física, mas também na biologia, na psicologia e em outras ciências. [...] <sup>306</sup>

Barth complementa a afirmação das autoras: “[...], no entanto, todo este avanço científico e racional foi como parte da entrada para novos dilemas existenciais, e o ser humano se deu conta de sua fragilidade”. <sup>307</sup> Portanto, estes sentimentos de vazio e de empobrecimento dos valores espirituais, referidos pela literatura, também se refletiram na assistência em saúde. Panzini et al. reforçam as afirmações de Pacheco e Souza, referentes ao estabelecimento de uma relação direta entre a ciência e a espiritualidade, abordando o surgimento da espiritualidade baseada em evidências. <sup>308</sup>

[...] Existem abundância de dados sobre os impactos da religião na vida das pessoas. [...] Atualmente, existem centenas de artigos científicos mostrando uma associação entre espiritualidade/religião e saúde – que é estatisticamente válida e possivelmente causal. <sup>309</sup>

Valdir Reginato et al. abordam a relevância da espiritualidade e da fé para a assistência em saúde. Mesmo que estes temas tenham sido evitados ou até desconsiderados nas últimas décadas, os mesmos sempre estiveram presentes nos fatores influentes dos processos de cura. <sup>310</sup>

Barth justifica a inclusão da espiritualidade como uma ferramenta válida para a implementação da assistência em saúde, que tem sido frequentemente mencionada pela literatura. Ressaltando que a modernidade e a pós-modernidade ocasionaram

---

[S.l.], junho 2016, ISSN 2526-7471. Disponível em: <<http://periodicosfclar.unesp.br/tes/article/view9817>>. Acesso em: mar. 2019. p. 110.

<sup>306</sup> PACHECO, 2016, p. 110.

<sup>307</sup> BARTH, 2014, p. 100.

<sup>308</sup> PANZINI et al, 2007, p. 106.

<sup>309</sup> LEVIN, 1994, apud PANZINI, 2007, p. 106.

<sup>310</sup> REGINATO, Valdir; BENETTO, Maria Auxiliadora Graice; GALLIAN, Dante Marcelo Claramonte. *Espiritualidade e Saúde: Uma Experiência na Graduação em Medicina e Enfermagem*. Trab. Educ. Saúde [online], Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 237-255, jan/abr., 2016. p. 238.



um desencanto, originando o individualismo e, desta forma, resultando em um empobrecimento dos valores espirituais.<sup>311</sup> Portanto, estes sentimentos referidos na literatura atingiram a assistência em saúde, causando uma mudança de paradigmas. Na atualidade, a adesão de componentes curriculares voltados para a implementação da assistência espiritual de pacientes e familiares na estrutura curricular dos cursos de graduação<sup>312</sup> de diferentes áreas da saúde tem sido apontada pela literatura como um foco de preocupação. Reginato et al. complementam:

Tem sido conhecido o fato de que o ensino baseado exclusivamente no modelo biomecânico, não responde aos anseios de estudantes e jovens profissionais da área da saúde no que diz respeito ao tema humanização em saúde.<sup>313</sup>

Os mesmos autores relatam a fala de estudantes dos cursos de graduação em enfermagem e medicina, obtidas através de um estudo científico de própria autoria. Este foi elaborado com estudantes matriculados na disciplina optativa Espiritualidade e Saúde, na universidade que foi realizada a pesquisa referida:

Durante o curso Espiritualidade e Saúde, os estudantes de medicina e enfermagem, mostraram suas preocupações acerca da desumanização vigente nas práticas das ciências da saúde, principalmente caracterizados por pacientes descontentes diante de profissionais que talvez por falta de preparo, praticamente ignoram o sofrimento de seus pacientes. [...] <sup>314</sup>

Arrieira et al., assim como Reginato et al., também apontam o despreparo dos e das profissionais da saúde para a implementação da assistência espiritual: “Sabe-se que as

---

<sup>311</sup> BARTH, 2014, p. 99.

<sup>312</sup> O IESVAP - Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba S.A, realizou nos dias 15 e 16 de fevereiro de 2019, o primeiro simpósio de medicina e espiritualidade e o lançamento da disciplina Medicina e Espiritualidade como parte integrante da grade curricular. Assim como, o Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), iniciou o Programa Espiritualidade e Religiosidade (proSER), no qual os ou as pacientes que estão realizando tratamento no Instituto de Psiquiatria, respondem uma anamnese que visa mapear o perfil espiritual e ou religioso dos mesmos.

<sup>313</sup> REGINATO et al, 2016, p. 248.

<sup>314</sup> REGINATO et al, 2016, p. 248

necessidades espirituais das pessoas com doenças que ameaçam a vida, geralmente, não são atendidas pelos profissionais da saúde em virtude da falta de preparo”.<sup>315</sup>

Pacheco e Souza relatam sobre a visão holística do ser humano e de sua indivisibilidade. Destacam que o ser é composto pelo corpo e pela alma. A doença instala-se a partir do momento que ocorre um processo de desequilíbrio.<sup>316</sup>

Corpo e alma formam um todo indivisível [...]. É completamente consistente com a ciência moderna, na qual viemos a compreender a relação entre mente e corpo como uma relação entre processo (cognitivo) e estrutura (viva) que representam dois aspectos complementares do fenômeno da vida [...] a doença é causada não somente por germes, substâncias químicas e traumas físicos, mas também por disfunções crônicas dos padrões de energia emocional e pelos maus hábitos de relacionamento da pessoa consigo mesmo e com os outros.<sup>317</sup>

Estes autores não falam do terceiro componente, que seria o espírito, sendo que essa tríade é definida como o ser humano integral. Deolindo Feltz, teólogo luterano, afirma que o ser humano embora seja único, é composto por diversas partes.<sup>318</sup> Howard Clinebell relata que a assistência integral do ser visando o equilíbrio abrange seis dimensões, descritas pelo autor como “[...] interdependentes da vida de uma pessoa [...]”.<sup>319</sup> Clinebell complementa a afirmação, descrevendo os aspectos que abrangem a assistência holística do ser:

[...] para haver integralidade, é preciso: avivar a mente (psico), revitalizar o corpo (bio), renovar e enriquecer os relacionamentos íntimos (socio), aprofundar a sua relação com a natureza e a biosfera (eco), crescer em relação a instituições significativas em

---

<sup>315</sup> ARRIEIRA et al, 2017, p. 2.

<sup>316</sup> PACHECO; SOUZA, 2016, p. 116.

<sup>317</sup> PACHECO; SOUZA, 2016, p. 116.

<sup>318</sup> FELTZ, Deolindo. Oncologia e espiritualidade: relevância e possibilidades de uma capelania hospitalar junto a pacientes oncológicos indicados a um programa de cuidados paliativos. *Trabalho Final de Mestrado Profissional*, 82 p. Orientador Nilton Eliseu Herbes – São Leopoldo: EST/PPG/2017. p. 11.

<sup>319</sup> CLINEBELL, J. Howard. Aconselhamento Pastoral. Modelo Centrado em Libertação e Crescimento. 4ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007. p. 28.

sua vida (insti), aprofundar e revitalizar o relacionamento com Deus (espiritual).<sup>320</sup>

Dessa forma, percebemos que o ser humano é composto por várias dimensões que lhe são inerentes.

Carla Braz Evangelista et al., em concordância com Pacheco e Souza, aponta a existência e a relevância da dimensão espiritual do ser humano, reforçando a impossibilidade de focar a atenção apenas para os aspectos biológicos, negligenciando ou ignorando a espiritualidade do ser:

A dimensão espiritual tem sido reconhecida como um importante recurso interno, que ajuda indivíduos a enfrentarem as adversidades, os eventos traumatizantes e estressantes, particularmente relacionados com os processos de saúde e doença [...]<sup>321</sup>

Arrieira et al., assim como Evangelista, também menciona a impossibilidade de desconsiderar as dimensões espirituais dos e das pacientes:

[...] surge também o despertar do ser humano quanto aos valores relacionados a espiritualidade. Sendo frequentes as pesquisas que demonstram que as crenças espirituais influenciam o enfrentamento de doenças. Sendo cada vez mais difícil ignorar as necessidades espirituais dos pacientes [...]<sup>322</sup>

O reconhecimento dos aspectos espirituais do ser torna-se essencial para a prática profissional. “[...] Pesquisa ressalta que os enfermeiros precisam conhecer as necessidades espirituais dos pacientes para que possam refletir e esclarecer preocupações que perturbam o equilíbrio espiritual de cada indivíduo”.<sup>323</sup>

---

320 CLINEBELL, 2007. p. 28-29.

321 EVANGELISTA, Carla Braz; LOPES, Maria Emília Limeira; COSTA, Solange Fátima Geraldo da; ABRÃO, Fátima Maria da Silva; BATISTA, Patrícia Serpa de Souza; OLIVEIRA, Regina Célia de. *Espiritualidade no cuidar de pacientes em cuidados paliativos*: Um estudo com enfermeiros. Escola Anna Nery [online], Rio de Janeiro. 2016, 20(1), jan.-mar., pp 176-182. p. 177.

322 ARRIEIRA et al, 2017, p. 2.

323 RONALDSON, 2012, apud EVANGELISTA et al, 2016, p. 177.

Cada vez mais os e as profissionais da enfermagem reconhecem a espiritualidade como algo intrínseco ao ser humano, como um fator que promove apoio, força e fé.<sup>324</sup> De acordo com Evangelista et al., uma assistência de enfermagem, considerando uma visão holística, promove um cuidado de enfermagem de qualidade.<sup>325</sup>

Arrieira et al. e Harold Koenig propõem uma conduta prática voltada para garantir uma assistência de enfermagem fundamentada na humanização e na consideração dos aspectos espirituais dos e das pacientes: “os profissionais de saúde devem obter um histórico espiritual de todos os pacientes com doença crônica, incapacitante, ou grave e documentá-lo, assim como, o que fazem em relação aos aspectos físicos e psicológicos”.<sup>326</sup>

Thays Dutra Chiarato Veríssimo relata sobre um dos possíveis diagnósticos de enfermagem, constatado pelo enfermeiro ou pela enfermeira ao implementar a sistematização do atendimento de enfermagem, denominado “Risco para o sofrimento espiritual”. Ele integra a taxonomia dos diagnósticos de enfermagem, presente na organização profissional, atualmente denominada como NANDA Internacional (NANDA-I).<sup>327</sup> Esta ferramenta utilizada para a implementação da prática de enfermagem na atualidade vem contribuindo para a autonomia da profissão, pois permite que enfermeiros ou enfermeiras possam implementar uma prática holística. No entanto, estes diagnósticos necessitam ser compartilhados com técnicos e técnicas de enfermagem, para que possam ser implementadas ações conjuntas, visando o atendimento integral às pessoas enfermas, que considere as dimensões espirituais do ser.

Veríssimo relata a descrição associada ao diagnóstico de enfermagem “Risco para o sofrimento espiritual”, segundo a taxonomia da NANDA-I:

---

<sup>324</sup> EVANGELISTA et al, 2016. p. 178.

<sup>325</sup> EVANGELISTA, 2016, p. 177.

<sup>326</sup> KOENIG, 2012, apud ARRIEIRA et al, 2017, p. 2.

<sup>327</sup> VERÍSSIMO, Thays Dutra Chiarato. Cuidado pré-operatório de enfermagem e a utilização do diagnóstico de enfermagem “risco de sofrimento espiritual”, realidade ou utopia. *Trabalho Final de Mestrado Profissional*, 74 p. Orientador Nilton Eliseu Herbes – São Leopoldo: EST/PPG/2017. p. 48.

[...] paciente que estiver em processo de transição de vida, fora surpreendido por desastre natural e/ou mudança de ambiente, [...] usuários de drogas, [...] enfermidades crônicas e/ou físicas, esteja ansioso, com baixa autoestima, desenvolvendo barreiras para experimentar o amor, ou ainda em conflito cultural, racial ou em estado depressivo, com incapacidade de perdoar, tenha tido mudanças em rituais religiosos ou espirituais, ou perdas, independente da magnitude, ou ainda sua relação interpessoal seja ineficaz com separação do sistema de apoio, podem vir a desenvolver sofrimento espiritual.<sup>328</sup>

Maria Aparecida Gussi e Jane Lynn Dytz relatam sobre a participação ativa da espiritualidade ao longo da história da enfermagem:

[...] buscou-se verificar quais os pontos de inserção entre o discurso da enfermagem e os preceitos que albergam a religião/religiosidade e espiritualidade, como se deu a incorporação e o reflexo deste discurso nas práticas assistenciais, no ensino, no delineamento e na organização da profissão.<sup>329</sup>

As autoras referem que as junções destes três fatores estão relacionadas à oposição ao profano, ou seja, estas práticas priorizam algo que se distingue do material. A enfermagem contemporânea também foi baseada em princípios cristãos.<sup>330</sup> O surgimento das enfermidades ocasiona um profundo impacto na vida dos e das pacientes e dos familiares. Estas mudanças podem gerar repercussões positivas ou negativas na vida de todas as pessoas envolvidas neste processo.

Diante do adoecimento, comumente surge o temor da morte. Segundo Arriera et al., a espiritualidade é uma ferramenta essencial para o conforto espiritual do ser.<sup>331</sup> “A espiritualidade fornece preparo para o enfrentamento da morte com naturalidade, sendo então, importante manter ativa esta relação com um

---

<sup>328</sup> DA NANDA, 2015 apud VERÍSSIMO, 2017, p. 48.

<sup>329</sup> GUSSI, Maria Aparecida; DYTZ, Jane Lynn. Religião e espiritualidade no ensino e assistência de enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.* [online], Associação Brasileira de Enfermagem, Brasília, 2008, maio-jun.: 61(3): 377-84. p. 378.

<sup>330</sup> GUSSI e DYTZ, 2008, p. 378.

<sup>331</sup> ARRIERA et al, 2017, p. 5.

pensamento que os remete a espiritualidade”.<sup>332</sup> Arrieira et al. complementa a afirmação:

[...] a partir do cultivo deste valor, compreende-se que a terminalidade da vida é apenas a morte física de um indivíduo, sendo que existe algo muito além do viver humano. [...] Observa-se que a tranquilidade perante o fim tem relação com a confiança depositada em Deus. O fato de não sentirem medo da morte, inclusive permite que o assunto seja abordado junto a seus familiares, possibilitando um preparo para esse momento.<sup>333</sup>

O surgimento de uma enfermidade, assim como o ato de considerar uma possível complicação no quadro clínico que poderia resultar na morte do ou da paciente, foi mencionado na literatura como um momento capaz de gerar inúmeras transformações na vida do sujeito e dos familiares. Ao considerar a possibilidade de morrer, o ou a paciente comumente valoriza a vida.<sup>334</sup> “Na vigência da proximidade da morte, o tempo passa a ser compreendido com grande importância no que se refere a existência”.<sup>335</sup>

Vasconcelos relata sobre os conflitos pessoais e familiares desencadeados pelo adoecimento:

A crise existencial trazida pela doença, leva o paciente e seu grupo social a importantes questionamentos sobre suas vidas. São questionamentos intensamente impregnados de emoção, em que elementos inconscientes da subjetividade participam intensamente. Podem resultar em amplas transformações positivas ou em grandes catástrofes pessoais e familiares.<sup>336</sup>

Vasconcelos complementa:

[...] Os portadores de doenças graves vivem crises subjetivas intensas e mergulham com profundidade em dimensões inconscientes de subjetividade. É nessa elaboração subjetiva profunda que são construídos novos sentidos e significados para

---

<sup>332</sup> ARRIEIRA et al, 2017, p. 5.

<sup>333</sup> ARRIEIRA et al, 2017, p. 5.

<sup>334</sup> ARRIEIRA et al, 2017, p. 5.

<sup>335</sup> ARRIEIRA et al, 2017, p. 5.

<sup>336</sup> VASCONCELOS, 2009, p. 325.

suas vidas, capazes de mobilizá-los na difícil tarefa de reorganização do viver, exigida para a conquista da saúde. [...] <sup>337</sup>

Esta reorganização no estilo de vida dos ou das pacientes e dos grupos familiares impostos pelo surgimento da doença exige uma grande força interior que pode ser estimulada através da vivência da espiritualidade, da religiosidade e do apoio dos e das profissionais da saúde, quando estes e estas são devidamente capacitados e capacitadas para a tarefa. <sup>338</sup>

Moema da Silva Borges et al. reforçam as afirmações de Vasconcelos e Arrieira et al. sobre a relevância de focar a atenção para a promoção do conforto espiritual na assistência implementada ao ou à paciente. A autora afirma que a espiritualidade e a religiosidade são essenciais para a aquisição de conforto e coragem diante das adversidades da vida: <sup>339</sup>

As crenças sobre religião e espiritualidade podem influenciar o modo como os pacientes e profissionais da saúde percebem a saúde e a doença e como interagem com os outros. [...] há razões clínicas para abordar a espiritualidade e a religiosidade na prática de saúde, dentre as quais se destacam: muitos pacientes são religiosos e gostariam de abordar estes temas nos cuidados em saúde; as crenças religiosas afetam decisões médicas e podem criar obstáculos na adesão aos tratamentos. [...] muitos pacientes têm necessidades espirituais relacionadas a doença que podem afetar sua saúde mental e tais demandas precisam ser atendidas. <sup>340</sup>

Portanto, a espiritualidade revelou-se essencial para o enfrentamento das situações de doença e morte. A espiritualidade é capaz de fornecer suporte aos enfermos ou às enfermas e aos familiares dos mesmos ou das mesmas. “[...] A espiritualidade promove suporte por meio da fé, da oração, da confiança em algo

---

<sup>337</sup> VASCONCELOS, 2009, p. 325.

<sup>338</sup> VASCONCELOS, 2009, p. 325.

<sup>339</sup> BORGES, Moema da Silva; SANTOS, Marília Borges Couto; PINHEIRO, Tiago Gomes. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Rev. Bras. Enferm.*, 2015, jul.-ago.; 64 (4): 609-16. Disponível em: <<http://dx.doi.org/101590/0034-7167.201568046i>>. Acesso em: mar. 2019. p. 610.

<sup>340</sup> KOENING, 2012, apud BORGES et al, 2015, p. 610.

superior, dando-lhes força para enfrentamento e atribuído sentido à vida”.<sup>341</sup>

## Considerações Finais

Atualmente não há dúvidas quanto à importância da integração da espiritualidade no campo do cuidado da saúde, pois a espiritualidade promove equilíbrio, fortalece a esperança e atribui forças para o enfrentamento das dificuldades em momentos de incertezas, dores e angústias.

O apoio espiritual (que seria um outro tema a ser discutido) tem se evidenciado relevante na assistência humanizada, que contempla uma visão holística, do ser humano. Percebe-se que há tentativas de aproximação ao tema da espiritualidade em vários contextos do cuidado à saúde, assim como há diferentes visões sobre o tema, o que demonstra que ainda temos um longo caminho a percorrer para chegarmos ao que poderíamos ter como ideal neste processo de cuidado integral.

Independentemente se espiritualidade pode ser vivido também longe ou fora de contextos de religião, é importante ter consciência que vivemos num contexto onde a grande maioria da população possui um vínculo religioso ou filosófico com alguma organização, seja ela igreja ou qualquer outra forma de congregar pessoas que creem em um ser superior, que pode ou não ser denominado de Deus. Por esse fato, devemos partir do pressuposto de que o tema da espiritualidade possui sua importância em todos os momentos de vida das pessoas, com mais força ainda nos momentos de crise, como momentos de enfermidade.

## Referências

ARRIEIRA, Isabel Cristina de Oliveira; THOFERN NB, Maria Buss; SCHAFERC, Osmar Miguel; KANTORSKI, Luciane Prado; CARDOSOB, Daniela Habesost. O sentido do cuidado espiritual na integralidade

---

<sup>341</sup> ARRIEIRA et al, 2017, p. 4.



na atenção em cuidados paliativos. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017, 38 (3). Epub 12-Abr-2018.

BARTH, Wilmar Luiz. A Religião Cura? *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 44, n.1, p. 97-121, jan.-abr.; 2014.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - Compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo; BETO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Editora Vozes, 2014.

BORGES, Moema da Silva; SANTOS, Marília Borges Couto; PINHEIRO, Tiago Gomes. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Rev. Bras. Enferm.*, 2015, jul.-ago.; 64 (4): 609-16. Disponível em: <<http://dx.doi.org/101590/0034-7167.201568046i>>. Acesso em: mar. 2019.

CLINEBELL, J. Howard. *Aconselhamento Pastoral*. Modelo Centrado em Libertação e Crescimento. 4ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

DEZORZI, Luciana Wintercorn; CROSSETTI, Maria da Graça Oliveira. A espiritualidade no cuidado de si para profissionais de enfermagem em terapia intensiva. *Rev. Latino-Am Enfermagem* 2008, março-abril, 16 (2), Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>>. Acesso em: jan. 2019.

ELIAS, Ana Catarina de Araújo. Dor Simbólica da Morte: Relaxamento Mental, Imagens Materiais e Espiritualidade. *Psicologia, Ciência e Profissão* [online], Conselho Federal de Psicologia, Brasília. 2003, 23(1), p. 92-97.

EVANGELISTA, Carla Braz; LOPES, Maria Emília Limeira; COSTA, Solange Fátima Geraldo da; ABRÃO, Fátima Maria da Silva; BATISTA, Patrícia Serpa de Souza; OLIVEIRA, Regina Célia de. *Espiritualidade no cuidar de pacientes em cuidados paliativos: Um estudo com enfermeiros*. Escola Anna Nery [online], Rio de Janeiro. 2016, 20(1), jan.-mar. p. 176-182.

FARRA, Rosano André; GEREMIA, Cesar. *Educação em Saúde e Espiritualidade: Proposições Metodológicas*. Revista Brasileira de Educação Médica. 34 (4): 587-597. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, RS. 2010.

FELTZ, Deolindo. *Oncologia e espiritualidade: relevância e possibilidades de uma capelania hospitalar junto a pacientes oncológicos indicados a um programa de cuidados paliativos*. Trabalho Final de Mestrado Profissional, 82 p. Orientador Nilton Eliseu Herbes – São Leopoldo: EST/PPG/2017.

GUSSI, Maria Aparecida; DYTZ, Jane Lynn. Religião e espiritualidade no ensino e assistência de enfermagem. *Rev. Bras. Enferm.* [online], Associação Brasileira de Enfermagem, Brasília, 2008, maio-jun.: 61(3): 377-84.

PACHECO, Veridiana de Fátima Robaina; SOUZA, Marli Olina. Saúde e Espiritualidade: *A Visão sistêmica da Família e o Processo de Ampliação da Consciência*. Temas em educação em saúde. [S.l.], junho 2016. Disponível em: <<http://periodicosfclar.unesp.br/tes/article/view9817>>. Acesso em: mar. 2019.

PANZINI, Raquel Gehrke; ROCHA, Neusa Sicca; BANDEIRA, Denise Ruschel; FLECH, Marcelo Pio de Almeida. Qualidade de Vida e Espiritualidade. *Rev. Psiq. Clin.* [online], Universidade de São Paulo, São Paulo. 34, supl. 1, 105-115, POA-RS, 2007.

PENHA, Ramon Moraes; SILVA, Maria Júlia Paes. Significado de Espiritualidade para a Enfermagem em Cuidados Intensivos. *Texto Contexto Enferm.* [online]., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012 Abr.-Jun.; 21(2): 260-8.

REGINATO, Valdir; BENETTO, Maria Auxiliadora Graice; GALLIAN, Dante Marcelo Claramonte. *Espiritualidade e Saúde: Uma Experiência na Graduação em Medicina e Enfermagem*. *Trab. Educ. Saúde* [online], Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 237-255, jan/abr., 2016.

SCHLEDER, Letícia Preti; PAREJO, Lucinéia Stach; PUGGINA, Ana Cláudia; SILVA, Maria Paes. Espiritualidade dos familiares de pacientes internados em unidade de terapia intensiva. *Acta paul Enferm.* [online], Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2013; 26(1): 71-8.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. *Espiritualidade na educação popular em saúde*. Cad: Cedes, Campinas, vol. 29, n. 79, p 324-334, set-dez, 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: dez. 2018.

VERÍSSIMO, Thays Dutra Chiarato. *Cuidado pré-operatório de enfermagem e a utilização do diagnóstico de enfermagem "risco de sofrimento espiritual", realidade ou utopia*. Trabalho Final de Mestrado Profissional, 74 p. Orientador Nilton Eliseu Herbes – São Leopoldo: EST/PPG/2017.



## Índice onomástico

- arte: artes, 9
- assistência espiritual, 143, 144
- cidadania, 20, 98, 106
- cinema: cinematográfico, 8
- CNBB, 5, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 32, 33
- coaching, 5, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 63, 66, 67, 68, 70, 90, 91, 92, 96
- competências, 55, 57, 59, 63, 68, 69, 86, 88, 91, 92, 94
- complexidade, 65, 85, 90
- democracia, 7, 8, 10
- direito, 9, 10
- direitos humanos, 9, 10, 49, 102, 106
- Doutrina Social da Igreja, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 32
- empresas, 40, 41, 42, 55, 56, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 71, 88, 90, 91, 92, 93
- espírito, 39, 44, 48, 61, 65, 66, 76, 87, 117, 120, 132, 133, 140, 145
- espiritualidade, 142
- Estética, 8
- experiência, 8, 10, 16, 46, 54, 68, 70, 110, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129
- gestão, 5, 7, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 43, 48, 90, 95
- igrejas protestantes, 5, 34, 38, 39, 40, 41, 42
- inteligência espiritual, 5, 46, 55, 56, 59, 60, 61, 62, 66, 67, 74, 76, 77, 79, 81, 85, 88, 89, 90, 92
- liberdade, 7, 9, 10
- líderes, 22, 35, 36, 38, 39, 54, 57, 60, 63, 64, 65, 66, 77
- Mimetismo, 5, 104
- mística: místicas, 79, 86, 117, 123, 124, 129
- modernidade, 55, 56, 59, 76, 81, 84
- organização, 7, 19, 21, 22, 35, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 50, 56, 57, 65, 85, 94, 102, 113
- pedagogia, 53, 94, 101

Pedagogia Social, 5, 98, 99,  
100, 101, 103, 107, 108

religião, 8, 10

religiosidade, 14, 60, 80, 90,  
98, 104, 108, 131, 132,  
136, 137, 138, 139, 148,  
151

sagrado, 5, 61, 68, 110, 114,  
118, 119, 123, 124, 126,  
128, 129

saúde, 5, 13, 26, 76, 85, 131,  
132, 134, 137, 140, 141,  
142, 143, 144, 146, 147,  
150, 151, 152, 154, 155

Teresa de Jesus, 73, 74, 80,  
114, 129

Transcendência, 54, 133, 136

Average 14pt (título 1); Average 10,5 pt (Corpo do texto); Average 8pt (Rodapé).

Publicação eletrônica em PDF

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001